

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC – SP**

**ATTA AMICHIA ACHILLE**

**A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E A MISSÃO DA IGREJA FRENTE AO DESAFIO  
DO PENTECOSTALISMO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

**DOUTORADO EM TEOLOGIA**

**SÃO PAULO**

**2012**

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC – SP**

**ATTA AMICHIA ACHILLE**

**A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E A MISSÃO DA IGREJA FRENTE AO DESAFIO  
DO PENTECOSTALISMO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

**DOUTORADO EM TEOLOGIA**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de **Doutor em Teologia – Missiologia** sob a orientação do Prof., Doutor **Kuniharu Iwashita**.

**SÃO PAULO**

**2012**

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

## ***Agradecimentos***

*Hoje, finalizando mais uma etapa acadêmica, quero tecer sinceros agradecimentos, com todo meu coração, a algumas pessoas, que de modo especial, fazem parte da minha jornada no Planeta Terra e que participaram e ainda participam ativamente de minha vida.*

*Com todo carinho e afeto, agradeço:*

*Ao caro Reitor Prof. Dr. Valeriano Santos Costa, pela paciência, atenção e acolhida.*

*Ao caro Prof. Dr. Cônego Antônio Manzatto, Vice-Reitor da Unifai, pela acolhida e ajuda durante todo o tempo de duração dos meus estudos.*

*A toda Diretoria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Ipiranga (São Paulo)-SP, bem como a todos os professores, pela dedicação, prontidão e acolhida, de modo especial ao Coordenador de Programa de Faculdade de Teologia, Prof. Dr. Matthias Grenzer, pela grande compreensão e paciência.*

*Ao meu grande e querido orientador, o Prof. Dr. Kuniharu Iwashita, pelo estímulo, apoio, encorajamento, orientação e disponibilidade.*

*À Banca examinadora que analisou com competência este meu trabalho de pesquisa.*

*A Sua Eminência Dom Odilo Pedro, Cardeal Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo e a Sua Excelência Dom Tomé Ferreira da Silva, Vigário Episcopal da Arquidiocese de São Paulo, pelo carinho, na acolhida; a todos os presbíteros e a todo o povo de Deus.*

*A Sua Excelência Dom Maurice Kouassi Konan, Bispo, e a Sua Excelência Dom Pierre-Marie Coty, Bispo Emérito da Diocese de Daloa, na Costa do Marfim, pela confiança depositada em mim e em minha capacidade intelectual, facilitando e permitindo a continuidade dos meus estudos.*

*À Irmã Jeni Zago, Superiora Geral da Congregação Nossa Senhora do Calvário, por sua presença amiga e fraterna ao longo de todos estes anos, pelo estímulo, afeto e solidariedade.*

*Às irmãs Lucia Marques, Conceição Melo e a toda a Congregação Nossa Senhora do Calvário, da Costa do Marfim e do Brasil.*

*À Irmã Gloria, por seu carinho, afeto e disponibilidade.*

*A todos os meus familiares na Costa do Marfim, que apesar de distantes, me incentivaram e estimularam a seguir sempre em frente, em meus estudos.*

*Aos meus amigos, irmãos e irmãs brasileiros, e de modo especial à Srta. Cassia Corredoura, que em todos os momentos estiveram presentes, compartilhando alegrias e tristezas, orientando-me, colaborando para o meu crescimento espiritual e intelectual e fortalecendo-me diante das adversidades.*

*À Prof<sup>ª</sup> Dra. Jeni Bertoni Nimtz pela sua grande disponibilidade.*

*A minha mãe na Terra, a linda Sra. Anne-Marie Ehoule Gnima Djems, pelo dom da minha vida; pelas orações, pelos jejuns.*

*À Srta. Paula Beatriz de Matos Pires, que nesta etapa do meu trabalho foi minha digitadora-mor, pela disponibilidade ímpar, em todos os momentos; pela compreensão, carinho e afeto.*

*A minha querida amiga, Sra. Vera Lucia de Matos Pires e a toda sua família, pela presença constante e atuante, pelo carinho e apoio; pelas orações.*

*A minha querida família José Zittei, que sempre me apoiou espiritual e materialmente.*

*À irmandade e a todos os moradores da “Casa São Paulo”, pela acolhida e amizade.*

*Quero agradecer a todos: amigos, enfim, a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, colaboraram para meu crescimento e aprendizado.*

*A Maria Santíssima, minha Mãezinha do Céu.*

*E, sobretudo, a Deus, Pai de infinita misericórdia. A Ele quero render graças pelo dom da minha vida, pelo dom da inteligência, pois sem a sua graça, eu nada seria, nada faria; aliás, sequer existiria.*

## RESUMO

Esse trabalho de pesquisa tem por objetivo destacar a importância do Espírito Santo – pneumatologia – na missão da Igreja no mundo de hoje. Por outro lado, faz-se necessário compreender a teologia pneumatológica da IURD e verificar, sob uma base objetiva, suas afirmações, segundo as quais, seu crescimento atribui-se à ação do Espírito Santo, como disse seu fundador. Nesse sentido, a capacidade de expansão dessa Igreja é um desafio não somente à Igreja Católica, a sua prática eclesial e cultural, mas, sobretudo à inteligência teológica. É então, urgente compreender as razões pneumatológicas de tal expansão da IURD.

O estudo em questão se divide em quatro capítulos. O primeiro trata da fundamentação bíblica da ação do Espírito Santo na Igreja. O segundo é dedicado à enumeração de alguns pontos do desenvolvimento dogmático e de algumas linhas de reflexão teológica da tradição eclesial a respeito do Espírito Santo. O terceiro aborda a pneumatologia da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). O quarto apresenta alguns pareceres propostos como uma contribuição a uma Igreja missionária, profética para o terceiro milênio com uma mensagem simples, profunda, compreensiva e mais adaptada às novas configurações do mundo de hoje.

Por fim, acredita-se que, se a Igreja se concebe a partir de um grupo de pessoas em oração, lugar do surgimento do Espírito Santo aos homens e ao mundo; de enraizamento biológico, sócio-político-cultural dos batizados, ela pode instaurar o Reino de Deus na vida das pessoas e do mundo; ela pode, sob o impulso da ação do Espírito Santo em seu seio, atingir as expectativas dos homens e das mulheres, no seu contexto. Assim, a Igreja se torna, diferente da IURD, uma Igreja verdadeiramente profética e missionária conduzida e animada pelo Espírito Santo.

Palavras-chave: Pneumatologia – Pentecostalismo – Missão – Igreja

## **ABSTRACT**

This research work aims to highlight the importance of the Holy Spirit - Pneumatology – in the Church's mission in the nowadays world. However it is necessary to understand the pneumatological theology of the UCKG and check under an objective basis, its asserts, in which its growth is attributed to the action of the Holy Spirit, as its founder said. In this sense, the expansion capacity of this church is a challenge not only to the Catholic Church its worship and church practice, but especially to the theological intelligence. Therefore, it is urgent to understand the reasons for such pneumatological expansion of the UCKG. This study is divided into four chapters. The first deals with the biblical foundation of the action of the Holy Spirit in the Church. The second is about to the enumeration of some points of dogmatic development and a few lines of theological reflection about the Church's tradition of the Holy Spirit. The third deals with the phenomenology of the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG). The fourth shows some opinions proposed as contribution to a missionary church, prophetic for the third millennium with a simple message, deep, comprehensive and better adapted to new settings of the world today.

Finally, it is believed that if the Church is conceived from a praying group of people, place of the outbreak of the Holy Spirit to humanity and the world, from the origins of the biological, socio-political-cultural of the baptized people, it can establish the Kingdom of God in people's lives and the world, it can, under the impulse of the Holy Spirit's action in its protection meet the expectations of men and women, in their context. Thus the Church becomes different from the UCKG, becomes a truly prophetic and missionary church led and animated by the Holy Spirit.

**Keywords:** Pneumatology - Pentecostalism - Mission - Church

## LISTA DE ABREVIATURAS

|           |   |   |
|-----------|---|---|
| apud      | = | se encontra (citado) em                         |
| art. cit. | = | artigo já citado                                |
| CEB       | = | Comunidade Eclesial de Base                     |
| CEBs      | = | Comunidades Eclesiais de Base                   |
| CELAM     | = | Conferência Nacional dos Bispos do Brasil       |
| CNBB      | = | Conferência Nacional dos Bispos do Brasil       |
| ibidem    | = | no mesmo lugar (livro)                          |
| ibid      | = | ibidem  |
| in        | = | em  |
| IURD      | = | Igreja Universal do Reino de Deus               |
| op.cit.   | = | <i>opus citatum</i> , obra (livro) já citada(o) |
| p.        | = | página(s)                                       |
| RCC       | = | Renovação Carismática Católica                  |
| REB       | = | Revista Eclesiástica Brasileira                 |
| VV. AA.   | = | Vários autores                                  |



# SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 11 |
| CAPÍTULO I.....   | 16 |
| O ESPÍRITO SANTO NA BÍBLIA .....  | 16 |
| 1.1 A Noção do Espírito no Antigo Testamento .....  | 17 |
| 1.1.1 <i>Rûah</i> no sentido de Vento/Sopro e em sua relação a Deus .....                   | 18 |
| 1.1.2 <i>Rûah</i> : Espírito de Deus .....  | 21 |
| 1.1.3 A ação do Espírito ( <i>Rûah</i> ) de Deus.....                                       | 23 |
| 1.1.4 Espírito Santo e a Sabedoria nos Livros Sapienciais .....                             | 33 |
| 1.2 A Revelação do Espírito no Novo Testamento .....  | 35 |
| 1.2.1 <i>Pneuma</i> – Espírito Santo nos Sinóticos .....                                    | 36 |
| 1.2.2 O Espírito Santo no Corpus Joanino .....  | 39 |
| 1.2.3 O Espírito Santo nos Atos dos Apóstolos .....   | 43 |
| 1.2.4 O Espírito Santo no Corpus Paulino .....  | 46 |
| CAPÍTULO II.....  | 54 |
| REFLEXÕES TEOLÓGICAS SOBRE O ESPÍRITO SANTO.....  | 54 |
| 2.1 O Espírito Santo na Literatura Patrística: de Niceia (325) a Constantinopla (381) ..... | 56 |
| 2.1.1 O Espírito Santo no Concílio de Niceia (325) .....                                    | 58 |
| 2.1.2 Situação da pneumatologia de Niceia (325) ao Concílio de Constantinopla (381) .....   | 59 |
| 2.2 O Espírito Santo na Teologia Trinitária da Igreja .....                                 | 65 |
| 2.3 Da Teologia Trinitária a uma Ecclesiolgia Pneumatológica.....                           | 69 |

|  |     |
|--|-----|
| 2.4 Relação entre Cristologia e Pneumatologia .....  | 73  |
| 2.5 Espírito Santo – Paráclito.....  | 77  |
| 2.6 Espírito Santo e Libertação na Perspectiva Eclesiológica Latino-Americana .....                    | 81  |
| 2.7 Aposta Eclesiológica do Cristianismo Africano .....  | 84  |
| CAPÍTULO III .....   | 88  |
| O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS .....   | 88  |
| 3.1 Traços Biográficos do Fundador. Nascimento da IURD .....   | 88  |
| 3.2 Organização da Igreja Universal do Reino de Deus .....   | 91  |
| 3.3 Características da Igreja Universal do Reino de Deus .....   | 93  |
| 3.4 Doutrina Pneumatológica da Igreja Universal do Reino de Deus.....                                  | 96  |
| 3.4.1 Os dons do Espírito Santo, segundo a Igreja Universal do Reino de Deus .....                     | 99  |
| 3.4.2 Os atributos do Espírito Santo, segundo a Igreja Universal do Reino de Deus.....                 | 99  |
| 3.5 Alguns Procedimentos ou Métodos Missionários da IURD, em Favor de sua Expansão e Consolidação..... | 102 |
| 3.5.1 Ocupação do Espaço e do Tempo como Estratégia Missionária da IURD.....                           | 103 |
| 3.5.2 O público alvo da IURD .....   | 105 |
| 3.6 A IURD e o Dinheiro, Ferramenta Sagrada em Favor do Próprio Crescimento.....                       | 108 |
| 3.6.1 A IURD e os meios de comunicação .....   | 111 |
| 3.6.2 A IURD e a esfera política.....  | 114 |
| CAPÍTULO IV .....  | 119 |

|  |     |
|--|-----|
| NECESSIDADE DE REAFIRMAR A DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA DA MISSÃO DA IGREJA FRENTE AO DESAFIO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS - IURD ..... | 119 |
| 4.1 O Espírito Santo Vivifica a Igreja na sua Missão no Mundo.....   | 122 |
| 4.2 Missão da Igreja ao serviço do Reino de Deus como ação do Espírito Santo .....   | 126 |
| 4.3 Permanência do Dom do Espírito Santo em Cada Cristão e Valorização do Apostolado dos Leigos .....                                      | 130 |
| 4.4 A Proposta Pneumatológica da Renovação Carismática Católica (RCC) e sua Contribuição na Missão da Igreja .....                         | 138 |
| 4.5 A Importância dos Meios de Comunicação de Massa na Missão da Igreja Católica ..  | 146 |
| CONCLUSÃO.....   | 154 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. ....   | 158 |

## INTRODUÇÃO

O assunto deste trabalho de pesquisa: “A ação do Espírito Santo e a missão da Igreja frente ao desafio do Pentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus”, surgiu na sequência da dissertação de Mestrado intitulada: “Aposta de Deus no Brasil: uma análise comparativa de alguns métodos missionários da Igreja Católica com alguns procedimentos missionários da Igreja universal do Reino de Deus”.

Com efeito, sabe-se que o mundo de hoje está atravessando momentos dramáticos: degradação ambiental, pobreza, fome, opressão, grave crise econômica, desemprego, guerras, terrorismo e outros até mais trágicos; momentos difíceis que acabaram por criar em muitas pessoas, nas sociedades, um sentimento de grande insegurança interior, como exterior. Atualmente, a palavra “crise” é conhecida pela maioria das pessoas; além disso, os sistemas político-econômicos se tornaram vulneráveis, até mesmo os sistemas religiosos. A instabilidade cresce no interior como no exterior do ser humano, provocando nele um alvor de esperança. Os mais desconcertados perguntam, criticamente, onde está Deus, onde está a Igreja, qual é o sentido de sua missão e de seu discurso. De fato, toda crise deve provocar uma reorientação, uma resposta a si mesmo, às perguntas fundamentais: de onde você vem? Aonde vai? Quem você é?

Toda crise deve questionar as respostas tradicionais e familiares. Deve, também, oferecer oportunidade única para dar uma resposta nova, pessoal com a qual se possa viver e morrer. Quem só fala de desajustes sociais sem reconhecer tal chance, fala sob o impulso da angústia e da desesperança. Aquele que só quer novas oportunidades sem se ater à crise das respostas anteriores, fala como portador de ilusão. E as Igrejas Evangélicas, sejam elas Pentecostais ou Neo-Pentecostais – particularizando a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) – sabem disso.

Hoje, o Pentecostalismo é o fenômeno religioso mais fulgurante da história do cristianismo. Ele incomoda as Igrejas instituídas e provoca em seu seio uma evasão de fiéis que nada parece frear, a tal ponto que o Continente Latino-Americano, considerado como o mais católico, está perdendo espaço para o Pentecostalismo. Tal acontecimento, segundo analistas, vem do fato de que o cristianismo tradicional não estaria conseguindo dar respostas adequadas às preocupações existenciais e concretas a numerosos fiéis.

A expansão fulgurante do Pentecostalismo surpreende e interroga. Razões sociológicas, culturais, econômicas e até mesmo políticas foram avançadas para tentar explicar o poder do fenômeno. Se mesmo essas razões são fundadas, fica claro que o Pentecostalismo tira a sua força da ideia que se faz do Cristo e Salvação que Ele opera. A Salvação em Jesus Cristo leva radicalmente em conta os problemas existenciais, mesmo os mais elementares. E é com razão que o Papa Bento XVI, indo a Benin na África, no dia 18 de Novembro de 2011, se dizia preocupado com o auge das Igrejas Evangélicas, sobretudo na América Latina e na África; e afirmou que frente a esse desafio a Igreja tem que oferecer uma mensagem simples, profunda e compreensiva. Mas não é só o Papa que está preocupado.

Com efeito, o próprio fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, o “bispo” Edir Macedo Bezerra, atribuiu o crescimento da sua Igreja à ação do Espírito Santo. Para fundamentar tal consideração, usou as seguintes palavras: “Atribuo à ação do Espírito Santo o crescimento da Igreja. Não se trata de *marketing* bem feito, boa administração, nem qualquer outra razão humana. É a ação do Espírito Santo.”. É essa informação recolhida no primeiro trabalho feito que causa preocupação e perplexidade, permitindo a sequência deste presente assunto. É bem verdade que em sã consciência, não se poderia ser apenas expectador perplexo.

É necessário questionar se o Espírito Santo não seria o grande desconhecido e esquecido da Igreja em sua missão. Nesse sentido, não estaria ausente uma Doutrina do

Espírito Santo, isto é, uma explicação da missão do Espírito Santo? Por outro lado, será que nós somos pouco ou nada missionários? Não será a hora de a Igreja se tornar verdadeiramente missionária sob o impulso permanente e constante do Espírito Santo se Ela quiser reconquistar o terreno, não apenas no discurso, mas, sobretudo, na prática?

Com efeito, o objetivo deste trabalho é destacar a importância que deve ter o Espírito Santo – pneumatologia – na missão da Igreja, no intuito de ajudá-la a reencontrar o sentido profético como tarefa das mais urgentes no mundo de hoje. Uma profecia que anuncia a esperança no coração de cada ser humano de todas as classes e condições; uma profecia que anuncia o Reino de Deus prefigurado naquelas palavras do Profeta Isaías: “O espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a Boa Nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e a proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos” (Is 61, 1).

Para desenvolver este trabalho de pesquisa, é preciso realizar alguns passos que serão necessários para o aprofundamento dos elementos fundamentais que aparecem no enunciado deste projeto: ação do Espírito Santo na missão da Igreja no mundo de hoje e sua resposta ao desafio do Pentecostalismo; a seguir, alguns elementos que estarão presentes no esquema final da redação.

O estudo em questão será dividido em quatro capítulos. No primeiro que segue, um mergulho de inteligência da fé nos escritos dos fundadores é a condição permanente e necessária para a descoberta do Mistério de Deus, pois aí encontra-se o Espírito Santo, Ele mesmo que é inspirador e se oferece a nós como nosso Guia, a fim de melhor assimilar as Sagradas Escrituras e vivê-las de maneira criativa para um tempo que é o nosso e que é confiado a nossa responsabilidade. Em suma, é uma volta necessária aos fundamentos bíblicos da missão do Espírito Santo para melhor compreender seu lugar no coração da missão da Igreja.

O segundo capítulo será dedicado à enumeração de alguns pontos do desenvolvimento dogmático e algumas linhas de reflexão teológica da tradição eclesial a respeito do Espírito Santo. Nesse capítulo, tentar-se-á verificar e mostrar até que ponto a teologia e a vivência eclesial são particularmente sensíveis à reflexão sobre o Espírito Santo, isto é, à Pneumatologia.

O terceiro capítulo se ocupará do lugar que ocupa o Espírito Santo na teologia da Igreja Universal do Reino de Deus; se é que ela tem uma verdadeira teologia. Também será verificado e apresentado o fato de como ela usa a Pneumatologia e qual é o desafio que traz à Igreja.

O quarto e último capítulo apresentará alguns pareceres propostos como contribuição a uma Igreja missionária, profética para o terceiro milênio, com uma mensagem simples, profunda, compreensiva e mais adaptada às novas configurações do mundo de hoje. Pretende-se, nesse capítulo, incentivar a Igreja a corrigir sem cessar, o desequilíbrio entre Cristologia e Pneumatologia, uma vez que a missão do Filho de Deus desenvolveu-se, amplamente, na Igreja. Formou-se uma Cristologia, como diziam os clássicos, um tratado sobre o Verbo Encarnado, uma Soteriologia centrada, totalmente, ao redor da pessoa e da obra de Jesus Cristo, embora não tivesse havido uma Pneumatologia equivalente; porém, como consta no primeiro capítulo, o Novo Testamento revela duas dimensões do termo “missão”: a missão do Verbo e a missão do Espírito Santo. Essas duas dimensões constituem os dois princípios inseparáveis da Salvação, como diziam os antigos, as duas mãos de Deus. Além disso, pretende-se também, incentivar a Igreja a repensar, por meio de métodos eficientes, a formação de seus fiéis, a fim de resolver os problemas recorrentes, ligados à ignorância religiosa e à carência doutrinal que os torna vulneráveis às seduções das Igrejas concorrentes, sobretudo a dar uma explicação da missão do Espírito Santo, a fim de levá-los a se sentir

habitados por Ele, a fim de se tornar um povo de profetas que anunciam, de construtores que realizam o Reino de Deus.

Pois a obra da Salvação de Deus não se realiza somente na história, mas através da história, quer dizer pela mediação do empenho humano.

Sabe-se que este trabalho não irá esgotar o assunto proposto. Aliás, não se pretende nem dizer, nem explicar tudo; pelo contrário, o objetivo é bem modesto. Conscientes de certos limites, haverá uma tentativa humilde de se colocar à disposição da Igreja algumas reflexões no sentido de ajudá-la a reencontrar seu caráter profético, sua força, seu dinamismo de anúncio do Reino de Deus num mundo em profunda mutação.



# CAPÍTULO I

## O ESPÍRITO SANTO NA BÍBLIA

Uma questão legítima e concernente ao tema seria a existência de algum dado revelado pelas Sagradas Escrituras no que se refere à compreensão da importância do Espírito Santo na missão da Igreja em tempos hodiernos. Nesse sentido, o Concílio o diz claramente: A Sagrada Teologia apoia-se na palavra de Deus escrita, juntamente à Sagrada Tradição como seu fundamento perene.<sup>1</sup> Por essa afirmação do Vaticano II, entende-se que a Bíblia, isto é, Palavra de Deus escrita, é e sempre será o fundamento indispensável e necessário de qualquer argumentação teológica. Em outras palavras, a Bíblia é a alma, a mãe da teologia.<sup>2</sup> Portanto, segundo o Concílio, não há autêntico trabalho teológico sem esta referência fundamental ao princípio inspirado que é a Palavra de Deus contida na Bíblia. Por tal motivo, é este capítulo ponto de partida para o presente trabalho, apresentando nas linhas que seguem o que as Sagradas Escrituras dizem sobre o Espírito Santo, a fim de melhor descobrir-se a atualidade histórica d'Aquele que “enviou Cristo desde o seio do Pai, para realizar no interior das almas sua obra salvadora e impeliu a Igreja a sua própria dilatação”;<sup>3</sup> aquele também que Pio XII na sua encíclica *Mystici Corporis* apresenta como o princípio vital da Igreja, onde atua em sinergia essencial com Cristo, Cabeça do Corpo Místico.

Vale a pena mencionar que muitos bons e eruditos livros foram escritos sobre o Espírito Santo, livros que seriam necessários se se tratasse de um estudo sistemático de exegese e de teologia bíblica. Não é a finalidade deste trabalho, nem se tem a competência necessária para isso. Aqui, pelo contrário, numa tentativa humilde, limitar-se-á a apontar

---

<sup>1</sup> DEI VERBUM 24,1 in Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II 4ª Ed. São Paulo: Paulus, 2007 p.365.

<sup>2</sup> SILOUANE, Ponga *L'Écriture ame de La théologie, Le problème de la suffisance matérielle des Écritures*, Edição du cerf, Paris, 2008 p. 23.

<sup>3</sup> AD GENTES 4, in Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II 4ª Ed. São Paulo: Paulus, 2007 p.435. Cf. MUHLEN, H., *l'Esprit dans l'Eglise*, T.1, Paris: Éditions du cerf, 1969, p.59. MOLTSMANN, J., *l'Église dans la force de l'Esprit, Une contribution à l'ecclésiologie moderne*, Paris: Éditions du Cerf, 1980, p.15.

comentários válidos de alguns especialistas no assunto, a fim de possibilitar melhor compreensão das manifestações do Espírito Santo na literatura do Antigo e Novo Testamento e, conseqüentemente, destacar mais adiante seu lugar e sua importância na economia da Salvação, precisamente na missão da Igreja neste terceiro milênio.

## 1.1 A Noção do Espírito no Antigo Testamento

A noção de Espírito, em Português, é uma das tradições da palavra hebraica *Rûah* (substantivo feminino) traduzida em grego por *pneuma* (neutro) e em latim *spiritus* (masculino).<sup>4</sup> Segundo Yves Congar, o termo hebraico *Rûah* ocorre 378 vezes no Antigo Testamento.<sup>5</sup> Por outro lado, para Daniel Lys, a palavra *Rûah* é empregada 389 vezes, sendo 378 vezes nos textos hebraicos e 11 vezes nos textos aramaicos, unicamente no livro de Daniel.<sup>6</sup> Observa-se que essa grande quantidade de textos de diversas épocas constitui uma das primeiras dificuldades do assunto proposto.<sup>7</sup> Outra dificuldade é que o termo *Rûah* tem muitas facetas temáticas, existindo, por isso mesmo, uma grande variação lexical susceptível a vários significados e pode ser traduzido em Português por muitas palavras. Assim, um simples olhar sobre as traduções, mostra que *Rûah* significa: Vento, alento, Sopro, hálito, ação de respirar, Sopro do ar.<sup>8</sup>

*Rûah* é, também, princípio de animação do corpo do homem:<sup>9</sup> “De manhã, com o espírito conturbado, o Faraó chamou todos os magos e todos os sábios do Egito e lhes contou o sonho que tivera, mas ninguém pôde explicá-lo ao Faraó” (Gn 41, 8) e sede das funções espirituais do conhecimento racional e religioso: “Portanto, uma vez que nesse Daniel, que o

---

<sup>4</sup> DHEILLY, J. *Esprit in Dictionnaire biblique*, Paris: Éditions Cerf, 1964, p.365.

<sup>5</sup> CONGAR, YVES, *Creio no Espírito Santo 1, Revelação e experiência do Espírito*, São Paulo: Paulinas, 2005, p.17. LACOSTE, JEAN-YVES, *Dictionnaire critique de théologie*, PUF, 1998, p. 488.

<sup>6</sup> LYS, DANIEL “*Rûach*” *le soufflé dans l’Ancien Testament*, PUF, 1962, p.15.

<sup>7</sup> CAZELLES, HENRI, *le mystère de l’Esprit-Saint*, MAME, 1968, p.21.

<sup>8</sup> CONGAR, YVES, *op.cit.* p.20. HENRY, A.M., *l’Esprit-Saint*, in *collection Je sais-Je Crois*, Fayard, Paris, 1959, p.8. Dictionnaire encyclopédique de la Bible, Brepols, 2002, p.443-444.

<sup>9</sup> *Verbete Esprit in Dictionnaire biblique* GERHARD KITTEL, Éditions Labor et Fides – Genève, 1971, p.58.

rei cognominou Baltassar, constatou-se um espírito extraordinário, conhecimento, inteligência e arte de interpretar os sonhos, de resolver os enigmas e de desfazer os nós, manda comparecer Daniel e ele te dará a conhecer a interpretação.” (Dn 5, 12).

*Rûah* é a força de vida de Deus pela qual ele age e faz agir, tanto no plano físico como no plano “espiritual”.<sup>10</sup>

Com efeito, em pano de fundo, descobre-se que as palavras preferidas dos escritores bíblicos para traduzir o significado fundamental de *Rûah* são: Vento e Sopro. Em Gênesis 1, 2: “Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um Sopro de Deus agitava a superfície das águas.” Desde o início da criação, é o Espírito de Deus que paira como Vento sobre as águas; a respeito de Sopro, este é entendido como uma realidade dinâmica, uma força viva em ação, uma potência de vida: “Então, Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.” (Gn 2, 7). Sem *Rûah*, nada existiria de vida. É sempre Deus que dá a *Rûah*, como é sempre Ele que cria e dá a vida.<sup>11</sup>

### 1.1.1 *Rûah* no sentido de Vento/Sopro e em sua relação a Deus

No Antigo Testamento, a *Rûah* foi sempre ligada a Deus: Deus é o mestre da *Rûah*.<sup>12</sup> A *Rûah* cosmológica, no sentido de Vento, é referida a Deus. A tradição que diz respeito a Elias relata que o profeta tinha amaldiçoado a terra por ordem de Javé: “Elias, tesbita, um dos habitantes de Galaad, disse a Acab: ‘Pela vida de Iahweh, o Deus de Israel, a quem sirvo: não haverá nestes anos nem orvalho nem chuva, a não ser quando eu o ordenar.’”(1Rs 17, 1). Eis que agora que ele anuncia ao rei Acab sempre da parte de Javé a volta da chuva: “Passado muito tempo, a palavra de Iahweh foi dirigida a Elias, no terceiro ano, nestes termos: ‘Vai apresentar-te diante de Acab; vou mandar a chuva sobre a face da terra’.” (1Rs 18, 1). E de

<sup>10</sup> CONGAR, YVES, *op. cit.* p. 17.

<sup>11</sup> POUDRIER, Roger, *Sopro de vida, O Espírito Santo na Bíblia*, Edição Santuário, 1998, p.10.

<sup>12</sup> CAZELLES, HENRI, *op.cit.*, p. 25.

fato: “Num instante o céu se escureceu com muita nuvem e Vento e caiu uma forte chuva. Acab subiu ao seu carro e partiu para Jezrael.” (1Rs 18, 45). Nesse texto, aparece a diferença fundamental entre a concepção física e filosófica dos gregos e a concepção religiosa e histórica dos autores bíblicos; a *Rûah* não representa, pois, um elemento no plano quase-científico, à maneira dos primeiros filósofos iônios e gregos, especulando sobre os elementos básicos do universo: ar, água, fogo; a interpretação correta é aquela que diz não se tratar de ar (estático), mas de Vento (dinâmico), portanto, não se trata, antes de tudo, de natureza, mas de história, história do povo que Deus escolheu para Ele no meio da natureza e de outros povos. Este Vento do mar é um Vento favorável, trazendo chuva e estando a serviço de Deus para a salvação(...)”.<sup>13</sup>

Outro texto significativo é 2Sm 22, 1-11:

Davi dedicou a Iahweh as palavras desse cântico, quando Iahweh o livrou de todos os seus inimigos e da mão de Saul. Ele disse: Iahweh é minha rocha, minha fortaleza, meu libertador, meu Deus, meu rochedo, nele me abrigo; meu escudo, minha arma de salvação, minha fortaleza, meu refúgio, meu salvador, tu me salvas da violência. Louvado seja Deus: quando invoco Iahweh sou salvo dos meus inimigos. Os laços da morte me cercavam, as torrentes de Belial me apavoravam; os laços do Xeol me estreitavam, as ciladas da Morte diante de mim. Na minha angústia invoquei Iahweh, ao meu Deus lancei meu grito, ele escutou do seu Templo a minha voz e o meu clamor chegou aos seus ouvidos. E a terra treme e vacila, os fundamentos do céu estremecem pela sua ira eles oscilam; fumo se eleva de suas narinas e da sua boca um fogo devorador: dela saíam brasas inflamadas. Ele inclina os céus e desce, uma nuvem escura debaixo de seus pés; cavalga um querubim e alça voo, planou sobre as asas do vento.

No contexto de um salmo teofânico (Sl 18) muito antigo, Deus é descrito como vindo ao socorro de Davi. Ele cavalga sobre um querubim e aparece sobre as asas do Vento. Deus se faz presente por meio de Vento.<sup>14</sup> Este texto é um cântico de ação de graça individual de Davi que ele entoou quando Deus o livrou de todos os seus inimigos, especialmente de Saul. Na cultura do mundo de hoje, tão materialista e individualista, raramente se expressa gratidão

---

<sup>13</sup> LYS, DANIEL *op. cit.*, p. 28.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 28.

àqueles que prestam algum serviço. Infelizmente, observamos esse mesmo quadro na Igreja Católica. Costuma-se esquecer de agradecer a Deus as muitas coisas maravilhosas que Ele faz por todos. O texto de 2Sm 22, 1-11 e o Sl 18 podem ser um antídoto para essa atitude inspirando sempre a agradecer a Deus de forma saudável. Também o Vento é apresentado como executor da obra de Deus para o julgamento e para a salvação:

Estendeu, pois, Moisés a sua vara sobre a terra do Egito. E Iahweh mandou sobre a terra um vento oriental todo aquele dia e toda aquela noite. Quando amanheceu, o vento oriental tinha trazido os gafanhotos (...) Então, Iahweh fez soprar um forte vento do ocidente que arrebatou os gafanhotos e lançou-os no mar dos Juncos; e não ficou um só gafanhoto em todo o território do Egito. (Ex 10, 13.19)

Como a *Rûah* no sentido do Vento, a *Rûah* como Sopro vital é ligada a Deus. O Sopro vital na Bíblia é um dom de Deus e deste dom depende a existência mesma do homem e de toda criação: “Escondes tua face e eles se apavoram, retiras sua respiração e eles expiram, voltando ao seu pó.” (Sl 104, 29). A renovação constante da parte de Deus, da *Rûah*, é para a criatura condição de vida ou de morte: “enquanto em mim houver um sopro de vida e o alento de Deus nas narinas” (Jó 27, 3). O livro do Eclesiastes convida o homem a se lembrar de seu Criador: “antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu.” (Ecl 12, 7). O dom divino da *Rûah* é que permite a cada membro do conjunto ter uma nova vida e uma nova responsabilidade individuais. Assim a *Rûah* pode, também, ser entendida no sentido psicológico e moral de princípio de pensamento, de querer, de consciência intelectual e responsável. Cada ser, na sua individualidade, existe como tal graças à *Rûah* de seu Criador e Salvador.<sup>15</sup> Em Nm 11, 27-29, Moisés repreendeu Josué e expressou o desejo de que todo o povo recebesse o Espírito de Deus. Alegrou-se pelo fato de outros terem recebido o Espírito e não se apegou a ele como prerrogativa da liderança (Nm 11, 29). Todavia, o dom da *Rûah* mesmo individual, apresenta, também, um significado comunitário:

---

<sup>15</sup> LYS, DANIEL *op.cit*, p. 203.

‘Que Iahweh, Deus dos espíritos que animam toda a carne, estabeleça sobre esta comunidade um homem que saia e entre à frente dela e que a faça sair e entrar, para que a comunidade de Iahweh não seja como um rebanho sem pastor.’ Iahweh respondeu a Moisés: ‘Toma a Josué, filho de Nun, homem em que está o espírito. Tu lhe imporás a mão.’ (Nm 27, 16-18).

A comunidade israelita é representada como um rebanho sem pastor. Ela só conseguirá respirar se Deus lhe propuser um homem, que é o objetivo da oração de Moisés. Deus atende a Moisés. E a comunidade retomará Sopro e respirará; assim, Josué será no meio do povo, como a presença e a encarnação de Espírito de Deus. É o que mais se aproxima da ideia da *Rûah* régio, messiânico d’Isaias 11, 1-4:

Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o espírito de Iahweh, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Iahweh: no temor de Iahweh estará a sua inspiração. Ele não julgará segundo a aparência. Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer. Antes, julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará sentença em favor dos pobres da terra. Ele ferirá a terra com o bastão da sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio.

O texto nos leva à noção propriamente dita de Espírito de Deus: a *Rûah*.

### 1.1.2 *Rûah*: Espírito de Deus

“Iahweh disse: ‘Meu espírito não permanecerá no homem, pois ele é carne; não viverá mais que 120 anos.’” (Gn 6, 3). Deus, dizendo: “Meu Espírito”, fala como o possuidor da *Rûah* que está no homem e põe sua força vivificante nele; Deus assume a fraqueza da carne do homem.<sup>16</sup> A *Rûah* como força, vitalidade e, ao mesmo tempo, fonte e comunicação de toda potência, caracteriza e define Deus em oposição à carne, isto é, precariedade e dependência, que caracteriza e define o homem: “Pois o egípcio é homem e não deus, seus cavalos são carne e não espírito. Quando Iahweh estender a mão, aquele que socorre tropeçará e o socorrido cairá, e perecerão ambos juntos” (Is 31, 3). Como também, a ausência da *Rûah* de Deus é a condenação suprema do ídolo, pois o ídolo é um falso deus: “De que serve uma

---

<sup>16</sup> CAZELLES, HENRI, *op. cit.*, p. 22.

escultura para que seu artista a esculpa? Um ídolo de metal, um mestre de mentira, para que nele confie o seu artista, construindo ídolos mudos?” (Hab 2, 18). O verdadeiro Deus é o próprio Espírito; Ele é a *Rûah*. Eis porque a expressão: o Espírito de Deus.<sup>17</sup>

O Espírito (*Rûah*) de Deus se revela no Antigo Testamento como uma força divina, agindo:

- Na criação: o Espírito de Deus (*Rûah*) age como uma força de vida: “Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas” (Gn 1, 2). Também a presença do Espírito de Deus na criação é a expressão de toda potência de Deus, que está a trabalhar contra o vazio, as trevas e a morte: “Deus lembrou-se então de Noé e de todas as feras e de todos os animais domésticos que estavam com ele na arca; Deus fez passar um vento sobre a terra, e as águas baixaram.” (Gn 8, 1). Deus toma conta do mundo inteiro: “Escondes tua face e eles se apavoram, retiras sua respiração e eles expiram, voltando ao seu pó. Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104, 29-30).
- No homem e na história: o Espírito (*Rûah*) de Deus se revela como uma força agindo no interior do psiquismo humano transformando personalidades humanas e tornando-as capazes de executar gestos excepcionais.<sup>18</sup> No ponto de partida desta experiência do Espírito de Deus, há o fenômeno natural da exaltação guerreira e religiosa, aonde o pensamento religioso consegue discernir uma força divina, agindo do interior sobre o psiquismo humano e impulsionando à ação.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> LYS, DANIEL *op.cit*, p.147.

<sup>18</sup> GUILLET, J. *Esprit, in Vocabulaire de Theologie Biblique*, Éditions du Cerf, Paris, 1970, p. 388.

<sup>19</sup> HENRY, A.M., *op.cit*, p.21.

### 1.1.3 A ação do Espírito (*Rûah*) de Deus

#### a) Os juízes

A ação do Espírito de Deus, a *Rûah* guerreira e régia de Deus, é súbita, violenta, mas temporária, em vista de uma tarefa a cumprir. E o livro dos Juízes é, por excelência, o testemunho desse fenômeno. Cada vez que seu povo, por causa de seus pecados, está retornando a morte na servidão, Deus envia seu Espírito sobre o homem para combater os inimigos e devolver a vida a Israel: “O Espírito de Iahweh revestiu Gedeão; ele soou a trombeta e Abiezer se agrupou à sua retaguarda.” (Jz 6, 34).

Assim por meio de sua *Rûah* sobre tal homem, Deus realiza a história da salvação. Seu objetivo não é de aniquilar a personalidade deste homem mas de transformá-lo ao seu serviço.<sup>20</sup> Daí uma teologia da salvação pelo envio da *Rûah* ao chefe carismático.<sup>21</sup>

A instituição régia é, também, ligada a essa teologia. É o caso de Saul:

Então Samuel pegou o frasco de azeite e o derramou sobre a cabeça de Saul, abraçou-o e disse-lhe: ‘Não foi Iahweh que te ungiu como chefe de sua herança? És tu que julgarás o povo de Iahweh e o livrarás das mãos dos seus inimigos ao redor. E este é o sinal de que Iahweh te ungiu como chefe da sua herança.’ (1Sm 10, 1)

Podemos mencionar a ideia de uma presença estável e não mais intermitente do Espírito de Deus no homem eleito e em vista não somente de uma ação determinada, como no caso dos Juízes, mas de uma função permanente, pelo menos por um certo tempo: “Então Samuel partiu para Ramá, e Saul foi para sua casa, em Gabaá de Saul” (1Sm 15, 34). Esta ideia se realiza mais perfeitamente no caso de Davi: “Samuel apanhou o vaso de azeite e ungiu-o na presença dos seus irmãos. O espírito de Iahweh precipitou-se sobre Davi a partir

---

<sup>20</sup> LYS, DANIEL *op. cit.*, p. 46.

<sup>21</sup> CAZELLES, HENRI, *op. cit.*, p. 29.



desse dia e também depois. Quanto a Samuel, ele se pôs a caminho e partiu para Ramá.” (1Sm 16, 13). É o dom da *Rûah* de Javé, diretamente ligado à unção definitiva.<sup>22</sup>

### **b) *Rûah* profética: o Espírito de Deus nos profetas**

Nas confissões de fé, não só a partir do símbolo batismal de São Cirilo de Jerusalém, mas também já em Justino e Irineu, o Espírito Santo é caracterizado como aquele “que falou pelos profetas”.<sup>23</sup> Os profetas são considerados como homens do Espírito.

Com efeito, os profetas são mensageiros e intérpretes da Palavra Divina. Isso é expresso claramente por duas passagens paralelas: “Tu, pois, lhe falarás e lhe porás as palavras na boca. Eu estarei na tua boca e na dele, e vos indicarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo; ele será a tua boca, e tu serás para ele um deus.” (Ex 4, 15-16). Aarão será o intérprete de Moisés como se fosse a sua “boca”, e como se Moisés fosse o deus que o inspira; e Ex 7, 1: “Iahweh disse a Moisés: Eis que te fiz como um deus para Faraó, e Aarão, teu irmão, será o teu profeta.”, Moisés será um deus para Faraó e Aarão será um “profeta”, *Nabî*, termo hebraico que quer dizer: aquele que é chamado ou então aquele que anuncia. A isso faz eco a Palavra de Iahweh a Jeremias: “Então Iahweh estendeu a sua mão e tocou-me a boca. E Iahweh me disse: Eis que ponho as minhas palavras em tua boca” (Jr 1, 9). De fato, os profetas têm consciência da origem divina de sua mensagem: introduzem-na, dizendo – “Assim fala Iahweh” ou “Palavra de Iahweh” ou “Oráculo de Iahweh”.<sup>24</sup>

Essa palavra que lhes veio, impõe-se-lhes e não a podem calar: “O Senhor Iahweh fala que não profetizaria”, exclama Am 3, 8 e Jeremias luta em vão contra este domínio:

Tu me seduzistes, Iahweh, e eu me deixei seduzir; tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste. Sirvo de escárnio todo o dia, todos zombam de mim. Porque sempre que falo devo gritar, devo proclamar: ‘Violência e opressão!’ Porque a palavra de Iahweh tornou-se para mim opróbrio e

---

<sup>22</sup> CAZELLES, HENRI, *op. cit.*, p. 28.

<sup>23</sup> CONGAR, YVES, *op. cit.* p. 22.

<sup>24</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 6ª edição, São Paulo: Paulus, 2010, p. 1230.

ludíbrio todo dia. Quando pensava: ‘Não me lembrarei deles, já não falarei em seu Nome’, então isto era em meu coração como fogo devorador, encerrado em meus ossos. Estou cansado de suportar, não aguento mais! (Jr 20, 7-9)

Em certo momento da vida, os profetas foram chamados por Deus de um modo irresistível (Am 7, 15; Is 6, 8; sobretudo Jr 1, 4-10); foram escolhidos como seus mensageiros. Assim, o começo da história de Jonas mostra quanto custa furtar-se a esta missão. Também os profetas foram enviados para manifestar a vontade de Deus e para serem, eles próprios, “sinais”. Não apenas suas palavras, mas também suas ações, sua vida, tudo é profecia.<sup>25</sup>

A mensagem divina pode chegar aos profetas de muitas maneiras: numa visão como a de Is 6, ou as de Ez 1; 2; 8ss; de Dn 8-12; Zc 1-6; raramente numa visão noturna como em Dn 7; Zc 1, 8s; pelo ouvido, na maioria por uma inspiração interior (assim se podem entender as fórmulas: “A palavra de Iahweh me foi dirigida”, “A palavra de Iahweh a(...)”). Esta variedade na recepção e expressão da mensagem depende, em grande parte, do temperamento pessoal e dos dons naturais de cada profeta, mas ela encobre uma identidade fundamental: todo verdadeiro profeta tem viva consciência de não ser mais instrumento do que as palavras que profere, as quais são ao mesmo tempo suas e não suas. Tem a convicção inabalável de que recebeu uma palavra de Deus e de que deve comunicá-la. Tal convicção se funda na experiência misteriosa, digamos mística, de um contato imediato com Deus.<sup>26</sup>

É notável que são vários os livros proféticos que atribuem a palavra profética ao Espírito de Deus. Os livros de Isaías, Ezequiel, Joel, são três deles que nos interessam.

O livro de Isaías com sua complexidade e a longa extensão no tempo de sua redenção é um dos grandes testemunhos da ação soberana do Espírito.<sup>27</sup> Assinalamos abaixo, alguns

---

<sup>25</sup> Ibid., p. 1231.

<sup>26</sup> Ibid., p. 1231.

<sup>27</sup> COSTE, RENÉ, *L'Évangile de l'Esprit, Pour une théologie et une spiritualité intégrantes de l'Esprit Saint*, Paris: Éditions du Cerf, 2006, p. 69.

textos que mostram a vocação e missão profética em relação com o Espírito de Deus. Em Isaias 11, 1-3:

Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o espírito de Iahweh, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Iahweh: no temor de Iahweh estará a sua inspiração. Ele não julgará segundo a aparência. Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer.

O profeta anuncia o nascimento de um herdeiro da dinastia real que se originou em Jessé, pai de Davi (1Sm 16, 1). O futuro rei receberá, permanentemente, o Espírito de Deus como sinal que foi especialmente escolhido por Ele (Is 11, 2). Essa passagem apresenta três características de uma pessoa cheia do Espírito de Deus:

- Sabedoria e inteligência (Gn 41, 39; Ex 31, 2-3; 1Rs 3, 11-12) são conceitos que possuem uma relação recíproca. A inteligência se encontra em quem é sábio: “Que o sábio entenda estas coisas!” (Os 14, 10). No primeiro livro dos Reis, afirma-se que Salomão pedia a Deus “um coração prudente para julgar e para discernir entre o bem e o mal” (1Rs 3, 9). A sabedoria e a inteligência concedida a Salomão são as qualidades de que ele precisa para ser um bom governante do povo de Deus. O exercício desta sabedoria é descrito no 1Rs com vários exemplos: a construção do templo (1Rs 5, 21), a administração da justiça (1Rs 3, 28), a visita da rainha de Sabá (1Rs 10, 4).<sup>28</sup>
- Conselho e fortaleza são condições requeridas a um guerreiro para a vitória e não as palavras: “pensas que o conselho e fortaleza para a guerra sejam uma questão de palavras?” (2Rs 18, 20; Is 36, 5).<sup>29</sup>
- Conhecimento e temor a Deus são conceitos relacionados com uma linguagem do Antigo Testamento e, algumas vezes, aparecem em paralelo (1Rs 8, 43; Sl 119, 79; Pr 2, 5). Com a expressão “conhecimento de Iahweh” faz-se referência à especial relação

<sup>28</sup> RIVAS, LUIS HERIBERTO, *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras*, Paulinas, 2001, p. 34.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 35.

existente entre o Senhor e o seu povo, que se manifesta com um comportamento ético e com atos de culto, tudo de acordo com a Lei. A falta de conhecimento de Deus é a fonte de todas as calamidades: “Por isso, meu povo será deportado por falta de conhecimento; seus nobres morrerão de fome e sua multidão se abrasará de sede(…)” (Is 5, 13). Mas o conhecimento de Deus será abundante no mundo renovado que se anuncia para o futuro: “(…) o conhecimento de Iahweh encherá a terra como as águas cobrem o mar” (Is 11, 9).<sup>30</sup>

A presença do Espírito, especialmente o temor de Iahweh, e a fidelidade a Deus resultarão em equidade e compromisso com a justiça (Is 11, 3-5). Esse futuro anunciado por Isaías não estará sujeito a deficiências de sistemas judiciário que enfraquecem os regimes políticos, nem será distraído por aparência e rumores, mas julgará com justiça os pobres. O profeta Oseias descreveu, nitidamente, um mundo no qual as pessoas não conhecem Deus (Os 4, 1-6). No reino do Messias, porém, a presença do Espírito e, particularmente, o conhecimento de Iahweh trarão a paz. O “conhecimento” aqui referido é apresentado como sendo tão profundo quanto o mar, enquanto expressa a formidável intimidade de relacionamento com Deus.<sup>31</sup> Isaías, também, utiliza outras imagens impressionantes para ilustrar a paz desse Reino. Descreve predadores como lobos, leopardos, leões e ursos, convivendo pacificamente com suas presas habituais, ovelhas, cabritos e bezerras. As crianças brincarão em segurança entre animais ferozes e cobras venenosas (Is 11, 6-8). Essa situação é tão idílica que muitos comentários a consideram símbolo da reconciliação que Cristo nos trouxe e do paraíso vindouro (Mc 1, 13; Lc 2, 14; Jo 20, 19; Ap 21, 1-4).<sup>32</sup> É bom assinalar que esse comentário reforçou a caminhada do povo cristão latino-americano que anseia uma

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 35-36.

<sup>31</sup> ADEYEMO, TOKUNBOH, *Comentário Bíblico Africano*, São Paulo: Mundo Cristão, 2010, p. 847.

<sup>32</sup> Ibid., p. 847.

situação melhor e mais fraterna, dando de tal forma, um novo rosto à missão profética da Igreja.

Vale a pena assinalar que os três pares de dons que Deus irá depositar no futuro foram relacionados também, com as figuras carismáticas do passado de Israel: a sabedoria e a inteligência caracterizaram Salomão; o conselho e a fortaleza eram atribuídos a Davi; a ciência e o amor de Iahweh eram prerrogativas de Abraão e de todos os santos do Antigo Testamento. Nele se concentraram todos os carismas que caracterizaram os gloriosos antepassados.<sup>33</sup>

Também em Isaías 61, 1: “O Espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor consagrou-me pela unção; enviou-me a levar a boa-nova aos humildes, a curar os corações doloridos, a anunciar aos cativos a redenção e aos prisioneiros a liberdade”. O personagem que fala aqui na primeira pessoa, se apresenta como um ungido por Deus. Esta unção como se vê, é ordenada diretamente a uma missão profética. O ungido deve anunciar uma mensagem, proclamar uma boa nova; ele é um profeta. Sua vocação profética, significada pela unção, está em relação direta com o Espírito de Deus.<sup>34</sup> O indivíduo só pode realizar uma missão em nome de Deus se receber o Espírito de Iahweh, pois a unção do Espírito significa que Deus está presente com a pessoa em questão. Esta unção era entendida como unção profética e o Espírito (a Rûah de Javé), como Rûah profética. O oráculo em questão é aplicado ao Cristo em várias passagens do Novo Testamento, entre outras:

O Espírito do Senhor está sobre mim porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor. (Lc 4, 18).

---

<sup>33</sup> RIVAS, LUIS HERIBERTO, *op. cit.*, p. 33.

<sup>34</sup> LYS, DANIEL *op. cit.*, p. 22.

Assim podemos considerar Isaías 61, 1 como um dos textos que apresentam a *Rûah* de Javé como criadora de vocação profética em vista da salvação de Israel e das nações e, depois, da nova glória de Jerusalém. Podemos citar Isaías 59, 21ss:

Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz Iahweh, o meu espírito está sobre ti e as minhas palavras que pus na tua boca não se afastarão dela, nem da boca dos teus filhos, nem da boca dos filhos dos teus filhos, diz Iahweh, desde agora e para sempre.

Existe certa continuidade entre os dois oráculos. Com efeito, percebemos que os dois oráculos tem em comum o fato de estabelecer uma relação entre *Rûah* e “Palavra” de Deus como em 2Sm 23, 2: “O espírito de Iahweh falou por meio de mim, a sua palavra está na minha língua”. Será necessário citar, também, Isaías 48, 16: “Chegai-vos a mim e ouvi isto: desde o princípio não vos falei às escondidas; quando estas coisas aconteceram, eu estava lá, e agora o Senhor Iahweh me enviou com o seu espírito”. O profeta, em respostas às críticas, afirma sua autoridade e sua missão fundadas sobre o dom do Espírito de Deus. Também Isaías 42, 1: “Eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito, em quem tenho prazer. Pus sobre ele o meu espírito, ele trará o direito às nações”.

Como se vê, a ligação entre *Rûah*, o Espírito de Deus, Palavra e missão profética é uma realidade irrecusável.<sup>35</sup> Nesse sentido, também o livro de Ezequiel é de grande importância, pois o profeta Ezequiel aparece, eminentemente, como homem do Espírito. São, sobretudo, os capítulos 36 e 37 de seu livro que chamam mais a atenção. No capítulo 36, o Espírito é o Espírito de santidade, que transforma os espíritos e os corações para lhes abrir plenamente ao Deus de Israel a sua mensagem de interioridade pois está neles o poder imanente de renovação e de adesão ao Deus vivo e às prescrições da lei que convidam a um comportamento fraterno em relação ao próximo:

---

<sup>35</sup> RIVAS, LUIS HERIBERTO, *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras*, Paulinas, 2001, p. 19.

Borrifarei água sobre vós e ficareis puros; sim, purificar-vos-ei de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos imundos. Dar-vos-ei coração novo, porei no vosso íntimo espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei no vosso íntimo o meu espírito e farei com que andeis de acordo com os meus estatutos e guardeis as minhas normas e as pratiqueis. (Ez 36, 25-27).

No capítulo 37, observa-se que para a fé do profeta, tratava-se de uma restauração política e religiosa do povo de Israel, a ser cumprida após o exílio. De fato, a restauração do povo que se encontra no cativeiro será obra do Espírito. Assim, a mão de Deus está sobre Ezequiel e o Espírito de Deus fará reviver o povo. O profeta recebe a ordem de invocar o Espírito de Deus para que volte a entrar nos cadáveres a fim de lhes dar nova vida:

A mão de Iahweh veio sobre mim e me conduziu para fora do espírito de Iahweh e me pousou no meio de um vale que estava cheio de ossos. E aí fez com que me movesse em torno deles de todos os lados. Os ossos eram abundantes na superfície do vale e estavam completamente secos. Ele me disse: “Filho do homem, porventura tornarão a viver esses ossos?” Ao que respondi: “Senhor Iahweh, tu o sabes” Então me disse: “Profetiza a respeito destes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra de Iahweh. Assim fala o Senhor Iahweh a estes ossos: Eis que vou fazer com que sejais penetrados pelo espírito e vivereis.(...) Profetizei de acordo com o que ele me ordenou, o espírito penetrou-os e eles viveram, firmando-se sobre os seus pés como um imenso exército. (Ez 37, 1-5.10)

O Espírito manifesta-se como Vento e como Espírito vital que vivifica o povo, de modo que os que até então se consideravam mortos, possam retornar a sua terra (Ez 37, 11-17). Percebe-se o caráter distintivo da mensagem de Ezequiel que é de esperança, de renovação e transformação dos corações e de vida pela efusão do Espírito de Deus.<sup>36</sup> Neste caso, a atuação do Espírito se refere diretamente à mensagem profética nas ações que o profeta deve realizar, sendo que Deus cumprirá sua obra de santidade.<sup>37</sup>

O profeta Joel, na mesma linha da profecia acima citada, anuncia a restauração de Israel. Seu livro foi escrito depois de um período de seca e de uma praga de gafanhotos que arruinaram as plantações e, conseqüentemente, a vida do povo. O profeta Joel predisse que

---

<sup>36</sup> COSTE, RENÉ, *op. cit.*, p. 67-69.

<sup>37</sup> RIVAS, LUIS HERIBERTO, *op. cit.*, p. 19.

esse desastre seria lembrado pelas gerações futuras. Ele está convencido de que o Senhor puniu o seu povo pelo fato de eles terem desprezados Deus e suas bênçãos. Adverte que a praga dos gafanhotos representou um aviso do julgamento ainda maior no porvir e insiste que eles retornem para Deus. A praga foi terrível, porém a vinda do dia do Senhor está muito pior (Jl 2, 1-11).

O profeta Joel não menciona pecados específicos dos quais o povo deveria se arrepender. Antes, enfatiza que, no dia do Senhor, Deus virá pessoalmente com seu exército para travar uma guerra santa contra o mal. A santidade de Deus é força motriz do seu juízo definitivo contra o pecado. Entretanto, Deus também é misericordioso e livrará aqueles que retornarem para ele em arrependimento e fé.<sup>38</sup>

As chuvas que virão com o ensinador de justiça serão acompanhadas do derramamento do Espírito de Deus sobre toda a carne (Jl 2, 28), incluindo escravos gentios em lares judaicos (Jl 2, 29). Ele será derramado sobre filhos e filhas, homens e mulheres, indicando que ambos os sexos têm participação no mistério cristão. O Espírito Santo pode capacitar qualquer cristão a profetizar, sonhar e receber visões independentemente de idade, sexo ou condição humana.<sup>39</sup>

A efusão do Espírito “sobre toda carne”: “Depois disto, derramarei o meu espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões.” (Jl 3, 1). De fato, segundo escritores bíblicos, Joel deve ser ambientado na época pós-exílio. Com efeito, esta abundante efusão do Espírito de Deus é um acontecimento que, unido ao julgamento de Deus sobre todas as nações e à renovação da criação, caracteriza o “Dia de Javé”. As nações serão julgadas e condenadas em meio a uma conflagração cósmica, enquanto Israel será salva.

---

<sup>38</sup> ADEYEMO, TOKUNBOH, *op. cit.*, p.1057.

<sup>39</sup> ADEYEMO, TOKUNBOH, *op. cit.*, p.1059.



Sabe-se que o Espírito será derramado sobre todos os israelitas de todas as idades e de todas as condições: “Até sobre os escravos e sobre as escravas, naqueles dias, derramarei o meu espírito.” (Jl 3, 2). O efeito desta efusão não se limitará aos fenômenos característicos: profecias, sonhos, visões; pois a efusão do Espírito deverá ser acompanhada de frutos de conversão<sup>40</sup> e de salvação e, um povo renovado e santo se constituirá em Jerusalém sobre o monte Sião: “Então, todo aquele que invocar o nome de Iahweh, será salvo. Porque no monte Sião e em Jerusalém haverá ilesos – como Iahweh falou – entre os sobreviventes que Iahweh chama.” (Jl 3, 5). Todo Israel renovado se tornará, diante das nações, testemunha de Deus e do poder de seu Espírito: “testemunho de Israel”, ao mundo, a fim de que o mundo seja salvo. De fato, o objetivo desejado por Deus é a salvação das nações, e é por isso que Israel é colocado no meio dos pagãos como testemunha e mediador. O princípio subjacente a essa passagem é que devemos tratar os outros da forma que gostaríamos de ser tratados. Assim serão unidos particularismo e universalismo que sempre foram as duas faces de Israel, desde Gn 12, 1-3:

Iahweh disse a Abrão ‘Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por ti serão benditos todos os clãs da terra.’

Efetivamente, os textos do Novo Testamento testemunham uma interpretação a partir desta profecia (At 2, 1-4 e Rm 10, 13).<sup>41</sup>

A mensagem de Joel para todos, hoje, declara que ainda há tempo para se invocar o nome do Senhor e ser perdoado e salvo. Nesse sentido, faz-se necessário tecer palavras que formem relação entre Espírito e Sabedoria.

---

<sup>40</sup> LYS, DANIEL *op.cit.*, p. 248.

<sup>41</sup> RIVAS, LUIS HERIBERTO, *op. cit.*, p. 28-30. Cf. LYS, DANIEL *op. cit.*, p. 250.

### 1.1.4 Espírito Santo e a Sabedoria nos Livros Sapienciais

Com efeito, a relação entre o Espírito e a Sabedoria, segundo especialistas bíblicos, é explicitada só no fim da literatura sapiencial, pelo autor do livro da Sabedoria, em dois textos:

Amai a justiça, vós que julgais a terra, pensai no Senhor com retidão, procurai-o com simplicidade de coração, porque ele se deixa encontrar por aqueles que não o tentam, ele se revela aos que não lhe recusam a fé. Pois os pensamentos tortuosos afastam de Deus e o Poder, posto à prova, confunde os insensatos. A Sabedoria não entra numa alma maligna, ela não habita num corpo devedor ao pecado. Pois o Espírito Santo, o Educador, foge da duplicidade, ele se retira diante dos pensamentos sem sentido, ele se ofusca quando sobrevém a injustiça. A Sabedoria é um espírito amigo dos homens, não deixa impune o blasfemo por seus propósitos, porque Deus é a testemunha de seus rins, perscruta seu coração segundo a verdade e ouve o que diz a sua língua. O espírito do Senhor enche o universo, e ele, que mantém unidas todas as coisas, não ignora nenhum som. Quem conhecerá tua vontade, se não lhe deste Sabedoria e não enviaste do alto teu Espírito Santo? (Sb 1, 1-7; 9, 17)

Vale a pena assinalar que esta relação não é uma novidade no Antigo Testamento. Já nos livros históricos e proféticos, o dom de interpretar os sonhos era atribuído ao Espírito de Deus, sendo considerado como um dom de inteligência e de Sabedoria como em José (Gn 41, 38-39): “E o Faraó disse aos seus oficiais: ‘Encontraremos um homem como este, em quem esteja o espírito de Deus?’ Então o Faraó disse a José: ‘Visto que Deus te fez saber tudo isso, não há ninguém tão inteligente e tão sábio como tu’”. Também em Ex 28, 3; 31, 3: habilidade técnica dos artesãos e operários para toda sorte de obras e atribuída a um Espírito de Sabedoria, o Espírito de Deus; também em Ex 35, 31ss e 36, 1.

Como foi dito, há relação Sabedoria-Espírito nos Livros Sapienciais, porém é mais explícita nos dois textos do livro de Sabedoria já citados. Por outro lado, é bom assinalar que aparece a noção de uma Sabedoria inspirada pelo Espírito Divino:<sup>42</sup> “Mas é o espírito no homem, o alento de Shaddai que dá inteligência” (Jó 32, 8ss). Com efeito, Sabedoria e Espírito são estreitamente ligados no livro da Sabedoria. A única novidade é que a Sabedoria

---

<sup>42</sup> VAN IMSCHOOT P., *Sagesse et Espri dans l’A.T.*, Revue Biblique 47, 1938, p. 32.

não é mais um efeito do Espírito, mas ela é seu equivalente.<sup>43</sup> Aqui, é uma identificação prática considerando as duas realidades, ao menos em sua ação.<sup>44</sup> Na realidade, a rotina tradicional da Sabedoria é elaborada pela doutrina da *Rûah*.<sup>45</sup> Não é só isso, pois para expressar a doutrina tradicional do Espírito, Ele mesmo, o autor do livro da Sabedoria, emprega a terminologia da filosofia grega, sendo que a doutrina do Espírito, ela mesma, está enriquecida de toda a reflexão grega.<sup>46</sup> Assim, pode-se dizer que o livro da Sabedoria realiza, então, uma síntese da reflexão bíblica e do pensamento grego. Tal observação mereceria um estudo mais aprofundado. Mas o que importa aqui é que a Sabedoria e o Espírito (Sopro) de Deus, estão muitas vezes ligados, manifestando igual identidade. Eles são Deus para nós, conosco.<sup>47</sup>

Ao termo do estudo sobre a noção do Espírito no Antigo Testamento, é importante tirar, como o estudioso Cazelles, as seguintes conclusões:

Vimos assim como no Antigo Testamento o Espírito nunca é identificado com o Deus de Abraão e do Messias. É um ser inteiramente dependente de Deus atuando no mundo, no universo criado pelo próprio Deus e que produz vida onde Deus está presente. Realidade que atinge os homens para fazer com que eles realizem ações divinas, ações de salvação com os reis e os juízes, ações boas e santas com os profetas, que pronunciam e lembram a palavra e que com Ezequiel e Joel anunciam a efusão do espírito nos corações de todos os membros do povo eleito. Realidade que não fala e, por conseguinte, cuja personalidade não é nítida (...) O Espírito repousa essencialmente no novo Davi, o Ungido por excelência, ao qual confere os dons da sabedoria, da inteligência, da coragem (...) Por Davi, outros homens como Salomão podem recebê-lo. Certamente, o ponto central da teologia do Espírito Santo no Antigo Testamento é este: missão vinda de Deus, por uma efusão de vida no íntimo dos homens.<sup>48</sup>

---

<sup>43</sup> VAN IMSCHOOT P., *op. cit.*, p. 37.

<sup>44</sup> CONGAR, YVES, *op. cit.* p. 27.

<sup>45</sup> CAZELLES, HENRI, *op. cit.*, p. 41.

<sup>46</sup> CAZELLES, HENRI, *l'Esprit-Saint et l'Incarnation d'après le développement de la révélation biblique, dans le Saint Esprit et Marie (Memorial Henri Barré)*, Bulletin de la Société française, d'études mariales 26 (1969), p. 14.

<sup>47</sup> CONGAR, YVES, *op. cit.* p. 29.

<sup>48</sup> CAZELLES, HENRI, *le mystère de l'Esprit-Saint*, MAME, 1968, p. 42-43.

## 1.2 A Revelação do Espírito no Novo Testamento

Depois do estudo sobre o Espírito (*Rûah*) no Antigo Testamento, outro estudo sobre o Espírito, agora no Novo Testamento, se faz necessário. Como foi feito na primeira, na segunda parte deste capítulo pretende-se, aproveitando de alguns trabalhos válidos, apresentar sucintamente a temática relativa à Terceira Pessoa Trinitária nos Sinóticos, em João, nos Atos e, enfim, em Paulo.

Com efeito, segundo especialistas no assunto, não há ruptura entre o Antigo Testamento e o Novo. De modo geral, o termo grego *pneuma* (neutro) que é traduzido em Português por Espírito, tem o sentido que reconhecemos na palavra hebraica *Rûah*.<sup>49</sup> O significado bíblico de *pneuma* é o de Sopro, Vento e está relacionado com *pnoé*, que é a brisa suave, o Sopro, a exalação, e com o verbo *pnoé*. *Pneuma* se traduz por soprar, respirar<sup>50</sup>; por tudo isso, é sinal de vida. Assim *Pneuma* e *Rûah* são dois vocábulos bíblicos que significam vida, Sopro vital, alma, espírito. Portanto, *Pneuma* - Espírito é uma realidade dinâmica, inovadora, criadora, vivaz, renovadora; é uma força ativa que dá vida, sustenta, guia, governa todas as coisas. Ao mesmo tempo, porém, o Espírito - *Pneuma* não pode ser confundido com um substrato corpóreo cósmico, como acontecia em algumas filosofias e concepções religiosas da antiguidade.<sup>51</sup> Vale a pena assinalar que o termo *pneuma* é um dos tantos que deixa os estudiosos bíblicos perplexos. Para alguns, o termo *pneuma* aparece no Novo Testamento 375 vezes<sup>52</sup>; para outros 379 vezes<sup>53</sup>; para outros ainda, a tradução dos LXX emprega “*pneuma*” 277 vezes<sup>54</sup> para traduzir o termo hebraico *Rûah* ou mesmo 264 vezes<sup>55</sup>. Em suma, segundo especialistas, poder-se-ia reduzir a significado de “*pneuma*” a:

---

<sup>49</sup> POU德里ER, ROGER, *op.cit.*, p. 36.

<sup>50</sup> RIVAS, LUIS HERIBERTO, *op.cit.*, p. 9.

<sup>51</sup> *Dicionário Teológico Enciclopédico*, São Paulo: Loyola, 2003, p. 251.

<sup>52</sup> GIULIANI, P. MATHEUS, *Espírito Santo no Novo Testamento*, in GUIMARAES, RIBEIRO ALMIR (org), *O ESPÍRITO SANTO, Pessoa, Presença, Atuação*, Coleção Teologia/7, São Paulo, Edição Vozes, 1973, p. 67.

<sup>53</sup> POU德里ER, ROGER, *op. cit.*, p.36. Cf. LACOSTE, JEAN-YVES, *op. cit.*, p. 489.

<sup>54</sup> Verbete *Esprit* in DICTIONNAIRE BIBLIQUE GERHARD KITTEL, *op.cit.*, p. 73.

- Princípio pensante no homem, consciência psicológica, princípio superior do homem sob a influência do Espírito Santo e, por afinidade, pensamento, sentimento, mentalidade, disposição e atitudes internas.
- Atividade do Espírito Santo no homem, ou o homem sob o influxo do mesmo Espírito: carisma, dons espirituais, plenitude do Espírito Santo.
- Pessoa do Espírito Santo, denominada também Espírito de Deus, Espírito de Cristo, Paráclito. *Paráclito* insinua a conotação de auxiliar, defensor, advogado, protetor, assistente, consolador, conselheiro, título também que se atribui a Cristo<sup>56</sup>.

É preciso assinalar aqui que este termo, *Paráclito*, citado mais adiante, aplica-se ao Espírito Santo em quatro ocorrências, somente no Evangelho de São João (Jo 14, 16.26; 15, 26; 16, 7.13-15); aplica-se, também, à Pessoa de Jesus uma única vez e na Primeira Carta de João (1Jo 2, 1). Esses textos se distinguem de todos os demais textos referentes ao Espírito Santo, não somente pelo título como também pelas funções a ele atribuídas nestas situações. No uso corrente, o título *Paráclito* foi utilizado para designar o assistente que aconselhava ou ajudava em questões da lei, no ambiente das cortes reais. Nos escritos rabínicos, encontram-se exemplos de uso dessa palavra para designar um advogado ou um intercessor, como também seu emprego em sentido teológico.

### 1.2.1 *Pneuma* – Espírito Santo nos Sinóticos

A contribuição mais importante dos Sinóticos a respeito do Espírito Santo refere-se as suas relações com Jesus durante sua existência terrestre.<sup>57</sup> Nos relatos dos evangelhos da infância, a concepção de Jesus é atribuída ao Espírito Santo:<sup>58</sup> “Enquanto assim decidia, eis

---

<sup>55</sup> RIVAS, LUIS HERIBERTO, *op.cit.*, p.10.

<sup>56</sup> GIULIANI, P.MATHEUS, *op. cit.*, p. 68.

<sup>57</sup> COSTE, RENÉ, *op.cit.*, p.71.

<sup>58</sup> DHEILLY, J, *op. cit.*, p. 370.

que o Anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho, dizendo: ‘José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo.’” (Mt 1, 20); e em Lucas 1, 35: “O Anjo lhe respondeu: ‘O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com sua sombra; por isso, o Santo que nascer será chamado Filho de Deus.’” Também seu precursor é cheio de Espírito desde o seio de sua mãe: “pois ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida embriagante; ficará pleno do Espírito Santo ainda no seio de sua mãe” (Lc 1, 15). O mesmo Espírito que realizou a concepção virginal de Jesus, está também presente ao seu batismo sob a forma de pomba (Mt 3, 16-17; Mc 1, 9-10; Lc 3, 21-22). De fato, o batismo de Jesus é o evento trinitário e histórico maior que inaugura seu ministério público e consagra, oficialmente, sua missão messiânica. Vale a pena notar que os três evangelistas, mesmo concordando sobre o essencial, falam do Espírito com ou sem certos atributos. Assim, a respeito do mesmo Espírito, Mateus dá o nome de “Espírito de Deus”, Lucas de “Espírito Santo”, enquanto Marcos fala simplesmente de “Espírito”. Os textos evangélicos não cessam de afirmar a plena verdade humana e divina da encarnação do Verbo de Deus.<sup>59</sup> Daí não pode separar-se desse fato a voz do Pai, a qual lhe empresta significado: Jesus é o Filho único de Deus sobre o qual se difunde em plenitude seu amor. É, portanto uma das pessoas da Trindade. E João Baptista nos fornece uma outra razão de ser destinatário: é Aquele que batiza no Espírito Santo e no fogo (Lc 3, 16; Mt 3, 11), inserindo os homens na família divina. Pelo batismo, somos, então, incorporados à Trindade, decorrendo daí a presença das Três Pessoas. A habitação em nós do Pai e do Filho não se verifica sem a do Espírito Santo.<sup>60</sup>

Jesus, no seu batismo, é revelado como o Messias pelo Espírito Santo (Mt 3, 16), começando, assim, a Nova Criação. O profeta João Batista vê o Espírito descer sobre Jesus sob a forma de pomba. O mesmo se repete na primeira criação, quando o Espírito pairava

---

<sup>59</sup> COSTE, RENÉ, *op. cit.*, p. 121.

<sup>60</sup> GIULIANI, P. MATHEUS, *op. cit.*, p. 69.

sobre as águas: “Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um Sopro de Deus agitava a superfície das águas” (Gn 1, 2). Jesus, a partir desse momento, possui em plenitude o Espírito Santo, que em seguida, o leva ao deserto: “Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo.” (Mt 4, 1). É pelo mesmo Espírito Santo que Jesus expulsa os demônios: “Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós” (Mt 12, 28). É pelo poder do mesmo Espírito Santo que faz milagres (Lc 11, 14). Enfim Jesus anuncia e promete aos apóstolos a assistência do Espírito, que os ensinará o que teriam de dizer nas perseguições.<sup>61</sup> Como se vê, a missão de Cristo se apresenta unida com à missão do Espírito. O Espírito Santo é tão importante na economia da salvação que o pecado (blasfêmia), contra este, é imperdoável, como o mostram os textos (Mt 12, 31-32ss; Mc 3, 29-30, Lc 12, 10). Por causa da má fé dos fariseus, duvidando da autenticidade da missão messiânica de Jesus e de achar que por Belzebu é que ele expulsava os demônios e não pelo poder do Espírito (Mt 12, 23-24), o Papa João Paulo II observa:

Blasfêmia não consiste propriamente em ofender o Espírito Santo com palavras; consiste, antes, na recusa de aceitar a salvação que Deus oferece ao homem. Mediante o mesmo Espírito Santo agindo em virtude do sacrifício da cruz. Se o homem rejeita o deixar-se “convencer quanto ao pecado”, que provém do Espírito Santo e tem caráter salvífico, ele rejeita contemporaneamente a “vinda” do Consolador: aquela “vinda” que se efetuou no mistério da Páscoa, em união com o poder redentor do sangue de Cristo: o sangue que “purifica a consciência das obras mortas.”<sup>62</sup>

Nós precisamos redescobrir o Espírito Santo que é o Espírito da Santidade e da Verdade de Deus Pai, um dos elementos fundamentais do Novo Testamento, em especial dos Sinóticos, nesta época em que o mundo é caracterizado pela perda do sentido de Deus da Verdade e da Justiça e, também, pela perda do sentido do pecado.<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> DHEILLY, J., *op. cit.*, p. 369.

<sup>62</sup> JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica DOMINUM ET VIVIFICANTEM, O Espírito Santo na vida da Igreja e do Mundo*, São Paulo: Paulinas, 2011, parag: 46, p. 75.

<sup>63</sup> COSTE, RENÉ, *op. cit.*, p. 72.

### 1.2.2 O Espírito Santo no Corpus Joanino

O Espírito Santo em São João é várias vezes apresentado sob o símbolo de água viva (Jo 4, 10; 7, 39; Ap 7, 17; 21, 6; 22, 1)<sup>64</sup> A água, símbolo por excelência da vida, torna-se o símbolo do Espírito Santo, fonte da vida sobrenatural:<sup>65</sup>

Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito. Não te admires de eu te haver dito: Vós deveis nascer de novo. O Vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito. (Jo 3, 5-8).

Jesus, indubitavelmente, é o possuidor do Espírito e é quem deve batizar os homens com este mesmo Espírito, como o mostra o diálogo com Nicodemos.<sup>66</sup>

Também as promessas do Espírito Santo, ocupam, sobretudo, um lugar de destaque em São João. No Batismo, o cristão, pela água e o Espírito Santo, é introduzido no Reino de Deus, adquire a faculdade de nascer no Espírito, ou seja, de revestir-se da natureza divina (Jo 3, 5-8). É principalmente no discurso após a Ceia, como ponto central, quase um refrão, que se multiplicam as promessas do Paráclito, qual princípio interior que animará os primeiros cristãos (Jo 14, 15-17.25-26; 15, 26-27; 16, 7-15).

O Espírito enviado pelo Pai e pelo Filho, procedente de ambos, tem por missão própria suprir ao Filho e levar à perfeição sua obra. Ambos são denominados *Paráclito*, isto é, assistente, protetor, defensor, advogado, que assume a causa de seus fiéis. No futuro, este Paráclito, vigário de Cristo, atuará de modo prevalentemente espiritual, percebido somente pelos fiéis, habitando neles e permanecendo com eles como princípio de ação. O Espírito de verdade não apenas iluminará as inteligências, como ainda comunicará Deus, do qual é odor; dir-se-ia quase uma espécie de emanção. Ele será testemunha do Cristo (Jo 15), esclarecerá

---

<sup>64</sup> DHEILLY, J., *op. cit.*, p. 370.

<sup>65</sup> COSTE, RENÉ, *op. cit.*, p. 76.

<sup>66</sup> RIVAS, LUIS HERIBERTO, *op. cit.*, p. 109.



as inteligências, fazendo-as penetrar em toda a verdade trazida por aquele que é o revelador máximo, enquanto completa a revelação do Pai e do Filho (Jo 16). A realidade e eficácia dessas promessas se comprovam pela conduta da primeira geração cristã, a qual tem convicção de possuir o Espírito Santo, de ser conduzida pelo seu poder sobrenatural (cf. Gl 3, 2-5). O Espírito é fonte de vida cristã, testemunhando a Cristo, assistindo a Igreja, subministrando aos discípulos força, virtude, alegria e união.<sup>67</sup>

A fórmula “Deus é Espírito” (Jo 4, 24) exprime em seu contexto que Deus está onde sopra o Espírito. Não é definição, apenas diz que Deus se revela no Espírito e como Espírito. Destarte, só podemos adorar a Deus no Espírito. O Espírito é, assim, a forma de Deus presente, como dom em plenitude, como procedente do Pai (Jo 3, 34; 14, 16.26; 15, 26; 1Jo 3, 24; 4, 13). O Espírito em quem Deus se revela é também o Espírito de Jesus. No batismo pousou sobre ele (Jo 1, 32s), o que indica a constante união entre Jesus e o Espírito, tanto na vida terrena como na gloriosa. As palavras de Jesus, na força do Espírito, levam a conhecer Deus (Jo 3, 34). Para o evangelista, o Espírito Santo atuava deveras nas palavras e gestos da vida terrena do Senhor, cujo sentido só foi desvendado após a ressurreição.<sup>68</sup> Assim Jesus, segundo o Batista, batizará no Espírito Santo (Jo 1, 33), batismo que terá lugar quando ressurgir (Jo 3), De fato, a primeira comunicação do Espírito surge como obra do Ressuscitado a caminho do Pai, quando Soprou sobre os Apóstolos, infundindo-lhes o Espírito Santo e, com isso, a capacidade de perdoar ou reter pecados (Jo 20, 22ss). Das palavras de Jesus, na Festa dos Tabernáculos, João está convencido de que a água viva do Espírito será concedida somente quando Ele for glorificado (Jo 7, 39). Nas últimas recomendações, depois da ceia, Jesus assim fala: “No entanto, eu vos digo a verdade: é de vosso interesse que eu parta, pois, se não for, o Paráclito não virá a vós. Mas se for, enviá-lo-

---

<sup>67</sup> GIULIANI, P. MATHEUS, *op. cit.*, p. 71.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 71-72.

ei a vós.” (Jo 16, 7). O Espírito é o Sopro da majestade e do poder do Verbo eterno. Só a exaltação do Verbo é que libera o Espírito.<sup>69</sup>

O Espírito aparece como pessoa, em relação pessoal com Jesus: Ele vem (Jo 16, 7.8.13), fica e permanece com os Apóstolos (Jo 14, 6s), ouve, fala... Dir-se-ia uma pessoa “paralela” a Jesus. Como Jesus vem do Pai, é enviado pelo Pai, o que diz não é seu (Jo 5, 30; 8, 42; 7, 16s; 14, 26; 15, 26; 16, 13), é o (outro) Paráclito (Jo 14, 16.26), é o Espírito (santo), é o Espírito da verdade (Jo 3, 5s; 20, 22; 15, 26). Jamais será, porém, um segundo Jesus. Ensinará a plenitude da verdade. Existem profundas relações pessoais com Jesus: é Jesus que O obtém do Pai (Jo 14, 16), é Jesus que O envia (Jo 16, 7) de junto do Pai (Jo 15, 26), como o Pai O enviará em nome de Jesus. O Espírito Santo é, pois, o “assistente” obtido pela oração de Jesus, enviado por Jesus de junto do Pai, aquele em quem Deus se revela, o rio de água viva que jorra do Coração de Jesus e que difunde as maravilhas do Redivivo (Jo 7, 37ss). Como Sopro de poder glorioso de Jesus, o Espírito Santo dirá o que ouvir (Jo 16, 13), dará testemunho de Cristo (Jo 15, 26), recordará tudo que disse Jesus, fazendo entender toda a obra terrena de Jesus.<sup>70</sup>

As declarações relativas à vinda do Paráclito e ao retorno de Jesus, no discurso de despedida, parecem constituir um só e mesmo acontecimento. Tudo o que se diz do Jesus que há de vir, vale também para o Espírito no qual vem. É no Espírito que Jesus virá aos apóstolos, que se manifestará aos que o amam e guardam os mandamentos, que os verá, que neles estabelecerá morada, que os atrairá a si, que os tomará consigo. Já não serão órfãos, porquanto o Espírito estará e permanecerá com eles para sempre, ensinar-lhes-á tudo, anunciar-lhes-á o porvir e proporcionar-lhes-á o conhecimento da reciprocidade vital existente entre o Pai, o Filho e eles. Então, rezar-se-á eficazmente em nome de Jesus, adorar-se-á no

---

<sup>69</sup> Ibid., p. 72.

<sup>70</sup> Ibid., p. 73.

Espírito e na verdade, haverá alegria para sempre, o mundo será desmentido, julgado e confundido pelo Espírito por causa de seu pecado, sua justiça e seu juízo (Jo 3; 12; 14; 16).<sup>71</sup>

O Espírito, que mostra Jesus em sua glória, confere aos homens a faculdade de serem seus ministros e despenseiros, servindo-se deles para a palavra e os milagres. Naturalmente, o Espírito é prometido e dado na pessoa dos apóstolos a todos os fiéis (Jo 4, 23; 7, 39). É indispensável a relação íntima entre os Doze e o Espírito Santo (Jo 20,22; 15,26s). Recebem o Paráclito para testemunhar, sendo seu testemunho é proporcional à livre adesão ao Espírito. A promessa que os obriga a dar testemunho no Espírito prende-se ao fato de terem ininterruptamente vivido em comunidade com Jesus desde o início. Põe-se como fundamento da pregação apostólica a participação histórica às palavras e aos atos de Jesus. A recepção do Espírito implica em missão, o que permite aos apóstolos o poder de perdoar pecados. Como Jesus, o Espírito Santo só pode ser conhecido na fé. O mundo que não aceitou Jesus não aceitará o Espírito; nos que O recebem, estabelece morada. Quem nasce do Espírito é maravilha inefável (Jo 3, 8). O Espírito se vale da carne (Jo 6, 51ss; 6, 63), mas Ele e suas obras não são do mundo.<sup>72</sup>

Sobre o Espírito Santo no Apocalipse e nas cartas de São João, vale dizer que todo o Apocalipse é testemunho de Jesus e profecia do Espírito Santo (Ap 19, 10). A doutrina do Espírito Santo, no livro do Apocalipse, é pouco explanada. Em alguns textos (Ap 1, 4; 2, 7.11.17.29; 3, 6.13.22; 14, 13; 21, 6; 22, 1.7), “Espírito” aparece como pessoa, hipóstase divina. Em outros, porém, como força, inspiração profética (Ap 1, 10; 4, 2; 17, 3; 21, 10). O Espírito Santo une seu apelo ao da Igreja para implorar o retorno de Cristo (22, 17s). Cristo tem poder sobre os sete espíritos enviados sobre a terra (Ap 5, 6; 3, 1; 1, 4). O símbolo dos sete espíritos indica o Espírito septiforme (alusão aos sete dons?). A divindade do Paráclito se depreende de sua missão e atividade que evocam a plenitude vivificante do Espírito que está

---

<sup>71</sup> Ibid., p. 73.

<sup>72</sup> Ibid., p.73-74.

em Deus (Ap 1, 4s), plenitude que procede do trono de Deus e é manifestada por Cristo. No Prólogo (Ap 1, 4) o Espírito manifesta-se dispensador de graça e paz junto ao Pai e ao Filho. Outro símbolo do Espírito Santo, no Apocalipse (7, 17; 21, 6; 22, 1.17): é “fonte (rio) de água viva” na celeste Jerusalém, procedente do trono de Deus e do Cordeiro. O Espírito Santo é Espírito da profecia que anima os profetas e evangelistas – e Espírito do conselho que exorta, adverte e instrui as Igrejas (Ap 2-3). Na Nova Aliança, ao espírito de temor sucederá o espírito filial, que provém da presença consciente em nós do Espírito Santo, Espírito de verdade, certificando-nos de que Deus está em nós (1Jo 3, 24; 4, 13; 5, 6).<sup>73</sup>

### 1.2.3 O Espírito Santo nos Atos dos Apóstolos

O que mais chama a atenção nos Atos dos Apóstolos é o fato de Pentecostes (At 2, 1-4):

Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem.

O Sopro e as línguas constituem os símbolos concretos do evento interior. O Espírito de Deus é Sopro e Ele assiste os apóstolos no seu testemunho de pregadores; o fogo é umas das formas da manifestação de Deus. As pessoas presentes estão cheias do Espírito Santo; não somente os apóstolos, mas todos aqueles que têm fé em Cristo e estão reunidos no mesmo lugar. É a realização do início da profecia de Joel:

‘Depois disto, derramarei o meu espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões. Até sobre os escravos e sobre as escravas, naqueles dias, derramarei o meu espírito. Porei sinais nos céus e na terra, sangue, fogo e colunas de fumaças.’ O sol se transformará em trevas, a lua em sangue, antes que chegue o dia de Iahweh, grande e terrível! Então, todo aquele que invocar o

---

<sup>73</sup> Ibid., p.74.

nome de Iahweh, será salvo. Porque no monte Sião e em Jerusalém haverá ilesos – como Iahweh falou – entre os sobreviventes que Iahweh chama. (Jl 3, 1-5; At 2, 14-17).

Complementando, é, também, o que Cristo já havia anunciado: “pois João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias” (At 1, 5).

Como nos homens inspirados do Antigo Testamento, a efusão do Espírito produz efeitos extraordinários (At 2, 4). Interiormente, este dom do Espírito gera força em vista do testemunho (At 1, 8; 9, 31). Algumas passagens parecem indicar que dar um testemunho extraordinário só pode existir sob o impulso particular do Espírito Santo (At 4, 8; 7, 55). Nesse sentido, a mesma expressão significaria agir sob o impulso do Espírito Santo (At 6, 3.5; 9; 17; 11, 24.28; 13, 9.52). Ao contrário, resistir ao Espírito Santo significaria o não cumprimento da vontade de Deus e mais precisamente aquela expressada na lei (At 7, 51-53).<sup>74</sup>

Por tudo isso, o livro dos Atos – com justeza – foi denominado o “Evangelho do Espírito Santo”, por causa da quantidade de manifestações, uma vez que o acontecimento de Pentecostes abre nova era do Espírito Santo, que habita nos fiéis, proporcionando-lhes a filiação divina, mediante dons e virtudes. É a Nova Criação. Após a ressurreição, Cristo difunde o Espírito Santo em abundância, do qual ficam repletos os apóstolos, os quais exercem os carismas e os distribuem pela imposição das mãos. A Igreja, incipiente, é regida pelos apóstolos que a infusão do Espírito converteu e transformou no ser, pensar e agir. A Igreja é Pentecostes que se perpetua. Nos tempos primitivos, a adesão à fé cristã implicava na recepção do Espírito Santo em Jerusalém (At 2), na Samaria (8, 15-17), no mundo pagão (At 10, 44ss; 11, 15; 15, 8). Os neófitos se esmeravam na caridade ardente, pondo tudo em comum, e na piedade, sendo assíduos ao templo. Eram uma só alma e um só coração (At 2,

---

<sup>74</sup> DHEILLY, J., *op. cit.*, p. 368.

42-47).<sup>75</sup> O principal objetivo do Espírito Santo era promover, sustentar, dirigir e intensificar o trabalho apostólico. Os apóstolos, antes tímidos, agora pregam, com ardor, o Cristo crucificado (At 2, 14.29); abertamente, proclamam a Palavra de Deus (At 4, 31).

Pedro, em seu discurso (At 2), interpreta a cena de Pentecostes, infusão do Espírito sobre os fiéis, como realização da profecia de Joel (3, 1-5). Repleto do Espírito Santo, defende-se destemidamente quando levado à prisão e interrogatório (At.4, 8). Atribui-se ao Espírito os oráculos do AT (At 4, 25), a autoridade dos apóstolos – mentir-lhes é mentir ao Espírito de Deus (At 5, 3.9); o testemunho intrépido da ressurreição (At 5, 32). O Espírito Santo é dado por Deus a quantos lhe obedecem (At 5, 32).<sup>76</sup>

É sempre o Espírito que estimula Pedro à missão entre os gentios (At 10, 19ss; 11, 12), que envia Saulo e Barnabé à obra que lhes destinara (At 16, 6-7). Barnabé, porque cheio do Espírito Santo, é enviado a presidir a comunidade de Antioquia. (At 11, 24).

Paulo, apenas batizado, pleno do Espírito Santo, empreende sua carreira evangelizadora corajosa e heroicamente (At 9, 17-20; 13, 9). O Espírito Santo é a alma da Igreja, presente em seu crescimento (At 9, 31), em suas realizações (At 15, 28) e em seu regime (At 20, 28). Normalmente, a ação do Espírito Santo se desenrola através da hierarquia. A autoridade do espírito e da hierarquia é uma só (At 15, 32). Em Éfeso, o Apóstolo das Gentes batiza em nome de Jesus, impõe as mãos e o Espírito Santo desce sobre os fiéis, fazendo-os falar línguas e profetizar (At 19, 5s). Em suas viagens, Paulo vive sob a assistência do Espírito que ora impede, ora impele (At 16, 6-7; 21, 4.11; 20, 22).<sup>77</sup>

No livro dos Atos, a crença no Espírito Santo é das mais profundas características da antiga fé cristã. Em alguns textos, o “Espírito” se apresenta como Dom divino, fonte dos carismas (sabedoria, força, alegria). Outros, porém, narrando atividades do Espírito como

---

<sup>75</sup> GIULIANI, P.MATHEUS, *op. cit.*, p. 75.

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 76.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 76.

agente de energias divinas, testemunham nitidamente a sua Pessoa, já que “fala pela boca dos profetas”, “murmura” aos ouvidos e ao coração; assim sendo, é possível mentir, tentar e resistir ao Espírito? O Paráclito é aqui descrito como agente de energias divinas, como a santificação das almas, a inspiração dos profetas e apóstolos..., fato que atesta também a divindade. “Mentir ao Espírito Santo é mentir a Deus” (At.5, 4).<sup>78</sup>

#### 1.2.4 O Espírito Santo no Corpus Paulino

A riqueza do Corpus Paulino a respeito da Pessoa, da presença e da ação do Espírito Santo é fascinante. Ela alimenta e estimula nossa busca da inteligência da fé. Uma das noções, a mais forte do corpo Paulino é que Paulo sintetiza sua concepção do que ele chama “o evangelho de Deus” que ele tem a missão de anunciar ao mundo: este evangelho que Deus tinha prometido pelos profetas nas Sagradas Escrituras é relativo ao seu filho descendente segundo a carne de Davi, foi estabelecido segundo o Espírito Santo, filho de Deus com poder pela sua Ressurreição e dentre os mortos, Jesus Cristo Nosso Senhor (Rm 1, 1-4).<sup>79</sup>

A primeira experiência de vida cristã em Paulo e seus fiéis foi a experiência do Espírito Santo. No Antigo Testamento, se Deus agia de modo extraordinário sobre um homem, fazia-o visando atividades exteriores. Agora, porém, se o Novo Testamento atesta sua intervenção mediante milagres e carismas prodigiosos, habitualmente acontecem em ordem à vida interior da alma, na qual faz sentir sua força, transformando-a espiritualmente (1Cor 6, 19; Ti 3, 5). Nessas atuações, o Espírito figura como pessoa, qual o Pai e o Filho, todavia distinto de ambos.<sup>80</sup>

Paulo não forjou uma teologia sobre a pessoa do Espírito Santo, limitando-se a apresentá-lo em sua dinâmica. O termo *Pneuma* vem 145 vezes em suas cartas, exprimindo ora a pessoa do Espírito Santo, ora os dons que infunde, ora a inteligência ou a disposição

---

<sup>78</sup> Ibid., p. 77.

<sup>79</sup> COSTE, RENÉ, *op.cit.*, p.73.

<sup>80</sup> GIULIANI, P.MATHEUS, *op.cit.*, p.82.

interior. De qualquer forma, o sentido fundamental de *Pneuma* é, em Paulo, possuidor de força divina, categoria divina, o sobrenatural. Há textos onde não é fácil discernir se o Espírito Santo é pessoa, força ou personificação. Textos existem, contudo, onde o Pai e o Espírito exercem ações distintas (Rm 8, 15.26ss; 1Cor 2, 10; Gl 4, 6). Não faltam lugares onde as Três Pessoas são enumeradas intencionalmente para distingui-las (Rm 1, 1-4; 1Cor 12, 4-5; 2Cor 13, 13; Ef 1, 3-4). Certas outras atividades são atribuídas ora ao Filho, ora ao Espírito. Outras são atribuídas especificamente ao Filho ou ao Espírito Santo.<sup>81</sup>

Examinando melhor os textos, denotam-se diferenças na atividade trinitária: - o Espírito Santo é dado no batismo (1Cor 6, 11), mas é no Cristo que o homem se incorpora e se justifica (Gl 2, 17). Cristo é o mediador da Redenção, ao passo que o Espírito é o penhor de seus efeitos (Ef 1, 13; 4, 30). Outros dons – justiça, paz, amor... – conectam-se com a posse do Espírito Santo, mas são conferidos a quem permanece fiel ao Senhor Jesus (Rm 5, 5; 8, 35-39; 14, 17; Fl 4, 4).

Certas atividades internas são atribuídas exclusivamente ao Espírito Santo: - a oração (Rm 8, 26), - o penhor da filiação divina (Rm 8, 16.23), - a infusão da sabedoria (1Cor 2, 11.14), e outras manifestações do poder divino (Rm 1, 4; 15, 13; 1Cor 2, 4-5; 1Tes 1, 5; 2Tim 1, 7). A faculdade espiritual – o “espírito” - está sob a ação direta do Espírito Santo. As atividades internas sobrenaturais são emitidas pelo espírito humano que, por sua vez, é movido imediatamente pelo Espírito Santo, doado pelo Pai aos que se incorporam em Cristo Jesus.

Não se pode negar em Paulo uma teologia trinitária, embora, às vezes, embrionária, afirmando, ao mesmo tempo, a trindade das pessoas, isto é: sua distinção, sua divindade e suas relações recíprocas. Diz-se Espírito de Deus, Espírito do Pai, princípio de possessão e missão, mais raramente Espírito de Jesus Cristo... o que indica inseparabilidade em certas

---

<sup>81</sup> Ibid., p.83.



atividades (Rm 8, 9.14; 1Cor 2, 12-14; 2Cor.3, 3; Fl 1, 19; Gl 4, 6). Se o Pai age como princípio e o Filho como mediador, o Espírito é o agente pelo qual Pai e Filho repassam o poder divino. A teologia, mais tarde, elaborará a fórmula; “as operações sobrenaturais, exercidas pelo Pai, são feitas no Filho e pelo Espírito Santo, agente deificante”.<sup>82</sup>

O dom do Espírito Santo é a graça inicial que melhor caracteriza o convertido. Sua infusão é o motivo de ser da redenção, realizando a promessa feita a Abraão (Gl 3, 14). É dom divino que acompanha a fé e o batismo (1Cor 6, 11; 12, 13; 1Tes 4, 8; 2Tes 2, 13; Ti 3, 5), primícia de outras graças (Rm 8, 23), penhor de redenção final (2Cor 5, 5; Ef.1, 13; 4, 30). A condição cristã é evidenciada pela lei do espírito da vida em Cristo Jesus (Rm 8, 2). O cristão saboreou o dom celeste, participando do Espírito Santo (Hb 6, 4). Voltar ao pecado é ultrajar o Espírito da graça (Hb 10, 29).

Deus derramou em abundância o Espírito por Jesus Cristo (Ti 3, 6). Paulo diz possuí-lo (1Cor 7, 40; 2, 12-13). Recebemos o Espírito que conduz à filiação (Rm 8, 15), à santificação (2Tes 2, 13) e à renovação (Ti 3, 5). O Espírito procede da pregação da fé (Gl 3, 2-5) e é concedido para uma conduta santa (1Tes 4, 8). A espada do Espírito é a Palavra de Deus (Ef 6, 17).<sup>83</sup>

O Espírito Santo é princípio de vida cristã. Uma das peculiaridades do cristão, pela qual se distingue do judeu, é a posse e comunhão do Espírito de Cristo (Rm 8, 9; Gl 3, 2-5; 2Cor 13, 13; Fl 3, 1). No batismo, o cristão recebeu o Espírito de Deus (Gl 3, 15; 1Cor 2, 12; Ef 1, 13), tornando-se templo do Espírito Santo (Rm 8, 9; 1Cor 6, 19; Ef 2, 22). Assim, vive ele na economia do Espírito da vida (Rm 8, 2). A ação interna do Espírito Santo produz e desenvolve nele uma faculdade nova, que age sob a moção do mesmo Espírito, opondo-se à “carne”, como princípio antagônico (Gl 5, 16-24; Rm 8, 1-13). Essa faculdade nova é uma espécie de instinto que se dirige ou a Deus – e se identifica com o homem interior, criado à

---

<sup>82</sup> Ibid., p. 79.

<sup>83</sup> Ibid., p. 81.

imagem de Deus (Ef 3, 16-17), - ou à criatura, tornando-a inimiga de Deus. Este “espírito” é a esfera das operações do Espírito Santo, o qual atual sua renovação e recriação.

Enfim ao homem interior que se renova dia a dia (2Cor 4, 16), o Espírito se manifesta como participação da divindade, princípio e garantia de ressurreição (Rm 8, 10-11). Movido pelo Espírito, o espírito do homem pode elevar preces verdadeiramente divinas (Rm 8, 26s), provocar o clamor filial para o Pai (Rm 8, 15-16; Gl 4 ,5-6), não sendo entendido pela inteligência, senão por inspiração interna (1Cor 14, 14-19). O espírito humano pode ser definido como um elemento divino que é infundido pelo Espírito Santo e que não se confunde com ele. O simples cristão, autêntico, não é dotado de carismas extraordinários, mas se contenta com a libertação que o Espírito de Deus lhe proporciona (2Cor 3, 17).

Paulo vê no Espírito Santo a força motriz do agir cristão. No batismo, inaugura-se um novo caminhar, um andar no Espírito, que é força para vencer e mudar a situação face à salvação, inculcando esperança. A efusão de Pentecostes prossegue no batismo e nos demais sacramentos (Rm 8, 12ss; Gl 5, 16ss).<sup>84</sup>

O Espírito Santo é a vida da graça. O Pai opera por Cristo com o vigor do Espírito Santo. Constrói-se a mística do Espírito, que é anel de união entre a do Pai e a do Filho. O Espírito Santo é força que se une ao espírito humano, elevando-o a uma esfera de vida superior. O Paráclito se encontra intensamente entrelaçado com a vida mística em Cristo (cf. Rm 8, 9-11). O Espírito de Deus se equipara ao Espírito de Cristo. A habitação do Espírito se identifica à realidade do “Cristo em nós”. Tal união mística é dom, efeito, fruto do Espírito Santo (1 Cor 14, 4s; 1Tes 5, 17-19). Nossa união com Cristo se opera pelo Espírito (1Cor 6, 17; 12, 4; 12, 11-13). É sempre o Espírito que revela o mistério da salvação (1Cor 2, 6-16) e atua na mística cristológica (Rm 8, 1-35). No Espírito, o fiel se encontra em nova esfera vital que o une a Deus. Com efeito, no Espírito como no Cristo: todos são batizados, formam um

---

<sup>84</sup> Ibid., p. 83.

só corpo são santificados e justificados, têm acesso ao Pai, são selados, consolidados e agraciados com sua plenitude, confessam a Cristo, tornam-se oferenda agradável e santa, prega-se o Evangelho, cumpre-se a revelação, a consciência dá testemunho, verifica-se o Reino de Deus com sua paz, justiça e alegria; há um amor e uma circuncisão espiritual, um orar, um servir de Deus, virtudes; há um fervor, um estímulo, uma vida e uma esperança escatológica (cf. Rm 8, 4-9; 2, 29; 9, 1; 12, 11; 14, 17; 15, 16; 1Cor 6, 11; 12, 3.13; 14, 15s; 2Cor 6, 6; Gl 3, 3; 5, 5; 5, 16-25; Ef 2, 18.22; 3, 5; 4, 30; 5, 18; 6, 18; Col 1, 8; Flp 1, 27; 3, 3; 1Tes 1, 5).

O cristão é carta de Cristo escrita com o Espírito de Deus vivo (2Cor 3, 3). Por meio do Espírito, foi derramado o amor de Deus (Rm 5, 5), ressuscitando o corpo (Rm 8, 11), e consolidando-se, assim, o homem interior (Ef 3, 16); conserva-se, também, o bom depósito da fé (2Tim 1, 14). O Espírito habita em nós, normalmente na vida cristã, extraordinariamente mediante os carismas (Rm 8, 9-11; 1Cor 3, 16; 6, 19; Ef 2, 22; 2Tim 1, 14). No cristão, ao lado de profunda vinculação mística com Cristo, há verdadeira penetração permanente do Espírito de Deus.

O Espírito Santo dá plenitude e consumação a nossa vida em Cristo. A união com o Espírito não é fusão, apesar de íntima e mística. Eleva vigorosa e gratuitamente a natureza humana, assume debilidades e ajuda na oração com inefáveis suspiros (Rm 8, 26s). A ação do Espírito, enfim, transfigura o cristão todo (Rm 1, 11; 15, 27; 1 Cor 9, 11; Ef 1, 3; Col 1, 9).

Na relação entre o Espírito Santo e o Corpo Místico, a Igreja, sabe-se que, apesar de não ser nada fácil interpretar certos trechos paulinos, envoltos em mistérios, é viável vislumbrar no Espírito Santo sua divindade, personalidade distinta, consubstancialidade e procedência do Pai e do Filho. Certos efeitos e propriedades, Paulo ora as atribui ao Espírito ora a Cristo: ser em Cristo e no Espírito, firmes em Cristo e no Espírito, falar em Cristo e no Espírito, justificados em Cristo e no Espírito, santificados e circuncidados no Espírito e em

Cristo... Tudo em função do Corpo Místico. Não há Corpo Místico sem Espírito, nem Espírito Santo fora do corpo Místico. Há uma íntima conexão do Espírito com a Igreja, Corpo Místico. Coextensão e compenetração mútuas, visando à edificação, unificação e vivificação do Corpo Místico, em solidariedade e comunhão em Cristo Jesus (Ef 4, 4; Rm 8, 1-2.9; 1Cor 6, 15.19; 12, 13). A ação do Espírito Santo se contrapõe à Lei do pecado e da morte, à letra da Lei, à carne que perturba a Lei (Rm 8, 2; Gl 5, 18; 7, 4-6; Gl 5, 24s). Paulo relaciona a missão do Filho à do Espírito Santo (Gl 4, 4-6). O Pai envia o Filho, o qual se faz solidário com os homens que, assim, se tornam filhos de Deus aos quais lhes envia o Espírito. Ao primeiro Adão, alma vivente, contrapõe-se o segundo Adão, Espírito vivificante (1Cor 15, 45).<sup>85</sup>

Paulo concebe o Espírito Santo em ação, como princípio vital, ativo e unitivo do Corpo Místico de Cristo. Logo, o Espírito Santo é conteúdo substancial da Nova Aliança. Esta tarefa santificativa se atribui ao Espírito Santo por apropriação, não como estrita propriedade, pois é comum das Três Pessoas. Como efeitos do dom do Pai, enumeram-se as virtudes teologais e carismas (1Cor 12-14), os frutos do Espírito (Gl 5, 22s), a sabedoria, a revelação, a habitação no homem ao qual santifica, justifica e vivifica. A ação do Espírito não sufoca nem transtorna a atividade humana, mas sublima, estimula, reforça, retifica, liberta, tranquiliza e pacifica, ação que supõe no homem vida espiritual alimentada com a oração e mortificação. A oração é mais obra do Espírito do que humana (Rm 8, 26s; 1Cor 14, 15). Oração ideal é quando o Espírito Santo repercute na inteligência, abrasando e iluminando. A mortificação é obra especialmente do Espírito Santo, pois é o antídoto de todas as tendências malsãs da carne (Gl 5, 16-24). Fruto da mortificação da carne pelo Espírito é pureza, a verdadeira circuncisão (do coração). Paulo motiva essa virtude pelo fato de estar o homem incorporado a Cristo e de ter o Espírito Santo como hóspede (Rm 2, 29; Col 2, 11; 1Cor 6, 15-19; 7, 34).

---

<sup>85</sup> Ibid., p. 84.

A múltipla ação do Espírito tem por instrumento os sacramentos: o Batismo (1Cor 6, 11; 12, 13; Ti 3, 5), a Confirmação (1Cor 12, 13), a Ordem (2Tim 1, 6-7), a Eucaristia e Matrimônio (Ef 5, 22s; Rm 8, 9; 1Cor 10, 16-17). O apostolado é todo sob a ação do Paráclito (Rm 15, 19; Ef 6, 17; 1Cor 2, 2-4.13; 2Cor 3, 6-8; 6, 4-6; 1Tes 1, 5). A mensagem evangélica foi comprovada por Deus com sinais, prodígios e dons do Espírito Santo (Hb 2, 4; 2Cor 3, 3). O que pelo Espírito se conquistou, pelo Espírito se deve conservar (o precioso depósito da fé), o qual é doador dos carismas (2Tim 1, 14; Ef 4, 12; 1Cor 12, 4.7.8-11).

Os dons do Espírito são bem mais que os sete indicados por Isaías (11, 1-3) e não se encontram senão dispersos, tendo função social e santificativa em mira à edificação do Corpo Místico, à motivação da virtude e à atividade da hierarquia. Não são simplesmente passageiros, mas atuais, importando em disposições habituais que habilitam à guia do Espírito Santo. Orientam as relações do homem com o Espírito Santo, as quais consistem em estar no Espírito, ser segundo o Espírito, aspirar às coisas do Espírito e caminhar segundo o Espírito.

Nada agrada a Deus se não é movido pelo Espírito Santo (Rm 8, 9). Assim, a maior infelicidade é contristar o Espírito (Ef 4, 30). Sem o Espírito Santo, o homem é incapaz do bem. O Espírito Santo, portanto, é a alma do Corpo Místico que enobrece, move e vivifica; é o hóspede divino da Igreja e de cada fiel (Rm 8, 9; 1Cor 3, 16); é dom do Pai, do Filho e de Si mesmo; é o agente único na ordem sobrenatural. Em vista de tudo o que foi exposto, faz-se necessário enumerar alguns pontos de desenvolvimentos dogmáticos e algumas linhas de reflexão teológica da tradição eclesial a respeito do Espírito Santo:

Paulo não fala do Espírito apenas para revelar o mistério de sua personalidade divina, mas em função de sua atividade santificadora, como princípio agente da santificação do homem e edificação da Igreja. Há, no entanto, a tentação de focalizar menos realidades – influxo da filosofia grega e da escolástica – e mais formalidades, aspectos particulares. Não assim é em Paulo, que vê o todo, vê não precisamente formalidades isoladas, mas

compreensivamente realidades vivas e complexas. Ao contemplar a realidade do Corpo Místico de Cristo, compreensivamente contempla a realidade do Espírito Santo, princípio vital do Corpo Místico, Cristo como a cabeça, o organismo do Corpo Místico, cuja alma porém é o Espírito Santo. Sua ação se estende a todos os cristãos e a todas as manifestações da vida sobrenatural desde o batismo até à bem-aventurança. Caminhar no Espírito, ser movido pelo Espírito, é obedecer aos impulsos da graça (Rm 4, 4-14). Tudo o que eleva o homem acima de sua natureza carnal e psíquica, tudo o que o insere na atmosfera divina, tudo o que o transforma em ser espiritual, recebe em Paulo o nome geral de “Espírito” por alusão à fonte da qual emana. O Espírito Santo é amor, e é próprio do amor dar, dar-se a si com seus dons. O amor com que Deus ama a pessoa se manifesta pelo dom do Espírito e, ao mesmo tempo, pela infusão de graça santificante que é efeito do Espírito presente no homem. Semelhante infusão não é transitória, mas inerente, subsiste inseparavelmente unida ao Espírito, sua fonte (Rm 5, 5). Essa efusão é finita, porquanto é recebida em ser finito. Conseqüentemente, pode crescer indefinidamente. Por sua presença, o Espírito Santo se torna intermediário da união do justo com Deus, união deificante com e pelas pessoas com a natureza humana. A graça santificante é resultado, não condição, da presença do Espírito Santo. O Pai santifica enviando o Filho, mediador da graça; Pai e Filho enviam o Espírito Santo, agente da santidade. É o que precisa a Igreja no mundo de hoje.

## CAPÍTULO II

### REFLEXÕES TEOLÓGICAS SOBRE O ESPÍRITO SANTO

Esta caminhada, através de alguns livros do Antigo e Novo Testamento, permitiu o destacamento dos fundamentos bíblicos do Espírito de Deus. Na exposição a seguir, portanto, pretende-se enumerar alguns pontos de desenvolvimento dogmático e algumas linhas de reflexão teológica da tradição eclesial a respeito do Espírito Santo.

Falar do Espírito Santo, nome de uma das Pessoas Divinas, é sempre um grande desafio, pois a melhor palavra diante de sua grandeza e de sua infinitude será o silêncio. Como expressar algo relativo àquele que é inexprimível, que não se deixa apreender por modelos e formas de pensamento que o pretendem captar?<sup>86</sup> Mas se o silêncio total fosse o caminho, não comunicaríamos o amor de Deus ao mundo. Por isso, faz-se necessário a busca de linguagens, de palavras, de gestos e de sinais para expressar Deus e seu amor, e essa aventura espiritual faz parte da dimensão humana.<sup>87</sup>

No contexto bíblico e na história da Igreja, a partir de experiências concretas da vida, e por diferentes razões, o povo de Israel e as comunidades cristãs primitivas descobriram que uma forma adequada para falar de Deus e de sua interação no mundo seria com a expressão Espírito Santo. Portanto, o Espírito Santo é Deus que, em seu amor, age no mundo. Ele é o precursor e, ao mesmo tempo, o atualizador do Carisma Salvífico da Graça encontrado no Cristo. A gratuidade, como dom de Cristo que chega ao ser humano pelo Espírito Santo, é uma grandeza autônoma, importante em si mesma e que dispensa instrumentalizações.<sup>88</sup>

Com efeito, a elaboração da teologia do Espírito Santo se desenvolveu com grande lentidão e entre muitas dificuldades: umas, derivantes da multiplicidade de significados do

---

<sup>86</sup> WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, p. 43.

<sup>87</sup> RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Teologia em Curso: Temas da fé cristã em foco*. São Paulo: Paulinas, p. 121.

<sup>88</sup> *Ibid.*, p. 120.

termo “espírito” e outras, criadas pelas heresias.<sup>89</sup> Lentidão, também, porque a reflexão teológica se concentrava, sobretudo, em Cristo, a tal ponto que a teologia ocidental era acusada de um déficit pneumatológico frente à teologia oriental.<sup>90</sup> De fato, durante o Concílio (de 11 de outubro de 1962 à 8 de dezembro de 1968), os “observadores” ortodoxos, protestantes, anglicanos, muitas vezes recriminaram os textos em discussão por falta de pneumatologia. Até mesmo após o concílio, alguns repetiram tal recriminação.<sup>91</sup> Mas hoje, pode-se dizer que este quadro está mudando, pois tem sido crescente a ênfase religiosa em torno da ação do Espírito Santo. A visibilidade dos movimentos de renovação religiosa, tanto no campo católico como no evangélico, no mundo todo, de modo especial no Brasil, tem feito com que as temáticas relativas ao Espírito Santo estejam “na ordem do dia”.<sup>92</sup> Essa sede de espiritualidade que marca o homem contemporâneo, a atividade de comunidades e grupos eclesiais, movimentos ecumênicos, pentecostais e neopentecostais, grupos de oração, os quais exprimem sua fé, mesmo com experiências e referências teológicas e práticas distintas, por vezes até mesmo em tensão, trouxeram com intensidade e propriedade o dado pneumatológico para o cenário da reflexão teológica que, até alguns decênios atrás, não tinha direito de cidadania na teologia.

A liberdade do Espírito requer das Igrejas e da produção teológica um amplo repensar das formas tradicionais da interpretação da Bíblia e da história da Igreja. O mesmo se dá em relação aos procedimentos missionários eclesiais.

Na segunda parte deste trabalho, pretende-se dar alguma atenção às ideias do desenvolvimento dogmático e algumas linhas de reflexão teológica da Igreja a respeito do Espírito Santo. Pretende-se também, verificar e mostrar até que ponto a teologia e a vivência

---

<sup>89</sup> GRANADO, C. *Espírito Santo in: BERARDINO, Angeli di; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manlio (org) Dicionário de Literatura Patrística*. São Paulo: Ave Maria, p. 669.

<sup>90</sup> BOLGANI, F. *Espírito Santo in: Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. São Paulo: Vozes, Paulus, 2002, p. 669.

<sup>91</sup> CONGAR, Yves. *Creio no Espírito Santo I – revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, p. 216.

<sup>92</sup> RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Op. cit., p. 120.



eclesial são particularmente sensíveis à reflexão sobre o Espírito Santo isto é, a pneumatologia, apresentando alguns aspectos da ação do Espírito Santo na linha de libertação na missão da Igreja da América Latina.

## **2.1 O Espírito Santo na Literatura Patrística: de Niceia (325) a Constantinopla (381)**

A teologia patrística sobre o Espírito Santo aprofunda suas raízes nos dados bíblicos, tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento. Neste último, são particularmente importantes as referências ao mandato missionário, à concepção e ao batismo de Jesus no Jordão, junto com o tema da Unção e de Pentecostes. Como se sabe, Mt 28, 19 constitui a base da reflexão patrística sobre a teologia trinitária e é empregado por todos os Padres. Quanto ao Antigo Testamento, são relevantes, entre outros, os textos de Gn 1, 1.26: é o Espírito que se movia sobre as águas primordiais; também 1Sm 10, 1; 16, 3: “o Espírito de Deus” era aquele que descido sobretudo sobre o rei e os chefes no momento de sua unção, e depois sobre os profetas (Is 11, 21; Ez 36, 26-27; 37, 1-14; Sl 51; etc.), havia-se estendido depois a todo o povo eleito como dom prometido para o dia do Senhor (Jl 3, 11). Como também foi visto no capítulo anterior, é necessário ter presentes esses vários temas relativos ao “Espírito de Deus” (*Rûah Iahweh*), plenos de significados do Antigo Testamento e do chamado judaísmo intermediário.<sup>93</sup>

No judaísmo, o Espírito de Deus será sempre apresentado como princípio divino animado, identificado com sua sabedoria (Sb 7, 22ss) e, na tradição rabínica será indicado sempre mais nitidamente como origem e causa da profecia. Com efeito, na posterior especulação teológica trinitária e pneumatológica da época patrística, entre vários textos importantes, um teve seu peso decisivo, o texto de Mt 28, 18-19: “Jesus aproximando-se

---

<sup>93</sup> CIOLA, N. *Espírito Santo in: Dicionário Teológico Enciclopédico*, São Paulo: Loyola, 2003, p. 251, cf. BERARDINO, Angeli di; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manlio (org) *Dicionário de Literatura Patrística*. São Paulo: Ave Maria, p. 506.

deles, falou: ‘Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’. Trata-se, evidentemente, de uma fórmula trinitária do batismo. Esta fórmula irá tornar-se, pelo fim do século I até início do século II, a mais corrente, e depois a única empregada. A transmissão – mesmo que apenas como simples fórmula – desta que continha uma referência ao Espírito Santo, constituiu, depois, a base de toda a especulação trinitária posterior até o Concílio Constantinopolitano I de 38.<sup>94</sup>

Se até depois da metade do século IV o desenvolvimento da teologia trinitária servirá para definir e esclarecer o significado, como também o papel e a relação recíprocos intercorrentes entre o Pai e o Filho, só o fato de acrescentar-lhe a menção do Espírito – mesmo que às vezes sem específicas precisões ulteriores a seu respeito – constitui a base de uma proclamação de fé, pelo que a especulação teológica foi provocada em certo momento a interessar-se também, de modo mais exato, pelo Espírito Santo.

Para a evolução da reflexão teológica dos Padres sobre o Espírito Santo, enquanto citado ao lado do Pai e do Filho, reflexão provocada, como se disse, pela fórmula batismal de Mt 28, 18-19 contribuíram vários elementos que, assim, podem ser citados:

- A ideia da inspiração das Escrituras (primeiro as do Antigo Testamento, depois, aos poucos, o reconhecimento “Escritura” também do Novo Testamento); inspiração considerada obra do Espírito Santo;
- A reflexão sobre a preexistência de Cristo, já afirmada por Paulo em Rm 1,4 “estabelecido Filho de Deus com o poder por sua ressurreição dos mortos segundo o Espírito de Santidade, Jesus Cristo Nosso Senhor”, e depois a fórmula seguinte, mais articulada e compacta, de Cl 1, 15-17:

---

<sup>94</sup> BERARDINO, Angeli di; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manlio (org) Op. cit.. São Paulo: Ave Maria, p. 507.

Ele é a imagem de Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, no céu e na terra, as visíveis e a invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. É antes de tudo e tudo nele subsiste.

e depois desenvolvida em Fl 2, 6-11; 1Tm 3, 16; Jo 1, 1-2; 1Jo 1, 1s;

- A fé na inabitação do Espírito nos fiéis seguindo várias indicações paulinas, como por exemplo, Rm 8, 11; 1Cor 6, 14; etc., que retranscritas em fórmulas de filosofia corrente (estoicas na maioria), levaram alguns autores a sustentar que em certa medida, o “espírito” (pneuma) que há no homem poderia identificar-se, ou, pelo menos, ligar-se estreitamente com o Espírito Divino;
- A presença do Espírito Santo na Igreja: tema já amplamente presente em Paulo, Lucas e João, desenvolvimento feito, principalmente, por Inácio de Antioquia, levado a conclusões ascéticas rigorosas na chamada II Clementis (14, 3) e, de modo ainda mais radical, nos grupos sectários, eucratitas e gnósticos rigoristas.<sup>95</sup>

### **2.1.1 O Espírito Santo no Concílio de Niceia (325)**

O desenvolvimento pneumatológico foi tão forte, que desde meados do século III até os primeiros decênios do IV e ainda mais além, a posição do Espírito Santo aparece muitas vezes pouco clara e mais ainda, escassamente definida. Há sinais de volta a uma teologia arcaica, que identificava o Espírito Santo com Cristo superior, que teria descido no Jesus terreno ou então tendências a identificá-lo com uma entidade superior de valor mais ou menos místico, qual Melquisedec que segundo a Epístola aos Hebreus 7, 11, havia abençoado Cristo (na bênção concedida a Abraão) e que, portanto, seria superior a Cristo; outras vezes se encontram alusões a uma teologia simbólica a identificar o Espírito Santo simplesmente à Graça Divina; ou ainda, seguindo rigorosamente as tendências subordinacionistas, deduzidas da fórmula origeniana, entende-se o Espírito Santo, como um poder criador, uma “coisa”

---

<sup>95</sup> Ibid., p. 507.

(“realidade”) feita ou trazida à existência por meio do Filho, por conseguinte nem Deus nem Filho.

A definição que com a fórmula nicena do Credo se tem sobre a relação Pai e Filho (325), com a condenação de Ario e o arianismo, constitui, em todo caso, a nova base em vista da determinação teológica também do Espírito Santo, apesar de que a fórmula de Niceia, a respeito deste último, se limita a proclamar: “e (cremos) no Espírito Santo”. Foi somente em época posterior, em plena controvérsia ariana, que, depois de 360, entre as várias correntes que disputavam o campo, começou a surgir uma tendência que se pôs a disputar também sobre o Espírito Santo. Esta controvérsia, propriamente pneumatológica, que constitui uma das tantas proliferações mais ou menos espontâneas do arianismo dominante, se manifestou, a princípio, no Egito e o primeiro a ser dela informado e a assinalá-la, foi ainda, uma vez, Atanásio. Sua evolução seguinte incluía mais diretamente nos temas controvertidos e disputados também a realidade do Espírito Santo enquanto contribuía para dar maior esclarecimento sobre o problema trinitário; em seu conjunto foi tão decisiva, pelas soluções que logo surgiram da parte da Grande Igreja, também em vista de maior precisão a respeito do Espírito Santo. A conclusão da controvérsia pneumatológica se efetuou no Concílio Ecumênico Constantinopolitano I (381), proclamando a plena divindade da Terceira Pessoa da Trindade.

### **2.1.2 Situação da pneumatologia de Niceia (325) ao Concílio de Constantinopla (381)**

No longo período que vai de 325 a 381, a pneumatologia havia, entretanto, registrado várias tomadas de posição, mas inicialmente e por longo tempo de cunho mais ascético – espiritual – pastoral do que propriamente teológico – especulativo; isto significa que, mesmo aqui, a fórmula dogmática irá intervir depois para dar maior clareza teológica a uma realidade vivamente sentida dentro da Igreja. Assim por exemplo, em Cirilo de Jerusalém

(especialmente nas Catequeses XVI e XVII), assim em Dídimo, o Cego (em seu “De Spíritu Sancto”), assim em outros. Mas a especulação mais sistemática e orgânica relativa ao Espírito Santo se encontra, ao invés, desenvolvida pelos maiores campeões da ortodoxia do século IV, por Atanásio e depois pelos três grandes Padres Capadócius (Basílio, Gregório de Nazianzo, sobretudo por Gregório de Nissa).

É nestes autores que se tem a refutação circunstanciada daquela que será chamada de heresia “pneumatômaca”.

Com efeito, para Atanásio, em sua polêmica contra os que interpretavam as expressões das Escrituras concernentes ao Espírito Santo em sentido “figurado” e que, por ele eram, por isso chamados de “trópicos”, o Espírito Santo deve ser compreendido dentro da Trindade, no sentido de movimento circular no interior desta, e não como uma “criatura” como sustentavam os “trópicos” e, depois, sustentarão Macedônio e os vários pneumatômacos; é ele consubstancial ao Pai e ao Filho (“Cartas a Serapião, passim”).

Basílio insiste, também, contra os pneumatômacos, sobre o fato de que o Espírito Santo não é uma criatura, mas é digno da mesma honra reservada ao Pai e ao Filho, por isso deve ser posto no mesmo nível destes, ser contado juntamente com estes e não ser contado abaixo destes. Vale salientar que apesar destas afirmações, Basílio foi acusado por alguns teólogos rigorosos de se ter mantido em incerteza em relação à divindade do Espírito Santo. E de fato, Basílio nunca chama o Espírito Santo de Deus. Passos ulteriores para o reconhecimento da plena condição divina do Espírito Santo foram realizados por Gregório Nazianzo. Assim, Gregório de Nazianzo aprofundou o conceito de pericorese intratrinitária, afirmando que o específico do Espírito Santo é o “porvir”, “proceder” do Pai, fazendo parte da substância ou essência dele, como o específico do Filho-Logos é o ser “gerado”. Mas foi, sobretudo com Gregório de Nissa, em suas polêmicas contra Eunônio e contra os macedonianos, que acusavam os capadócius por suas especulações sobre a Trindade, não de

defendê-la, mas de caírem no triteísmo, que se chega à resolução doutrinal mais nítida concernente ao Espírito Santo.

Com efeito, Gregório de Nissa parte das operações das pessoas trinitárias, que são distintas, mas que testemunham uma única essência; assim, o Espírito Santo, tem a característica de ser de Deus e de Cristo, provindo do Pai e sendo recebido pelo Filho. Desse modo, o Pai é todo Poder, o Filho é o Poder do Pai e o Espírito é o Espírito do Poder do Filho. Por conseguinte, como ao Pai e ao Filho, também ao Espírito Santo convém prestar a adoração suprema.

Foi nestes termos precisos que se expressou justamente o Concílio de Constantinopla I de 381, que, a respeito do Espírito Santo, o nomeia principalmente a propósito da Encarnação “(...) o Filho de Deus (...) descido do céu encarnado do Espírito Santo e de Maria Virgem”. Mais adiante, proclama-se a fé “no Espírito Santo, aquele que é Senhor e vivificador, aquele que procede do Pai e juntamente glorificado, aquele que falou através dos profetas”.<sup>96</sup>

Observa-se que a fórmula do Credo Constantinopolitano relativa ao Espírito Santo fundia de maneira conjunta, uma série inteira de expressões materialmente deduzidas do Novo Testamento (Mt 1, 20; Lc 1, 35; At 28, 25; 1Pd 2, 21; 2Cor 3, 17-18; 1Cor 15, 45; 2Cor 3, 6; Jo 6, 63; 15, 26; 1Cor 2, 12). Somente as duas expressões finais, “juntamente adorado” e “juntamente glorificado”, eram estranhas à Sagrada Escritura, mas eram frutos das várias polêmicas contra as correntes pneumatômacas.

Vale a pena assinalar que toda esta discussão de nossos queridos Padres da Igreja, resultou o que na Igreja Católica chama-se Símbolo de Niceia-Constantinopla que, às vezes, se reza nas nossas missas dominicais e que reproduziremos abaixo:

---

<sup>96</sup> Ibid., p. 509.

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,  
Criador do céu e da terra,  
De todas as coisas visíveis e invisíveis.  
Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,  
Filho Unigênito de Deus,  
Nascido do Pai antes de todos os séculos:  
Deus de Deus, Luz da Luz,  
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,  
Gerado não criado,  
Consubstancial ao Pai.  
Por Ele todas as coisas foram feitas.  
E, por nós, homens,  
E para a nossa salvação,  
Desceu dos céus:  
Se encarnou pelo Espírito Santo,  
No seio da Virgem Maria,  
E se fez homem.  
Também por nós foi crucificado  
Sob Pôncio Pilatos;  
Padeceu e foi sepultado.  
Ressuscitou ao terceiro dia,  
Conforme as escrituras;  
E subiu aos céus,  
Onde está sentado à direita do Pai.  
E de novo há de vir, em sua glória,  
Para julgar os vivos e os mortos;  
E o Seu reino não terá fim.  
Creio no Espírito Santo,

Senhor e Fonte de vida,  
 E procede do Pai;  
 E com o Pai e o Filho  
 É adorado e glorificado:  
 Ele que falou pelos profetas.  
 Creio na Igreja  
 Una, Santa, Católica e Apostólica.  
 Professo um só batismo  
 Para remissão dos pecados.  
 Espero a ressurreição dos mortos;  
 E a vida do mundo que há de vir.  
 Amém.<sup>97</sup>

Depois de 381, já agora fixado do modo definitivo o estatuto teológico dogmático do Espírito Santo, a pneumatologia não se desenvolve mais, a não ser no sentido de um aprofundamento prevalentemente espiritual e de maior plenitude na compreensão dos conteúdos da mesma fórmula. Foi esta, sobretudo, a contribuição teológica dada pelos ocidentais, expressa em modos e fórmulas menos abstratas e esquemáticas do que aqueles aos quais haviam, em geral, recorrido os teólogos gregos. Já antes de 381, Mario Vitorino<sup>98</sup>, partindo de um esquema conceitual nitidamente neoplatônico e tomando por ponto de referência a alma humana na qual se dão o ser, o viver e a inteligência ou compreensão do ser vivo, havia entendido o Espírito Santo como aquele que na dinâmica da vida divina representa a “compreensão” de tal vida, de tal dinamismo divino: é ele distinto do Filho como inteligência é distinta da vida, como a voz é distinta da boca que fala. Foi Agostinho, porém, em sua formulação tão orgânica do problema trinitário, que assumindo em cheio, como

---

<sup>97</sup> Cf. DENZINGER – HÜNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Ed. Loyola, 2007, nº 150, p. 66-67.

<sup>98</sup> CIOLA, N. *Espírito Santo in: Dicionário Teológico Enciclopédico*, São Paulo: Loyola, 2003, p. 251, cf. BERARDINO, Angeli di; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manlio (org) *Dicionário de Literatura Patrística*. São Paulo: Ave Maria, p. 507.



instrumento de explicação, a realidade da alma humana, chegou a uma formulação do problema do Espírito Santo, que se tornou clássica, sobretudo para a teologia ocidental. Agostinho parte, como de um dado pacífico e indiscutível, da convicção de que Pai, Filho e Espírito Santo são um só na “substância”, porém distintos como “pessoas”: quanto à distinção, esta provém, para Agostinho, essencialmente das operações, mesmo que sejam, com efeito, comuns às três pessoas. Nesse sentido, o Espírito Santo é para ele o dom comum (De Trin V,12,13; 15,16; 16,17) do Pai e do Filho.

Essa concepção se fundamentava, por sua vez, naquela tipicamente agostiniana, de relação que referida à Trindade, devia servir para superar os limites intrínsecos de uma teologia como a dos gregos a comprometer a unidade e a unicidade divina. Nesse sentido, o Espírito Santo representa para Agostinho uma certa comunhão consubstancial e eterna (De Trin VI, 5,7) do Espírito do Pai e do Filho (De Trin XV,27-50), que se poderia chamar *amicitia* (é melhor chamá-la de *Caritas*, De Trin 5,7) recíproca de um relativamente ao outro de forma a merecer o nome de “amor”, embora sendo Deus – Trindade todo amor. Para Agostinho, em resumo, é o Espírito aquele que dá ao homem a Trindade.

Assim com a formulação dogmática de 381 e, depois, com as explicações e a interpretação teológica de Agostinho, sobretudo para o ocidente, a teologia patrística sobre o Espírito Santo, em substância, se conclui.<sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> BOLGANI, F. *Espírito Santo in: Op. cit.*, p. 669.

## 2.2 O Espírito Santo na Teologia Trinitária da Igreja

A tentativa de esboçar uma reflexão sobre a personalidade do Espírito Santo requer, necessariamente, a penetração no mistério da Trindade, incluindo todos os riscos e dificuldades previsíveis nesse intento.

Com efeito, a fé cristã não hesita em afirmar que Deus, o nosso único Deus, é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Essa é uma originalidade cristã. O Deus cristão é sempre trinitário, isto é, uma trindade que não mais o monoteísmo dos judeus, como também não é um politeísmo de três deuses. Assim, dizer Trindade significa dizer o único Deus de Abraão, Isaac e Jacó, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual manifesta e envia o Espírito Santo como dom proveniente do Pai por meio do Filho. A literatura do Novo Testamento, que não fala formalmente de Trindade, apresenta a obra da Salvação ligada a Jesus como “grande Revelador do Pai”, um meio de acesso à comunhão com Ele na santificação do Espírito Santo, o qual, sobretudo na perspectiva joanina, introduz a verdade que é Jesus Cristo. Dessa forma, Deus é um circuito de amor, no qual os homens são inseridos graças à missão pascal de morte, ressurreição e glorificação. De fato, o “ser em Cristo” é tornado possível pelo ser no Espírito Santo para ter acesso ao Pai (Rm 8, 14-17). O Deus cristão, a partir do mistério da Páscoa, só pode ser pensado como Pai, Filho e Espírito Santo, ou seja, como evento trinitário.<sup>100</sup>

Nessa formulação trinitária, entretanto, o Espírito Santo mesmo quem é? Qual é sua personalidade? Não é Ele mais que o nexo de união entre os Dois divinos (Pai e Filho)?<sup>101</sup>

Vale lembrar, como se viu acima, que a declaração dogmática sobre o Espírito Santo mais importante da Igreja aconteceu no Concílio de Constantinopla em 381, constante no Credo: “cremos no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida, que procede do Pai, que com o Pai e Filho é igualmente adorado e glorificado e que falou pelos profetas”. Quando se diz que é

---

<sup>100</sup> CIOLA, N. *Espírito Santo in: Op. cit.*, p. 767.

<sup>101</sup> BOFF, Leonardo. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. São Paulo: Vozes p. 231.

Senhor, se quer dizer que é da mesma natureza do Filho Jesus Cristo, denominado Senhor e Deus. Com a expressão “Fonte de Vida”, enfatiza-se a ação do Espírito Santo como aquele que é mais do que dom da Vida, mas o próprio doador da Vida. A Fonte da Vida só pode ser Deus, portanto, o Espírito Santo é Deus, ou seja: também, uma pessoa divina. Essa afirmação é ainda mais explícita quando se diz que “procede do Pai”; com isso se quer deixar claro que é da mesma natureza do Pai, do Filho que, por sua vez, também procede do Pai e é a mesma substância do Pai.<sup>102</sup>

É com esta igual fundamentação e partindo também das alusões do Novo Testamento a uma personalidade própria do Espírito Santo (sobretudo Jo 16, 7-15) e à fórmula do batismo de Mt 28, 19, com que combate na cristologia o arianismo, que Atanásio escreve a respeito do Espírito Santo:

Se, porém, o Espírito Santo fosse criatura, não poderíamos nele ter comunhão com Deus, mas estaríamos ligados a uma criatura apenas, seríamos estranhos à natureza divina que absolutamente não teríamos parte nela. Uma vez, porém, que somos chamados participantes de Cristo e de Deus, evidencia-se que a unção e o selo não são da natureza das coisas que se tornaram, mas da natureza do Filho, que pelo Espírito Santo que está nele nos liga ao Pai.<sup>103</sup>

Santo Agostinho, nas pegadas especialmente da teologia trinitária, no ocidente, se explicou reafirmando que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (*Filioque*), formulação também que foi inserida na mencionada confissão de fé, em vários lugares (assim já nas atas do V Sínodo de Toledo de 589, se é que não se trata de complementação tardia – e nas atas do IV Sínodo de Braga de 675). Ainda o papa Leão III recusou-se no ano de 809 a tornar obrigatória para toda a Igreja este acréscimo, porque representaria uma intervenção no texto da tradição. Henrique II conseguiria, no ano 1014, do papa Bento III, a licença de fazer cantar na sua coroação o credo com o *Filioque*. Mais tarde, o acréscimo foi aprovado pelo II

---

<sup>102</sup> Ibid., p. 232. Cf. DENZINGER – HÜNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Ed. Loyola, 2007, nº 527, p. 191-192.

<sup>103</sup> KNAYER, Peter. *Pneumatologia in: Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 249.

Concílio de Lião e pelo Concílio de Florença (1439). Desde o século IX até os dias de hoje (mas parece que foi agora superado), o acréscimo formalmente problemático do *Filioque* representa, contudo, fundamental ponto polêmico entre latinos e gregos. No ano dos 1500 aniversários do Concílio de Constantinopla I, na festa de Pentecostes de 1981, cantou-se o credo sem este acréscimo por ordem do Papa João Paulo II, na Basílica de São Pedro em Roma.

Onde, porém, estaria, além da problemática jurídica do acréscimo, o ponto da polêmica teológica?<sup>104</sup>

Com efeito, os gregos reservam o termo “proceder” para saída de um princípio fontal. Eles formulam que o Espírito Santo “sai do Pai pelo Filho” e acusam a Igreja ocidental de erro na fé, dizendo que ela afirmaria Pai e Filho como duas origens do Espírito Santo.

Mas o Concílio de Florença (1442) elucidou a relação do Espírito Santo com o Pai e o Filho:

O que quer que o Pai é ou tem, não o tem de outro, mas de si, e assim é princípio sem princípio. O que quer que o Filho é ou tem, tem-no do Pai, e assim, ele é princípio de princípio. O que quer que é ou tem o Espírito Santo, tem-no do Pai ao mesmo tempo que do Filho. Mas o Pai e o Filho não são dois princípios do Espírito Santo, mas um só principio, assim como o Pai e o Filho e o Espírito Santo.<sup>105</sup>

Assim, a esta doutrina se fará justiça de maneira bem adequada se for entendida a doutrina da trindade sob o termo de “pessoas” correspondentes nas relações de mediação ou comunicação em que a divina realidade se pertence a si própria.

A Primeira Pessoa, a do Pai, é não-originada e não-mediada da própria realidade divina para consigo mesmo. A Segunda Pessoa, a do Filho, cuja perspectiva se chama a Primeira Pessoa do Pai, é a segunda relação da mesma realidade divina para consigo mesma, que é comunicada pela primeira. A Terceira Pessoa, o Espírito Santo, é terceira autoposse

---

<sup>104</sup> Ibid., p. 249.

<sup>105</sup> Ibid., p. 250.

divina, que é mediada pela Primeira e pela Segunda Pessoa. O Espírito Santo é, assim uma relação que une o Pai e o Filho entre si; ele é o Amor entre ambos, Amor que não é somente propriedade divina, mas que é o próprio Deus.

Deve-se afirmar este Amor como Pessoa porque é a relação específica da realidade divina consigo mesma e, sendo assim, autoposse, que permanece distinta da do Pai e da do Filho. Assim o Pai, o Filho e o Espírito Santo são, cada um respectivamente, modos, inteiramente distintos entre si, da autoposse de uma só e a mesma realidade divina, com a qual eles são simultaneamente e inteiramente idênticos.

Com efeito, se o Espírito Santo é o Amor recíproco entre o Pai e o Filho, não é então correto dizer que ele procederia deste amor ou seria o seu fruto.

Enquanto o Espírito Santo não procede em parte do Pai e em parte do Filho, mas somente existe como o seu amor comum e recíproco, são o Pai e o Filho juntos uma só origem do Espírito Santo. Princípio fontal do Espírito Santo é o Pai, de que também o Filho recebe o fato de ser juntamente com ele origem do Espírito Santo. No sentido de uma origem pura e simples, o Espírito Santo procede, por isso, somente do Pai e ao Pai deve inclusive o seu proceder do Filho; é este o sentido ortodoxo da formulação grega. A teologia latina para dizê-lo, fala: o Espírito Santo procede *principaliter* do Pai e, por isso, Pai e Filho são também uma só origem.<sup>106</sup>

Fazendo um estudo entre as duas tradições, chega-se à conclusão de que tanto numa quanto noutra, o Espírito Santo é confessado como a Terceira Pessoa da única natureza divina, consubstancial ao Pai e ao Filho. As nuances não impedem que haja um enriquecimento mútuo entre as duas tradições. Assim, vale a oportuna exortação de São Crisóstomo que vem dizer: “Amemo-nos uns aos outros de tal modo que possamos professar

---

<sup>106</sup> Ibid., p. 250.

num só coração nossa fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível”.

### 2.3 Da Teologia Trinitária a uma Eclesiologia Pneumatológica

Na Igreja Católica Romana, é ao Concílio Vaticano II que a mutação eclesiológica se afirma. O Concílio Vaticano II rompe com o modelo cristomonista para uma eclesiologia trinitária. A visão da Igreja no Vaticano II é, fundamentalmente, trinitária. *Lumen Gentium* se abre para uma visão expressadamente trinitária da Igreja apresentada, segundo a história da Salvação, na sua relação ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo, visão que se conclui em referência a São Cipriano, Santo Agostinho e São João Damasceno pela expressão: “Assim a Igreja universal aparece como povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.<sup>107</sup> Também significativamente, a Igreja é da mesma forma, designada de maneira trinitária, como Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo.<sup>108</sup> A descrição que o Vaticano II dá das Igrejas locais é igualmente trinitária:

São, em cada território, o povo novo, chamado por Deus no Espírito Santo e em grande plenitude (cf. 1Ts 1, 5). Nelas se reúnem os fiéis por meio da pregação do Evangelho de Cristo e se celebra o mistério da Ceia do Senhor, para que, pela carne e o sangue do Senhor, se mantenha estreitamente unida toda a fraternidade do corpo.<sup>109</sup>

Sabe-se que, vários teólogos, entre eles Yves Congar, denunciaram que o Vaticano II sofria de um déficit pneumatológico<sup>110</sup>, sendo essa queixa dos teólogos ortodoxos<sup>111</sup> que eles expressaram contra a eclesiologia conciliar. O Vaticano II não tinha projetado os laços essenciais entre o Espírito Santo e a Igreja. Esse déficit da pneumatologia não permitiu ao

<sup>107</sup> Concílio Vaticano II. *Lumen Gentium*. nº 4, São Paulo: Paulus, 2007, p. 104.

<sup>108</sup> *Ibid.*, nº 17, p. 124.

<sup>109</sup> *Ibid.*, nº 26, p. 140.

<sup>110</sup> LEGRAND H., Le Développement d’Eglises-sujets. Une requête de Vatican II. Fondements théologiques et réflexions institutionnelles, *Les Eglises après Vatican II: Dynamisme et prospective. Actes du colloque international de Bologne – 1980*, Paris: Beauchesne, 1981, p. 158-159; CONGAR Y., Les implications christologiques e pneumatologiques de l’ecclésiologie de Vatican II, Ed. G. ALBERIGO, Paris, 1981, p. 126.

<sup>111</sup> ZIZIOULAS J., Christologie, pneumatologie et institutions ecclésiales. Um point de vue orthodoxe, *Les Eglises après Vatican II: Dynamisme et prospective. Actes du colloque international de Bologne – 1980*, Paris: Beauchesne, 1981, p. 131.

Vaticano II articular instituição e carisma. Assim, alguns teólogos católicos, na recepção do Vaticano II, depois de terem percebido este déficit pneumatológico da eclesiologia do Concílio refletiram sobre a pertinência da pneumatologia na sua relação com a cristologia. Pensa-se aqui a pesquisa exegética contemporânea sobre o Espírito e os teólogos da Teologia Sistemática como Walter Kasper, Leonardo Boff, Bruno Forte<sup>112</sup>, entre outros.<sup>113</sup>

O projeto teológico de Leonardo Boff é defender uma teologia carismática, enraizada na experiência das comunidades dos crentes, para uma Igreja dos pobres, do povo e pelo povo, buscando vias e meios para sua própria libertação. Partindo da experiência latino-americana das Comunidades Eclesiais de Base, é que Boff sustenta que estas são “a Igreja” e recriam a Igreja. É a semente de uma Igreja renovada sob a ação do Espírito Santo cujas estruturas permitem que se articulem nela as exigências institucionais e os apelos evangélicos. Para Leonardo Boff, é no seio das Comunidades Eclesiais de Base que surgirá um novo tipo de presença institucional do Cristianismo no mundo. A Igreja será uma comunidade de fraternidade, de comunhão, de amor, de solidariedade e de partilha. É por isso, que ele preconiza uma eclesiologia que tornaria menos exigente a instituição atual da Igreja, pois se a Igreja é muito fixada na instituição é porque a eclesiologia se apoia sobre uma cristologia da Encarnação, considerando o Cristo na sua existência carnal, histórica que não termina no mistério pascal. Segundo Boff, ainda, a eclesiologia católica não levou a sério o Cristo Ressuscitado e todas as transformações operadas, depois da Ressurreição, no seu corpo carnal e no seu corpo eclesial, tornando-se graças à intervenção do Espírito, um corpo pneumatológico. É dessa maneira que Leonardo Boff quer introduzir ao lado do elemento cristológico o elemento pneumatológico, ao lado da instituição o carisma, ao lado da Igreja do

---

<sup>112</sup> FORTE, Bruno, *l'Eglise, icône de La Trinité. Brève ecclésiologie*, Paris – Montreal: Médiaspaul – Editions Paulines, 1985, p. 29. Segundo ele, a respeito da orientação trinitária da Igreja: a consciência da Igreja se encontra na sua origem, sua forma e seu destino trinitário. A Igreja desejada pelo Pai e então a criatura do Filho, constantemente vivificada pelo Espírito: ela é na verdade obra da Santíssima Trindade.

<sup>113</sup> BISHWENDE, Augustin Ramazani. *Pour une ecclésiologie trinitaire dans La postmodernité et La modalisation. Tome I: De R. Bellarmin à Y. Congar*. Paris: L'Harmattan, 2008, p. 63.

alto uma Igreja de baixo, ao lado de uma Igreja hierárquica uma Igreja do povo e pelo povo nas perspectivas do Vaticano II.<sup>114</sup>

Segundo Boff, em *Jesus Cristo Crucificado*, realiza-se a unidade original entre cristologia e pneumatologia. O autor mostra que o Jesus histórico, aquele que se tornou carne em Maria, já era a presença do Espírito Santo no mundo: *Jesus é o Espírito*. Por outro lado, o Espírito Santo na Igreja é a presença do Cristo pneumatológico (ressuscitado) no mundo, em virtude da tradição paulina: “Pois o Senhor é o Espírito, e, onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade” (2Cor 3, 17). O Ressuscitado, na Igreja, se tornou visível e manifesto graças ao Espírito. Desse fato, a Igreja não somente nasceu do lado aberto do Cristo na cruz, mas nasceu, também, no dia de Pentecostes, quando os apóstolos receberam os dons do Espírito Santo. Então, para Boff,

Só se pode falar teologicamente da Igreja a partir da Ressurreição e de Pentecostes. Ele é um evento do Espírito, Espírito que tem tudo do Ressuscitado Jesus dentre os mortos, transformando sua existência carnal e existência pneumatológica, em seguida desceu sobre os doze, para fazer deles fundadores de comunidades eclesiais. O Espírito anima um modo específico de organização.<sup>115</sup>

A relação indivisível entre cristologia e pneumatologia permite a Leonardo Boff considerar a Igreja como sacramento do Espírito Santo, isto é, o sinal e o instrumento do Cristo vivo agora e ressuscitado, ou seja, do Espírito. A Igreja vive do Espírito. Para Boff, “reconhecer esta presença do Ressuscitado e do Espírito no coração dos homens conduz a conceber a Igreja mais a partir da base que do alto; é aceitar a corresponsabilidade de todos na edificação da Igreja e não somente de alguns que pertencem à instituição clerical.”<sup>116</sup> Buscando articular cristologia e pneumatologia, Boff considerou a cristologia como pura função da pneumatologia. E isso parece ser verificado a partir de sua equação teológica: Jesus

---

<sup>114</sup> Ibid., p. 63.

<sup>115</sup> BOFF, Leonardo. *Eglise: charisme et pouvoir*. Paris: Lieu Commun, 1981, p. 260, 267-268. Cf. BOFF, Leonardo. *Eglise em gênese. Les communautés de base réinventent l'Eglise* Paris: Desclée, 1978, p. 47.

<sup>116</sup> BOFF, Leonardo. *Eglise em gênese. Les communautés de base réinventent l'Eglise* Paris: Desclée, 1978, p. 48.



é o Espírito (história), o Senhor é Espírito (escatologia) que pode se compreender como segue: Jesus Cristo, Senhor e Espírito na sua vida histórica, mas também na sua vida escatológica. Ainda segundo Leonardo Boff, a Igreja-instituição não se baseava sobre a Encarnação do Verbo, mas sobre a fé no poder dos apóstolos, inspirados pelo Espírito Santo, que os fazia transpor a escatologia ao tempo da Igreja e traduzir a doutrina do Reino de Deus em doutrina da Igreja.<sup>117</sup> Assim, Boff deseja que a Igreja seja carismática.

Segundo Walter Kasper, a teologia pós-conciliar destacou a dimensão carismática da Igreja, sem definir de maneira satisfatória sua relação às estruturas institucionais da Igreja. Kasper, se apoiando sobre os argumentos históricos: a Escritura e os Padres da Igreja, mostra que há uma compenetração recíproca da cristologia e da pneumatologia, portanto não seria teológico dissociar as duas dimensões. Nos primeiros séculos do Cristianismo Ocidental, encontra-se uma *pneuma-cristologia* que foi criada e depois progressivamente abandonada, por causa de *filioque* latim. O fato de ligar o Espírito ao Filho pode conduzir a um cristocentrismo unilateral, que funda a Igreja sobre a Encarnação. Uma orientação nova da pneumatologia teria um importante significado ecumênico. A Revelação de Deus, origem e fim de todo evento, se efetuou de maneira histórica em seu Filho: Jesus Cristo; pelo Espírito o amor de Deus manifestado no Filho se derramou em nós. A partir daí, é preciso situar a questão de maneira nova. A respeito da relação de Cristo e do Espírito, Kasper adverte contra dois perigos de uma *pneuma-cristologia* que foi suspeita de adocionismo. Sendo o Espírito considerado um poder criativo ou recriativo de Deus que age na história dos homens, o perigo é que a cristologia apareça como uma pura função da pneumatologia. Esta *pneuma-cristologia* foi superada pela *logos-cristologia*: “O Espírito é o Espírito de Cristo” (Rm 8, 9; Fp 1, 19), o “Senhor é o Espírito” (2Cor 3, 17). O papel do Espírito não é só fazer atual e presente o Cristo, mas também ele é a promessa que anuncia as realidades futuras (cf. Jo 16, 3). Pelo

---

<sup>117</sup> Ibid., p. 84.

Espírito, os cristãos formam o corpo de Cristo. O perigo, segundo ainda Kasper, é que a pneumatologia se torne uma pura função da cristologia.

A *pneuma-cristologia* e a *logos-cristologia* apresentam na Escritura um único movimento que parte de Deus e encontra seu cumprimento em Jesus Cristo, quando Deus será “tudo em todos” (1Cor 15, 28). A *pneuma* é a liberdade de Deus que se oferece, ela mesma em abundância e que se estende *ad extra*, graças ao amor que lhe é próprio e que se comunica ele mesmo, de maneira que – no interior da Trindade – o Espírito é ordenado à geração do Filho; e na ordem da história da Salvação, o Espírito está na origem do que torna possível e permite a Encarnação do *Logos*, da mesma forma como ele prepara diretamente sua obra. É também no Espírito que Deus conduz a criação ao seu cumprimento escatológico, de modo que este cumprimento escatológico se realize já em Jesus Cristo. O Espírito é, também, aquele que realiza *in Cristo* o novo Adão e a nova imagem de Deus.<sup>118</sup>

De fato, a articulação da cristologia e da pneumatologia leva Kasper a estabelecer uma relação recíproca entre a instituição e o carisma. A dimensão carismática não é um complemento accidental da Igreja. A riqueza das afirmações da Escritura sobre o Espírito Santo é um convite a levar a sério a dimensão carismática. Com efeito, “todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.” (Rm 8, 14). Então, não se pode separar o Espírito da Igreja, “as Escrituras eclesiais são realidades mortas se elas não frutificarem no Espírito.”<sup>119</sup>

## 2.4 Relação entre Cristologia e Pneumatologia

Hoje, um consenso eclesiológico aparece em alguns teólogos católicos contemporâneos. Eles são unânimes em dizer que não pode haver eclesiologia sem articular, de maneira harmoniosa, a cristologia e a pneumatologia. “Por isso, eu vos declaro que

---

<sup>118</sup> KASPER, W. Esprit – Christ – *Eglise Concilium*, n° special sur l'expérience de l'Esprit. Mélanges E. Schillebeeckx, n° 18, juin 1976, p. 64-65.

<sup>119</sup> Ibid., p. 68.

ninguém, falando com o Espírito de Deus, diz: ‘Anátema seja Jesus!’, e ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor!’ a não ser, no Espírito Santo” (1Cor 12, 3). Vários teólogos contemporâneos estão de acordo que a eclesiologia só pode se renovar, dinamizar a Igreja, sua prática e sua relação com o mundo, articulando a cristologia e a pneumatologia. Eis porque, a necessidade se impõe hoje de desenvolver uma verdadeira cristologia e uma verdadeira pneumatologia, dentro de uma teologia essencialmente trinitária. Segundo Bruno Forte, trata-se de:

Uma leitura historicamente atenciosa à reciprocidade e complementaridade da cristologia e da pneumatologia colocará em evidência o caráter recíproco e dialético do visível do invisível, da instituição e carisma, autoridade e liberdade, comunidade e ministérios, lei e graça, letra e espírito, primazia e colegialidade. A ambição dos crentes não é de só executar um projeto já elaborado (perspectiva somente cristológica), nem de inventar cada vez (perspectiva somente pneumatológica), mas de ser criativamente corresponsáveis no seu acolhimento e na sua realização. Enfim, no mistério da unidade trinitária tem também a unidade da Igreja com seu futuro plenamente revelado, o Reino e, portanto o caráter escatológico de toda comunidade eclesial, que é como outra face de sua apostolicidade, sua ligação com a Jerusalém celeste fundada sobre os doze apóstolos do Cordeiro (Apo 21, 14).<sup>120</sup>

O cristocentrismo de um lado e o pneumacentrismo de outro trazem sérios problemas doutrinários em vista de melhor compreender o mistério da Igreja, sua natureza e sua missão. Definir a Igreja a partir somente do Cristo, sem abertura ao Pai e ao Espírito, ou a partir somente do Espírito Santo, sem abertura ao Pai e ao Filho, introduz não somente um desequilíbrio em eclesiologia, mas também e, sobretudo, separa a Páscoa de Pentecostes como eventos escatológicos ao serviço do único desígnio salvífico de Deus. A Encarnação Redentora de Cristo, neste Espírito, se desenvolve na História da Salvação sem nenhuma ligação com a missão do Espírito Santo. É como se o Cristo e o Espírito Santo realizassem, cada um, de modo individualista, a obra salvífica de Deus fora de toda a pericórese trinitária. Na história da fundação da Igreja não se pode separar Páscoa do Pentecostes. A eclesiogênese

---

<sup>120</sup> BISHWENDE, Augustin Ramazani. *Op. cit.*, p. 127.

é essencialmente pascal e pentecostal. Ela aparece no movimento que conduz da dispersão ao ajuntamento.<sup>121</sup>

A cristologia e a pneumatologia, como fundamentos da única Igreja de Deus, manifestam as duas vias pelas quais a Revelação de Deus se manifestou de maneira histórica na história dos homens. Deus se autorrevelou, se autocomunicou em Cristo e pelo Espírito Santo. Tal fato permite voltar à antiguidade cristã que se tornou normativa para nós; aliás, as controvérsias dogmáticas entre Niceia e Constantinopla resumem, claramente, este movimento da revelação histórica de Deus inaugurada na história em Jesus Cristo e na ação e pelo poder do Espírito Santo, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Na perspectiva dos Padres da Igreja como Santo Irineu e outros, o Pai toca a pessoa e a encontra só pelas duas mãos infinitamente santas, que são o Filho e o Espírito. Só essas duas mãos do Pai e em certa forma pelos dois braços maternos da Igreja é que elas chegam até o homem. E então, tendo recebido em nós o Espírito que nos abre à inteligência do Cristo, seguindo a expressão da liturgia, “Nós ousamos dizer: Pai Nosso (...)”, adorando o mistério insondável da Divina Trindade.

Se a Igreja é obra de Cristo e missão do Espírito Santo, então o Cristo é aquele que instituiu a Igreja. Segundo os próprios termos de Yves Congar, é o Espírito o co-instituente da Igreja. Cada um, na fundação da comunidade dos crentes, tem um papel específico e insubstituível – na solidariedade, na compenetração, na comunhão – a única fonte divina: Deus. Se pelo Cristo, a Igreja se apresenta na história dos homens como uma instituição aberta, vivificada pelo Espírito Santo e chamada a se reformar continuamente, a Igreja se torna, sem cessar, um evento da novidade suscitada pela Palavra de Deus.

De fato, a eclesiologia é, antes de qualquer coisa, fundada sobre a pneumatologia aberta à teologia e à cristologia na continuidade do pensamento de N. Afanassieff, de Yves

---

<sup>121</sup> Ibid., p. 127-128.

Congar e de J. Moltmann. É revelador constatar que três teólogos de confissões diferentes, ortodoxo, católico e protestante, respectivamente, conseguiram publicar, no espaço de uma década, tratados eclesiológicos, levando a sério a dimensão pneumatológica da Igreja. N. Afanassieff publicou “A Igreja do Espírito Santo” com a finalidade de mostrar que desde as origens do Cristianismo é a Igreja de Deus em Cristo é Igreja do Espírito. Sem o Espírito Santo não há Igreja. Entre 1975-1985, Yves Congar manifesta sua sensibilidade em relação à dimensão pneumatológica da Igreja. Entre 1979-1981, ele publica “Eu creio no Espírito”, em três volumes sobre a crença do teólogo francês na divindade e no poder do Espírito Santo. Yves Congar reinterpreta quatro modos da ação do Espírito a partir de quatro notas de Igreja. Em 1980, na mesma época, J. Moltmann entra no debate eclesiológico, sustentando, também, que “A Igreja na força do Espírito” se descobre como comunidade messiânica a serviço do Reino de Deus no mundo e na história dos homens.

Pelo estudo desses três teólogos, sabe-se que o Espírito Santo ocupa um lugar central na vida da Igreja. Diante de tal observação, não se pode hesitar em afirmar que, hoje, o Espírito Santo está realmente entre todos. Ele se deixa mais claramente conhecer e é ele quem dirige a Igreja. O Espírito Santo é o Espírito de Deus; ele é o Espírito do Pai e do Filho.<sup>122</sup>

Assim, para melhor compreender a Igreja no seu enfrentamento com o mundo moderno, é preciso ligar a Igreja ao seu mistério: a Trindade Santa articulando assim a cristologia e a pneumatologia. Nisto a Igreja, comunidade dos crentes, se diz enraizada na vida e no amor trinitário; ela é instituída por Cristo e coinstituída pelo Espírito Santo. Ela se revela no meio do mundo como presença de Deus pela Salvação de todos os homens. O laço que cria a Igreja é o amor. A Igreja existe em todo o lugar onde o amor de Deus é expandido

---

<sup>122</sup> Ibid., p. 131.

aos homens pelo Espírito. Ela se manifesta na sua essência, lá onde os homens vivem em comunhão no amor trinitário.<sup>123</sup>

Pode-se acrescentar que a interligação da cristologia à pneumatologia possibilita afirmar que as experiências de contradição entre Cruz e Ressurreição são superadas no Espírito Santo. O Espírito Santo é o amor que renova o mundo, associando o dia do Messias como um evento no Espírito, o qual fará novas todas as coisas. O seguimento de Cristo se interliga a sua glorificação e está ao acontecimento do Espírito. A unidade de Deus é vista, ontologicamente, como a fundação do envio do Filho e do Espírito, como a fundação da Trindade em si mesma. Vale assinalar que a pneumatologia, na perspectiva libertadora, não se desenvolve a partir de conceitos dogmáticos referentes ao Espírito, mas a partir da realidade do contexto latino-americano, das experiências das comunidades. Ao articular a pneumatologia e a eclesiologia, reflete-se a ação do Espírito na Igreja e na história, exprimindo a experiência do Espírito a partir da realidade dos pobres, tendo como ponto de partida a dimensão carismática da Igreja. Articula-se a sacramentalidade da Igreja do Ressuscitado com o elemento pneumático pertencente à própria estrutura institucional da Igreja.<sup>124</sup>

## 2.5 Espírito Santo – Paráclito

Como foi assinalado mais acima, o termo *paráclito*, do grego, *parákletos* é o adjetivo verbal derivado do verbo composto *pára-kaléo*. É um nome passivo, ligado ao significado verbo *kaléo* (chamar), acompanhado pela preposição *pará* (junto a, ao lado de). Assim de acordo com seu sentido deve ser traduzido por “aquele que é chamado para estar junto, assistir ou aconselhar”.<sup>125</sup> Com efeito, o termo *paráclito* por ser dos títulos pneumatológicos que só encontramos em Jo 14, 16.26; 15, 26; 16, 7 e em 1Jo 2, 1, com referência desta vez a

---

<sup>123</sup> Ibid., p. 245.

<sup>124</sup> SILVA, Maria Freire da Silva, *Op. cit.*, p. 107.

<sup>125</sup> RIVAS, Luis Heriberto. *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras*. São Paulo: Paulinas, p. 131.

Cristo, dará ocasião a novas elucidações. De fato, no IV Evangelho, o Discurso da Ceia fornece matéria original quanto ao Espírito Santo. Refere-se, ainda que não exclusivamente, às cinco sessões dedicadas ao Paráclito, das quais se destacam os versículos citados, onde é possível verificar inegável progresso em relação ao modo como até aí o Evangelho de João falava do Espírito.<sup>126</sup> O Paráclito designa o caráter pessoal da Revelação de Espírito Santo. Também encontra a expressão de reforço de outro Paráclito. De fato, numa destas passagens, diz-nos o texto evangélico: “e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça sempre” (Jo 14, 16). Para traduzir o vocábulo, Agostinho fala de “consolador” e “advogado”. Menciona, explicitamente, “a consolação espiritual do Espírito Santo”, tornada necessária após o termo de partida corpórea de Cristo.<sup>127</sup> Mas a verdade é que, do conteúdo do conceito de paráclito, esta interpretação vocabular apenas sublinha algumas dimensões. É preciso dar o devido realce a outras matrizes sem as quais a inteligência da fé ficaria notoriamente incompleta.

Embora a revelação do Espírito Santo como Paráclito seja situada antes da Páscoa, nos capítulos 14-16 do Evangelho segundo João, a referência é, ao mesmo tempo, da Igreja. De fato, quando Jesus não estiver mais presente fisicamente, o Espírito Santo fará memória dele e o introduzirá em toda a Verdade, será o Consolador nos momentos de provas.<sup>128</sup> Evidentemente, as “palavras” sobre o *Paráclito* apresentam, acentuadamente, o caráter pessoal do Espírito Santo; dizem respeito tanto ao tempo da Igreja como à própria pessoa de Jesus e à Trindade em si mesma. As palavras sobre o paráclito contêm, pois, uma doutrina dogmática incomparável.

Em João 15, 26: “Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, dará testemunho de mim”, como em Jo 17, 13-15, onde o

---

<sup>126</sup> FERREIRA, José Manuel dos Santos. *Teologia do Espírito Santo em Agostinho de Hipona*. Lisboa: Didaskalia, 1987, p. 95.

<sup>127</sup> *Ibid.*, p. 95.

<sup>128</sup> CIOLA, N. *Espírito Santo in: Op. cit*, p. 567.

Paráclito é identificado de modo explícito com o Espírito da Verdade. De fato, no tempo da Igreja, que é o tempo da presença espiritual de Cristo (no sentido forte da palavra), o Espírito Santo é a primeira testemunha de Cristo. Jesus prometeu aos discípulos que havia de vir o Espírito Santo para dar testemunho d'Ele, acrescentando também que eles seriam testemunhas pela operação do Espírito Santo. Assim, os cristãos dão testemunho, por uma única fundamental razão: porque o Paráclito é o primeiro a dá-lo e porque o dá antes de mais nada nos seus corações. A este respeito, é típico o exemplo de Pedro. Antes de receber a plenitude do Espírito, Pedro – atemorizado pela pergunta de uma criada – foi incapaz de dar um verdadeiro testemunho, mas foi arrastado pelo grande medo que sentia a negar o Mestre três vezes, contrariamente ao que prometera (Jo 18, 12ss). Faltava-lhe, de fato, a caridade do Espírito Santo, visto que só dela provém a fortaleza necessária para dar testemunho. Nesse sentido, a palavra joanina o revela: “Não há temor no amor: ao contrário: o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor implica castigo, e o que teme não chegou à perfeição do amor” (1Jo 4, 18).

Como se vê, o Espírito Santo é a fonte de caridade, derrama nos corações o amor verdadeiro, mas só este vence e lança fora o temor quando mais cresce a caridade. Desse ponto de vista, é o Espírito Santo que também dá acesso ao testemunho e o possibilita. De novo, é a figura de Pedro que nô-lo-patenteia. Numa palavra, Pedro, quando recebeu o Espírito Santo, pregou Aquele a quem negara e não temeu anunciar Aquele que temera confessar.

Da negação à proclamação, do temor à intrepidez, da escravidão à liberdade, tal é o itinerário percorrido pelo que recebe o dom do Paráclito. Quanto aos que são favorecidos com o testemunho que daqui provêm, os termos são outros, mas o dinamismo profundo é o mesmo. É a passagem da descrença à fé, do ódio ao amor, da vontade de dar a morte a Cristo à disposição de dar a vida por Cristo. Este Espírito, dando testemunho de Cristo, confere uma



extraordinária fortaleza às testemunhas, expulsando dos inimigos de Cristo o temor e convertendo em amor o ódio dos inimigos.

Por outro lado, o título pneumatológico *Paráclito* – Espírito Santo, não se encontra, porém isolado, pois está sempre acompanhado de outro título pneumatológico: Espírito da Verdade. Como o outro *Paráclito*, o Espírito Santo é também o “Espírito da Verdade” (Jo 14, 17; 15, 26; 16, 13), uma caracterização que no mais, só se encontra em 1Jo 4, 6 e 5, 6, sendo que as formulações contidas em 1Jo 4, 1-6 lembram paralelos de textos de *Qumran*, mas sem esposar o dualismo espiritual típico dessa comunidade essênica. A teologia joanina é determinada, antes pela contraposição entre fé e descrença: quem crê pode receber o Pneuma, ver e conhecer o Espírito (Jo 14, 7). Assim, o Espírito permanece entre as discípulas e os discípulos. Mais ainda: permanece neles.<sup>129</sup>

Ao Espírito da Verdade competem as seguintes funções: ensinar e lembrar as palavras de Jesus; dar testemunho do Filho, o que significa ao mesmo tempo convencer o mundo acerca do pecado da descrença e julgar o Senhor do mundo. Por fim e quase à guisa de resumo: introduzir na verdade plena e glorificar o Filho. O que foi dito sobre a posição de outro *Paráclito* aplica-se também aqui: o Espírito da Verdade não traz um ensinamento novo, mas traz ao presente o ensinamento de Jesus; ele não revela nada de novo, mas testemunha o Filho como revelador do Pai. Assim também, para João, o Filho continua sendo o mediador: ele é quem anuncia as palavras de Vida Eterna (Jo 6, 68), sendo inclusive, ele próprio, o Caminho a Verdade e a Vida (Jo 14, 6), dá também o Espírito em sua plenitude (Jo 3, 34), porque suas palavras são “Espírito e Vida” (Jo 6, 63). Por outro lado, é igualmente verdade que o Espírito da Verdade não é um mero repetidor; antes ele aprofunda o conhecimento (que em termos bíblicos, e especificamente joaninos, deve ser entendido de modo integral) da fé

---

<sup>129</sup> HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia in: SCHNEIDER, Theodor (org.). Manual de Dogmática* Volume 1. São Paulo: Vozes, 2000 p. 403. Cf. JEAN-PAUL II. *Je crois em l'Esprit Saint: la Pentecôte. Catéchèse sur Le Credo VI*. Paris: Ed. Cerf. p. 22-28.

que conduz a plenitude da verdade.<sup>130</sup> Como foi dito acima, o Senhor prometeu enviar aos seus discípulos para lhes ensinar toda a Verdade. Não é em vão que o mesmo e único Espírito é o Espírito do Amor, do Pai e do Filho, é o Espírito da Verdade. Por isso, progredir na caridade é condição de possibilidade de conhecimento espiritual de toda a verdade.<sup>131</sup>

Com efeito, segundo João, o Espírito Santo – Paráclito, como representante de Cristo – é testemunha da verdade das Palavras de Vida e, nessa função é auxílio para os crentes em face da descrença do mundo. Quem crê se experimenta como renascido a partir do Espírito vivificador de Deus, do Pai e do Filho, se experimenta autorizado para uma vida que corresponda ao Deus que é Espírito e Vida, Luz e Verdade, que é Amor.<sup>132</sup>

## **2.6 Espírito Santo e Libertação na Perspectiva Eclesiológica Latino-Americana**

Conforme observado acima, o Espírito de Cristo se desdobra no processo da Igreja, isto é, no caminho de perdão e comunhão aberto à plena liberdade do homem, à ressurreição dos mortos (Vida Eterna). Reinterpretando esses motivos, a Igreja Latino-Americana, em seu documento de PUEBLA 1979, definiu o Espírito como força de libertação humana de Cristo, isto é, uma pneumatologia da libertação.

É fato que a Igreja não é o Reino de Deus, Reino de Amor, Reino de Paz, Reino de Justiça, Reino de Perdão, Reino do Respeito à Vida, Reino de Comunhão, mas pode e deve ser porta-voz e testemunha do Reino, ao anunciar o *querigma* fundante e as exigências decorrentes dele. As orientações da Igreja somente fazem sentido quando, sob a orientação do Espírito Santo, visam ao bem-estar integral do ser humano e de toda a criação.

---

<sup>130</sup> Ibid., p. 439.

<sup>131</sup> FERREIRA, José Manuel dos Santos. *Op. cit.*, p. 103.

<sup>132</sup> HILBERATH, Bernd Jochen. *Pneumatologia in: SCHNEIDER, Theodor (org.). Op. cit.*, p. 441, Cf. BROWN, Raymond E. *Que sait-on du Nouveau Testament?* Lonrai: Ed. Bayard, 2011, p. 395-397.

Com efeito, o Espírito Santo é, antes de tudo, o poder de Comunhão; por isso encontra-se onde a Igreja se apresenta diante dos homens como sinal de unidade fraterna. A experiência de Deus vivida na América Latina é, propriamente, uma experiência do Espírito Santo.<sup>133</sup>

O próprio Espírito de Deus dirige o caminho de libertação; ele não age de fora, age através da própria atividade dos homens. Readaptando uma palavra pragmática de PUEBLA, poder-se-ia definir a libertação como a intenção de transfigurar as vicissitudes da história como Fogo do Espírito. Por isso, a força do Espírito deve ser introduzida na cultura, vitalizar as comunidades cristãs e orientar criticamente as ideologias e a vida política do mundo. PUEBLA destacou nesse campo, a importância das velhas culturas. Sabe que libertar não é destruir a tradição, nem aplanar o que foi previamente realizado, a libertação resume os valores de humanização e de concórdia que se encontrava em andamento na América Latina. É necessário, porém ao mesmo tempo, uma mudança mais profunda, o surgimento de uma nova humanidade que é fundada no valor do Evangelho.

A libertação tem, antes de tudo, um plano material, por isso expressa-se no nível concreto da ciência e da técnica e não pode se desligar da colaboração concreta do trabalho e da produção de bens materiais, visto em chave do Espírito tudo o que se relaciona com o trabalho, o avanço da técnica e as conquistas materiais, conquistas assim sentido de ação libertadora. O homem se liberta submetido ao seu domínio do mundo, pondo o próprio cosmo ao serviço dos valores humanos. PUEBLA deu um sim pneumatológico ao esquema que subjaz no fundo das filosofias teológicas do progresso, numa linha que está próxima de outros movimentos sociais do momento. A libertação tem um segundo aspecto social que se explicita em forma de comunhão inter-humana, pois não existe plenitude sem comunhão; não existe

---

<sup>133</sup> PIKAZA, Xavier. *Espírito Santo e libertação in: Dicionários de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 239, Cf. MÜHLEN, Heribert. *O Evento Cristo como obra do Espírito Santo in: FEINER, Johanne e LOUERHER, Magnus. **Mysterium Salutis**. volume III, T. 8. Ed. Vozes, 1974, p. 5-34.*

liberdade sem vida compartilhada. Por isso, o homem se liberta para se realizar como imagem criada de Deus refletindo no mistério divino de comunhão em si e na convivência com seus irmãos.<sup>134</sup>

Sempre, segundo PUEBLA, não existe liberdade onde os homens continuam sendo escravos de bens materiais, como ainda hoje acontece em nosso mundo. Certamente, esses bens materiais e a própria técnica empregada para consegui-los podem se converter em meio para o surgimento de relações interpessoais mais livres e libertadoras. Essa libertação que deve centralizar-se de forma primordial nos marginalizados, como os moradores de rua e muitos outros, só culminará quando os homens alcançarem a plena comunhão do Espírito de Cristo. A libertação tem, portanto, nível de transcendência, por isso realiza-se em Cristo que é princípio de grandeza e de dignidade para os homens; só em seu nível de graça a conquista das técnicas alcança seu sentido e pode ser suscitada a verdadeira comunhão inter-humana. Chegando a esse nível, nesta altura de plena gratuidade e dom final do Espírito de Cristo, pode-se valorizar a criatividade do homem, fazendo com que a ação libertadora adquira plenitude.

Em tal plano, PUEBLA transbordou todas as dimensões libertadoras do progressismo impositivo, dando abertura à plenitude que só pode ser fundamentada e refletida pela Cruz de Jesus Cristo e pela obra de seu Espírito. Nessa perspectiva, o Espírito pode ser definido como profundidade, isto é, autoabertura fundante e gratuita de um Deus que se revela com amor para os homens, sendo em si amor perfeito, também como comunhão ou realidade fundante do mesmo amor inter-humano que deriva do encontro trinitário. O Espírito pode ser definido como criatividade que torna o homem capaz de estender-se para fora, suscitando vida ao redor

---

<sup>134</sup> Ibid., p. 239.

de si, como faz o próprio Espírito de Deus no princípio (Gn 1, 2). A partir dessa análise, deve-se entender todo o processo de libertação e perspectiva trinitária.<sup>135</sup>

Assim, estão resumidos em chave de pneumatologia escatológica os três aspectos do Espírito: presença de Deus, comunhão inter-humana, e plenitude da própria criação que (ao se colocar a serviço da fraternidade), começa a ser sinal de Deus, expressão de sua beleza, promessa de sua glória. Estes foram e são os aspectos da libertação autêntica: trata-se de construir nova sociedade na qual, trabalhando em comum e compartilhando os bens, os homens possam viver em comunhão, antecipando e expressando assim, sobre a terra latino-americana, o grande mistério da comunidade trinitária que foi manifestado pelo Cristo e sustentado no Espírito.

## 2.7 Aposta Eclesiológica do Cristianismo Africano

Vale mencionar, logo no início, que a expressão “cristianismo africano” se situa na lógica da Encarnação da mensagem, que é um procedimento inerente à natureza mesma do cristianismo e da vocação católica da Igreja universal. A expressão “cristianismo africano” implica, então, uma aplicação de princípio, segundo a qual a universalidade da Igreja não suprime sua real existência espaço-temporal. A expressão cristianismo africano expressa todo o reconhecimento do Papa Paulo VI à África. Com efeito, no dia 31 de julho de 1969, o Papa pronunciou à Kampala uma locução histórica, seu discurso de encerramento do *Symposium des Conférences Épiscopales d’Afrique et de Madagascar (SCEAM)*, cuja criação se situa na mesma época. Ele encorajou a invenção de um cristianismo africano. “Vós, Africanos, vós sois vossos próprios missionários. Vós podeis e deveis ter um cristianismo africano.”<sup>136</sup>

Como se vê, a importância desse discurso é inegável, pois ele marcou o ângulo histórico no reconhecimento oficial da reflexão teológica africana e da realidade existencial

---

<sup>135</sup> Ibid., p. 239.

<sup>136</sup> Paul VI, “*Allocution au symposium des Évêques d’Afrique*”, DC 1546 (1969), p. 763.

de sua Igreja. Desde então, o modo de ser da Igreja africana não deve mais lhe ser conferida de fora. O Papa vê isso como uma tarefa fundamental e pede aos africanos que se dirijam ao coração de sua cultura para que esta encontre o Evangelho. Ele recenseia os valores essenciais a conhecer, a salvaguardar e a promover como raízes próprias originais e como forças que reproduzem a vida cristã em terra da Nova África.<sup>137</sup>

No seu discurso, o Papa Paulo VI insistia sobre dois aspectos importantes, a fidelidade ao patrimônio essencial e a expressão africana desse patrimônio. Ele qualifica a criação de um cristianismo africano como um empreendimento imenso e original. Com efeito, achar no cristianismo e pelo cristianismo uma plenitude superior original quer dizer pedir à Igreja da África de contribuir ao cristianismo em nível mundial, de acrescentar a riqueza da experiência atual da Igreja. De fato, esse apelo do cristianismo africano era um apelo à originalidade, pois, segundo o Papa Paulo VI, a Igreja na África deve chegar a um diálogo consciente com as tradições africanas, devendo, oficialmente, tomar consciência de sua própria identidade. Assim, a aposta eclesiológica do cristianismo africano é então, real enquanto busca no seio da Igreja universal espaços para uma teologia africana, para ritos africanos e para estruturas de Igreja de inspiração africana. Não se africaniza traduzindo o cristianismo ocidental. Trata-se de passar de um século de evangelização a outro, de um método a outro, de um tipo de evangelizador a outro, tem um tipo de opção eclesial a outro, uma vez que, sem dúvida, é o anúncio do Evangelho que funda a Igreja local, se ela goza de um espaço de liberdade e de criatividade suficiente, se ela caminha sobre o impulso do Espírito Santo e se ela permanece em comunhão de fé com as Igrejas irmãs e a Igreja Universal.<sup>138</sup>

A maturidade eclesiológica na África constitui um programa de longo fôlego para as jovens Igrejas: a evangelização da cultura, a encarnação da mensagem, a inculturação do

---

<sup>137</sup> BOKA DI MPASI, L. *L'autonomie des Églises africaines*, In: *Informissi* n° 113 (1988), p. 13.

<sup>138</sup> NTEDIKA KONDE, J. "L'Église particulière em Afrique. Statut ecclésiologique et conditions de surgissement". In: *Théologie africaine. Bilan et perspectives*. Actes de La dix-septième Semaine Théologie de Kinshasa, 2-8 avril, 1989, FCK, 1989, p.161.

Cristianismo, a cristianização da África e a africanização da Igreja. Em tudo isso, a aposta capital é o reconhecimento da identidade cristã e cultural do Homem Africano. Deste ponto de vista, não é errado afirmar que um melhor conhecimento do homem a ser evangelizado deve supor outros modelos eclesiológicos, dando direito às aspirações fundamentais que nem sempre são compatíveis com os dados evangélicos. É nesta linha que o pensamento, no contexto de africanização do cristianismo, isto é, da renovação da compreensão da natureza da Igreja, que muitas comunidades eclesiais se atribuíram a tarefa de promover a comunhão de todos os católicos, numa união visível da Igreja, povo de Deus. Essas comunidades tinham, por objetivo, levar a toda cristandade local a compreender seu papel missionário, clarificado pelos textos conciliares, favorecendo a instalação de estruturas recomendadas pelo decreto sobre o apostolado dos leigos. As Comunidades Eclesiais de Base ou comunidades eclesiais vivas são, então, percebidas neste programa como lugares de fé, de evangelização em profundidade e de identificação eclesial.<sup>139</sup>

Pela eclesiologia da África, repensar a fé, levando em conta o peso de sua história, é muito importante. Guardando os olhos fixos sobre os laços que existem entre o Homem Africano e a Paixão de Jesus, é preciso correr o risco de compreender o mistério de Deus, assumindo as questões feitas às Igrejas da África por homens e mulheres que se perguntam em que Deus lhes interessa tendo em vista as condições dramáticas nas quais eles vivem hoje. Deve-se tentar mostrar que a Revelação em Jesus Cristo encontra sua plena significação na África, quando a Igreja faz memória de um Evangelho de libertação dos oprimidos, obrigando a repensar a maneira de fazer a teologia, enquanto os teólogos africanos têm necessidade de reconhecer que a opressão que viveu a África não foi só cultural, mas também política e econômica.<sup>140</sup>

---

<sup>139</sup> APPIAH-KUBI, Francis. *L'Église, famille de Dieu*. Paris: Ed. Karthala, 2008, p. 85-91.

<sup>140</sup> ELA, Jean-Marc. *Repenser La théologie africaine. Le Dieu qui libere*. Paris: Ed. Karthala, 2003, p. 19.

Observa-se que a eclesiologia, na perspectiva do cristianismo africano, é uma eclesiologia centrada sobre a libertação do povo africano, parecida em muitos pontos com a eclesiologia latino-americana, pois, a Igreja da África, verdadeiramente, tem quase as mesmas realidades e as mesmas inquietações que a Igreja latino-americana. É por isso que a Igreja da África deveria procurar ter um intercâmbio eclesiológico com a Igreja latino-americana. Nesse sentido, o Espírito de Cristo se desvela dentro da Igreja como força de libertação que brota da Cruz de Cristo, abrindo caminhos de esperança e de comunhão entre os homens de justiça, e de gratuidade de que participa, já na terra, a verdade do Reino. Por isso, a acolhida do Espírito é entendida como fidelidade comprometida e gozosa ao caminho do Reino que Jesus traçou por sua vida e ratificou por sua Páscoa.

Certamente, não é nesse sentido de libertação para a esperança e para a comunhão, sob o impulso do Espírito Santo, que se identifica o pensamento teológico da IURD, mesmo que esta tenha a pretensão de apresentar uma missão libertadora sob a ação do Espírito Santo.



## CAPÍTULO III

# O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Dentre as Igrejas chamadas neopentecostais, a que se propaga de maneira rápida, atualmente, é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada no Rio de Janeiro, em 1977, por Edir Macedo Bezerra.

### 3.1 Traços Biográficos do Fundador. Nascimento da IURD

Edir Macedo Bezerra, fundador da IURD, nasceu em fevereiro de 1945, na cidade fluminense de Rio das Flores, Rio de Janeiro, numa família simples e humilde de migrantes. Seu pai, Henrique Francisco Bezerra, alagoano, possuía uma pequena venda de secos e molhados; sua mãe, Eugênia Macedo Bezerra, mineira, era dona de casa.

Edir Macedo Bezerra queria ser professor, entretanto não concluiu o curso superior (Matemática) na Universidade Federal Fluminense e (Estatística) na Escola Nacional de Ciência e Estatística, pois segundo ele, estava deprimido e se achava numa situação de extrema angústia.<sup>141</sup> Em busca de libertação, recorreu à Igreja Católica, como também frequentou terreiros de umbanda.

Eu era uma pessoa triste, deprimida, angustiada. No fundo do poço busquei a Igreja Católica e só encontrei um Cristo morto. Aquilo não satisfez meu coração e parti para o Espiritismo, mas as ideias que aí encontrei não se coadunavam com as minhas. Então um dia, tive esse encontro pessoal com Deus (...), estava em uma reunião pública, de evangelistas, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio; as pessoas cantavam, e de repente, desceu uma coisa sobre nossa cabeça, nosso corpo, como se estivéssemos sendo jogados debaixo de um chuveiro, foi algo ao mesmo tempo físico e espiritual, abstrato e concreto, pude me ver como realmente era, e eu me via como se estivesse descendo ao inferno, cai em prantos então

---

<sup>141</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 54.

a mesma presença me apontou Jesus. Foi quando nos convertemos e nos entregamos de corpo, alma e espírito.<sup>142</sup>

Como se observa, segundo o próprio Edir Macedo, ele procurou alívio na Igreja Católica, mas não se satisfaz, passando então, para o Espiritismo, mas também aí não encontrou as respostas desejadas. Fez-se, então, membro da Igreja Pentecostal Nova Vida, onde permaneceu durante doze anos. Deixou-a para pregar, por conta própria, a cura mediante a fé. Foi assim que em 1975, junto com Romildo Ribeiro Soares (seu cunhado), Roberto Augusto Muniz e os irmãos Samuel e Fidelis Coutinho, fundou a “Igreja Cruzada do Caminho Eterno”. Antes de abri-la, Macedo e Romildo Soares, que não exerciam cargos eclesiásticos, foram consagrados pastores da Casa da Bênção pelo missionário Cecílio Carvalho Fernandes.<sup>143</sup> Contudo, logo depois, aconteceu uma cisão: em 1975, Edir Macedo se desentendeu com os irmãos Samuel e Fidelis Coutinho, saindo com Romildo Soares e Roberto Alves, da Igreja Caminho Eterno, para fundar, em 9 de julho de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), no bairro Abolição (Zona Norte do Rio de Janeiro). Em novembro desse ano, Edir Macedo e seus companheiros co-fundadores se expressaram, estatutariamente, nestes termos:

Um grupo de irmãos, vindos de várias organizações evangélicas, sentiram o chamado de Deus, através do Espírito Santo, para dar continuidade à obra de evangelização iniciada por Nosso Senhor Jesus Cristo e perpetuada através dos apóstolos primitivos e dos milhares de santos irmãos que, através dos séculos, com suas vidas testemunharam acerca da verdade que é Jesus Cristo (...) e resolveram, de comum acordo, fundar uma corporação religiosa e denominá-la ‘Igreja Universal do Reino de Deus’.<sup>144</sup>

É bom mencionar que da cisão até a criação de sua nova Igreja, Edir Macedo pregava de casa em casa, nas ruas, em praça pública e em cinemas alugados.

---

<sup>142</sup> Folha de São Paulo, 20.06.91.

<sup>143</sup> MARIANO, Ricardo. *Op. cit.*, p.55.

<sup>144</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro templo e mercado, organização, marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis – São Paulo – São Bernardo de Campo: Vozes – Simpósio Unesp, 1999, p. 381.

Quatro anos após a fundação, Edir Macedo outorgou o título de “bispo” a si próprio e a Roberto Augusto, pois segundo seu pensar, este título é só um “negócio para envolver os Católicos”.<sup>145</sup>

Se existe uma coisa tão frequente nos meios pentecostais que parece uma dialética de sua constituição, é a cissiparidade ou a dissidência, pois o próprio Roberto Augusto, que foi sagrado bispo por Edir Macedo, separou-se dele e retornou à Igreja Nova Vida. Algo semelhante fizeram os vários colaboradores de Edir Macedo, entre os quais, seu famoso cunhado, Romildo Soares, que se afastou para constituir sua Igreja, dita “Igreja da Graça” e o pastor Magno de Miranda que se retirou para fundar a sua, nomeada “Espírito Santo de Deus”. Toda esta dissidência resultou do fato de que a convivência com Edir Macedo se tornara difícil por causa da prepotência desse líder e em virtude, também, de seu espírito mercantilista, que cada vez mais foi prevalecendo em suas atividades.<sup>146</sup> Tal fato lhe permitiu criar um vasto império, e como pregador do Evangelho e arauto de curas, foram adquiridos vários meios de comunicação e outros bens materiais no Brasil e no exterior. Assim, segundo Roberto Alves, um dos colaboradores dissidentes, a visão *de* “Edir Macedo hoje é só empresarial e mercantilista, não sendo a mesma de quando a Igreja começou, não sobrou nada”.<sup>147</sup> Essa atitude faz chamar e considerar hoje a IURD de Igreja de mercado de necessidades, estado que de fato, evidência uma das características da IURD, que é a de ser uma Igreja a serviço do dinheiro do homem, enquanto ser contributivo, e do material.

---

<sup>145</sup> Jornal da Tarde, 02.04.91, p. 26.

<sup>146</sup> BETTENCOURT, Estevão Tavares. O.S.B. *Crenças, religiões, igrejas e seitas: quem são?* Coletânea de artigos publicados na revista **O mensageiro de Santo Antonio**, sob título Igreja e Igrejas, no período de 1989 – 1995, p. 54.

<sup>147</sup> Jornal da Tarde, 02.04.91.

### 3.2 Organização da Igreja Universal do Reino de Deus

Observa-se que a estrutura organizacional e administrativa da IURD é centralizada nas mãos de uma liderança. Tudo gira em torno e se faz em referência de seu líder fundador, líder em que todos os analistas reconhecem a incontestável autoridade carismática. Como tal, pode-se entender o poder que emana da instituição IURD, referindo-se à teoria weberiana. Para Max Weber<sup>148</sup>, o carisma é uma qualidade extraordinária de caráter extra-quotidiano, reconhecida assim por um grupo social. O carisma caracteriza não só alguns indivíduos detentores de um carisma pessoal, mas também instituições do tipo Igrejas portadoras de um carisma de função ou de instituição derivada da apropriação de um carisma pessoal do fundador rotinizado (a rotinização de carisma segundo Weber, implica a transferência do carisma do empreendedor inicial para organização). Assim, a IURD como instituição, e seu fundador são reconhecidos como portadores desse dom especial. Como veremos mais adiante, verifica-se que o sucesso eleitoral da IURD no campo político deve-se a sua organização carismática e centralizadora, pois o carisma institucional da IURD se mostra preeminente sobre o carisma pessoal dos candidatos a cargos eletivos indicados ou apoiados. É por isso que na IURD não se candidata ao cargo eletivo quem quer, mas quem é escolhido pela liderança da Igreja e pelo reconhecimento social que recebe mediante a votação dos fiéis; é uma eleição que se dá pelo apoio advindo da instituição religiosa, do que pelas próprias qualidades pessoais do candidato.

Com efeito, como foi dito acima, a IURD está estruturada ao redor de seu líder fundador carismático, o “bispo” Edir Macedo. Ele é o “bispo” primaz e presidente da Igreja, que tem o poder vitalício e justificado, para o qual o próprio Deus o escolheu a fim de exercer tal autoridade que não pode ser questionada. Assim, é ele quem administra o patrimônio,

---

<sup>148</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Paris, Plon, 1971, apud ORI, Ari Pedro. *Organização eclesial e eficácia Política, o caso da IURD* in: **Revista Civitas**, Porto Alegre, volume 3 n° 1 Junho 2003, p. 98.

coordena e decide também sobre as questões doutrinárias, disciplinares e organizacionais. Para compreender melhor o exposto, em 1986, Edir Macedo se mudou para os Estados Unidos e mesmo de lá, continuou a administrar a Igreja, tendo tomado como ponto difusor a cidade de Nova York, na sua visão, o centro do mundo. A respeito de tal acontecimento, ele afirmou em entrevistas dadas aos jornais:

‘Deus nos falou’ para irmos ao centro de todas as nações do mundo, como era Roma nos tempos de Jesus. Queremos ‘criar’ (nos Estados Unidos) um ‘centro de evangelismo’ e então enviar convertidos de volta aos seus próprios países (...) New York é o centro do mundo. Todos os países se concentram aqui.<sup>149</sup>

Ainda em relação a sua estrutura, a verticalidade do poder está presente, pois verifica-se a existência do:

- Conselho Mundial dos bispos que é a instância máxima;
- Conselho de bispos do Brasil;
- Conselho de pastores, auxiliares e obreiros que não possuem autonomia alguma - base da pirâmide hierárquica.<sup>150</sup>

No que diz respeito aos fiéis, eles não escolhem os líderes locais, pois esta tarefa está reservada aos bispos. Os líderes locais obedecem e não gerenciam o que arrecadam. Esta lógica do poder na IURD provoca, às vezes, rangidos de dentes daqueles que reclamam da ausência de um mínimo de mecanismos democráticos na tomada de decisões, como por exemplo, o ex-“bispo”, Roberto Lopes, que afirmou: “nunca existiram assembleias gerais para decidir os destinos da Igreja. Macedo tomava as decisões, mandava fazer uma ata e os componentes da diretoria assinavam junto com alguns pastores. O que o bispo decidia estava

---

<sup>149</sup> Globo, 29.04.90. The New York Times, 30.12.87.

<sup>150</sup> As sedes regionais controlam os líderes locais e as congregações e semanalmente prestam contas e transferem recursos às redes estaduais. Cf. MARIANO, Ricardo. *Op. cit.*, p. 63.

decidido”.<sup>151</sup> Mesmo assim, muitos acreditam que o crescimento da IURD é relacionado ao seu estilo de organização.

### **3.3 Características da Igreja Universal do Reino de Deus**

Sem dúvida, a IURD constitui, hoje, o grande fenômeno da neopentecostalização no Brasil. Seu crescimento, tanto em número de fiéis quanto de templos, montagens de um aparato de empresas de serviços religiosos, com televisão, rádio, imprensa e produção fonográfica é impressionante e não encontra paralelo histórico em qualquer denominação pentecostal e neopentecostal.

Com efeito, as principais características da IURD que se tem verificado através de uma leitura acurada dos trabalhos dos pesquisadores que sempre estão presentes e que se compreendem estar intimamente ligadas a esse crescimento, são: a pregação enfática da teoria da prosperidade; exacerbação da guerra espiritual contra o diabo e seu séquito de anjos decaídos; liberalização dos usos e costumes estereotipados de santidade e, por último, o fato de a IURD estar estruturada empresarialmente, sem esquecer as características que são igualmente válidas para as outras Igrejas Pentecostais, que são: líderes fortes; uso de meios de comunicação de massa; estímulo à expressividade emocional; participação na política partidária; pregação da cura divina. Nesse sentido, é válido dizer que o culto praticado nas sessões da IURD é, predominantemente, o do atendimento a pessoas que lá comparecem afetadas por algum problema físico, psíquico, familiar ou econômico. Os pastores atribuem o surto desses problemas à intervenção do demônio, conseqüentemente aplicam exorcismos, o que fazem em meio a gritos, lágrimas, gemidos, convulsões, pancadas, aclamações e demais gestos. Dessa maneira, não é um exagero afirmar que a IURD tem estabelecido, com pleno conhecimento de causa, um sistema de magia, por sinal muito bem elaborado,<sup>152</sup>

---

<sup>151</sup> Jornal do Brasil, 07.07.91.

<sup>152</sup> MARIANO, Ricardo. *Op. cit.*, p.57.

institucionalizando práticas e crenças mágico-religiosas de inspiração cristã. Outra característica que vale a pena mencionar é a grande estima da IURD pelo bem material, em particular, pelo dinheiro. Aliás, seu fundador, Edir Macedo, declara para justificar: o “dinheiro é uma ferramenta sagrada que Deus usou na sua obra”.<sup>153</sup> Daí, a importância nos cultos, do pagamento de dízimo, estimulando os fiéis, através de diversos modos, à entrega do dinheiro. A esse respeito há discursos inflamados como, por exemplo, o do próprio Edir Macedo:

Dar dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida (...) sob aspectos físico, espiritual e financeiro. Quando pagamos o dízimo a Deus ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores que desgraçam a vida do homem, atuando nas doenças, nos acidentes, nos vícios, na degradação social e em todos os setores da atividade humana, fazendo com que o homem sofra eternamente. Quando somos fiéis no dízimo, além de nos vermos livres desses sofrimentos, passamos a gozar de toda a plenitude da Terra, tendo Deus a nosso lado nos abençoando em todas as coisas. Quando falamos sobre o dízimo, somos sempre alvos de pilhérias, objeções ou críticas por parte dos incrédulos. É claro que se a pessoa não é iluminada pelo Espírito Santo de Deus, mesmo que compreenda o significado do dízimo, terá dificuldades para aceitar o fato de ela mesma precisar cumprir essa determinação da parte de nosso Criador.<sup>154</sup>

Além disso, o fiel deve dar a Deus tudo o que ele tem de precioso, no caso, o dinheiro e os bens são as coisas mais importantes para o homem na sociedade capitalista. Conclui-se, então, que o grande interesse da IURD é o serviço para o homem e para o mundo. Por outro lado, verifica-se que a doutrina da IURD é alicerçada nas ênfases teológicas principais, cuja transcrição é a seguinte: “A Teologia da prosperidade”, o que recorda uma frase significativa de uma das mais representativas autoras da *New Age*, Marilyn Ferguson: “Desejar é melhor do que conservar. Os meios são os fins. A viagem é o ‘destino’”,<sup>155</sup> frase que possui um sentido, que se aproxima muito do que afirma o “bispo” Macedo:

---

<sup>153</sup> Jornal da Tarde, 06.04.91.

<sup>154</sup> MACEDO, Edir. *Vida em abundância*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2000, p. 56-58.

<sup>155</sup> FERGUNSON, Marilyn. *A conspiração aquariana*. Rio de Janeiro, Record, 1989 apud CAMPOS, Leonildo. *Op. cit.* p., 366.

Nunca teremos fé suficiente nas promessas de Deus, possuir o que pretendemos, enquanto nossos lábios estiverem confessando derrotas (...). Para os cristãos não existe o ‘não posso’ nem o ‘isso é difícil’. Não, não e não. Você pode todas as coisas se crer assim. ‘Tudo posso naquele que me fortalece’. Filipenses 4,13 deve ser o seu lema.<sup>156</sup>

Trata-se de um discurso apropriado para os excluídos, os inseguros, os desesperados e os pobres. Edir Macedo ensina que ‘ser cristão é ser filho de Deus’ e co-herdeiro de Jesus; dono por herança, de todas as coisas que existem na face da terra; proprietário de todo o universo. Portanto, ‘nada de se contentar com desgraça ou pobreza’. De fato, viver na presença de Deus é ter uma vida abundante, enquanto quem experimenta solidão e mágoas, doenças e sofrimento, pobreza e fracasso, ódio e morte é porque vive afastado do seu verdadeiro caminho.<sup>157</sup> Assim, a “Teologia da Prosperidade” da IURD garante que Deus não se contenta com o fato de seus filhos serem pobres e necessitados. Eles são “filhos ricos” de um “Pai rico”, porque ainda, segundo Macedo:

O homem foi colocado na Terra para viver em abundância, sobre a fartura e a prosperidade. Adão não tinha escassez de água, nem de alimentos e nem precisava levar Eva, sua mulher, ao médico. Eles eram perfeitos e gozavam da perfeição de Deus, sem que lhe faltasse absolutamente ‘nada’.<sup>158</sup>

A “Teologia da Prosperidade” da IURD representa o caminho corrente pelo qual a tensão entre economia e religião pode desaparecer, deixando claro que não são as ideias, mas os interesses material e ideal que governam diretamente a conduta do homem, como afirmou Max Weber.<sup>159</sup> Assim, a IURD enfatiza que o cristão está destinado a viver uma vida de alegria, de prosperidade, de paz em todas as coisas. Portanto, ela rompe com as preocupações escatológicas do pensamento histórico, embora afirme teoricamente crer e esperar a segunda vinda de Cristo, que será um imprevisto pessoal e pré-milenial.

---

<sup>156</sup> MACEDO, Edir. *Op. cit.*, p. 39-42.

<sup>157</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. *Op. cit.*, p.367.

<sup>158</sup> MACEDO, Edir. *Op. cit.*, p.24.

<sup>159</sup> WEBER, Max. *Ensaios de Sociologia*, (org. e int. H. H. Gerth e C. Wright Mills), Rio de Janeiro: Zahar, 1971, apud CAMPOS, Leonildo Silveira. *Op. cit.*, p. 375.



De fato, a IURD consegue crescer atraindo muita gente através de estratégias de *marketing* planejadas e praticadas por agentes interessados em sua divulgação. Mas o próprio fundador da IURD discorda dessa observação. A esse respeito, o próprio “bispo” Edir Macedo Bezerra, por ocasião da comemoração do 19º aniversário de sua Igreja, em julho de 1996, atribuiu seu crescimento à ação do Espírito Santo, em seguintes palavras: “Atribuo à ação do Espírito Santo o crescimento da Igreja. Não se trata de *marketing* bem feito, boa administração, nem qualquer razão humana. É ação do Espírito Santo mesmo.”<sup>160</sup> Como se vê, apesar da falha em sua Cristologia e Eclesiologia, a importância é dada ao Espírito Santo.

### 3.4 Doutrina Pneumatológica da Igreja Universal do Reino de Deus

A IURD dá um relevo específico ao “Batismo com o Espírito Santo”. Segundo a IURD, o Espírito Santo age ativamente sobre o mundo, manifestando-se sob a forma de revelações, libertações, milagres, curas, batismos e inspirações. Para Edir Macedo:

O batismo com o Espírito Santo é a condição básica para qualquer pessoa de se candidatar ao serviço de Deus. Se o próprio filho de Deus teve que recebê-lo, antes de iniciar o seu ministério, além de todos os seus apóstolos, e de mais discípulos, então já de se crer que existe uma imperiosa necessidade deste batismo para o preparo do servo de Deus.<sup>161</sup>

A IURD, fundamentando-se no evento Pentecostes, ensina que Jesus enviou o Espírito Santo à Igreja no dia de Pentecostes, batizando a todos que tem um encontro pessoal com Ele, nesse espírito. Portanto, todos são moradas do Espírito Santo à medida que Ele veio e tem a missão de habitar na vida de cada cristão. Para Edir Macedo, o “Batismo com o Espírito Santo” não pode ser considerado em termos de opção denominacional doutrinária, pois é uma necessidade imprescindível, de tal forma que sem ele a chance de sobrevivência cristã nesse mundo é, praticamente, impossível.<sup>162</sup> Ainda, segundo ele, o “Batismo com o Espírito Santo”

---

<sup>160</sup> Jornal da Tarde, 07.07.1996.

<sup>161</sup> MACEDO, Edir. *O discípulo do Espírito Santo*. 2ª edição: Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997, p.13.

<sup>162</sup> MACEDO, Edir. *O Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 2005, p. 105.

significa poder, força, coragem, intrepidez e audácia para viver tal qual o Senhor Jesus aqui na terra. É impossível ser cristão de acordo com a Bíblia, sem ter havido um revestimento sobrenatural do Alto sobre o candidato.<sup>163</sup> Para ele, quando alguém é batizado com o Espírito Santo, recebe, imediatamente, poder para servir como instrumento nas mãos do Espírito Santo; recebe poder para servir como testemunha da Ressurreição de Jesus Cristo; não apenas, testemunha no sentido de falar aquilo que está escrito na Bíblia, mas ser como o próprio Senhor Jesus, uma testemunha viva de alguém vivo.<sup>164</sup>

Para a IURD, uma das condições mais importantes para se receber o “Batismo com o Espírito” é aceitar de todo o coração o Senhor Jesus Cristo como único Senhor e Salvador, em seguida ser batizado nas águas por imersão. O candidato ao Batismo deve ter uma total aversão a todos os falsos deuses deste mundo, bem como às imagens deles, suas religiões, seitas e filosofias. Pois, segundo a IURD, o batizador é o Senhor Jesus Cristo. E todo aquele que é batizado deve falar em línguas estranhas, como sinal de que ele recebeu o Espírito Santo.<sup>165</sup>

Para Edir Macedo, também, se não houver realmente uma experiência pessoal, com o que a Bíblia chama de “Batismo no Espírito Santo”, de nada adiantarão todos os esforços pessoais para servir a Deus,<sup>166</sup> pois o “batismo com o Espírito”, ainda segundo a IURD, é uma unção ou revestimento do poder dado apenas àqueles que realmente pertencem ao Senhor Jesus, para servi-lo com todas as forças e com todo o coração. O “discípulo do Espírito Santo”<sup>167</sup> tem que ter sempre em mente que a Igreja do Senhor é um corpo, cuja cabeça é o próprio Senhor Jesus Cristo e que esse corpo está apoiado sobre duas pernas: a perna direita é o caráter cristão delineado pelos frutos do Espírito Santo e a perna esquerda são os dons do

---

<sup>163</sup> Ibid., p. 107.

<sup>164</sup> Ibid., p. 108.

<sup>165</sup> Ibid., p. 115.123.

<sup>166</sup> MACEDO, Edir. *O discípulo do Espírito Santo*. 2ª edição: Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997, p. 14.

<sup>167</sup> Vale mencionar que esta expressão é própria da Igreja Universal e é o título do livro escrito pelo fundador.

Espírito Santo. Assim, para a IURD, a Igreja do Senhor Jesus só tem o equilíbrio necessário ao seu desenvolvimento, quando está devidamente apoiada sobre o fruto e os dons do Espírito Santo.<sup>168</sup> Segundo Edir Macedo, o Espírito lhes tem impulsionado bastante, no sentido de ganhar as almas não exatamente pregando doutrinas, mas anunciando, com a velocidade de um raio, aos quatro cantos da Terra, que Jesus ressuscitou e que está pronto para ouvir o clamor de todos os aflitos e necessitados que o invocam em espírito e em verdade, para os salvar.<sup>169</sup>

Compreende-se, então, a força e o zelo de testemunho dos seguidores da IURD: ela se caracteriza por uma vontade missionária surpreendente. Sobre tal referência, é válido dizer que o seguidor se sente investido pela missão de converter a multidão ao Cristo. Isso faz com que o zelo missionário se diversifique com os meios de anúncio desde o tele-evangelismo e as grandes assembleias até o método de porta a porta.

É importante notar que para a IURD, ainda, o fruto do Espírito Santo é imperativo na vida de cada seguidor do Senhor Jesus. Ele nasce do interior do cristão autêntico, porque dentro dele está o Espírito daquele em quem ele crê. E o fruto do Espírito Santo, segundo a IURD, é: “amor, alegria, paz, longaminidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei” (Gálatas 5.22,23).<sup>170</sup> Para a IURD, um detalhe muito importante que não deve passar despercebido é o fato de o Espírito Santo considerar todas as suas nove modalidades de expressão como se fossem apenas uma; assim, quando realmente este fruto do Espírito Santo é externado através de cada um, então se tem o próprio Jesus Cristo participando do cotidiano e brilhando através de todos. É isso, segundo a IURD, o verdadeiro cristianismo.<sup>171</sup>

---

<sup>168</sup> MACEDO, Edir. *O discípulo do Espírito Santo*. 2ª edição: Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997, p. 6.

<sup>169</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>170</sup> Esta transcrição é conforme a Bíblia usada pela Igreja Universal. Cf. MACEDO, Edir. *O Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 2005, p. 42.

<sup>171</sup> *Ibid.*, p. 42.

### 3.4.1 Os dons do Espírito Santo, segundo a Igreja Universal do Reino de Deus

A IURD divide, da seguinte maneira, em três itens, os dons do Espírito Santo, como ferramentas essenciais na obra de Deus: <sup>172</sup>

- **Dom de revelação**
  - Palavra de conhecimento
  - Palavra de sabedoria
  - Discernimento de espíritos
- **Dom de poder**
  - Dom de curar,
  - Operações de milagres
  - Fé
- **Dom de inspiração**
  - Variedade de línguas
  - Capacidade de interpretar
  - Profecia

### 3.4.2 Os atributos do Espírito Santo, segundo a Igreja Universal do Reino de Deus

Os atributos do Espírito Santo, segundo a IURD, são os mesmos de Deus-Pai e de Deus-Filho, como ela mesma classifica da seguinte maneira:

- **Criador** – logo nos primeiros versículos da Bíblia encontramos referências a respeito do Espírito como criador, uma vez que, mediante a voz de Deus-Pai, o Espírito trouxe à existência as coisas que não existiam, como

---

<sup>172</sup> Ibid., p. 74.

podemos verificar em Gênesis 1.1,2: ‘No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas’.<sup>173</sup>

- **Onipotente** – todos os milagres e maravilhas que encontramos registrados na Sagrada Escritura tiveram a ação direta tanto do Deus-Pai e do Deus-Filho, como do Deus-Espírito Santo. Porém, o Espírito Santo, sob o meu ponto de vista, foi o mais expressivo e importante, por ocasião da vinda do Deus-Filho ao mundo. Naquela oportunidade, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma virgem na cidade de Nazaré, anunciando o nascimento do Filho de Deus através dela, dizendo: ‘(...) Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus’ (Lucas 1.35).<sup>174</sup>

- **Onipresente** – Não há quem possa se esconder do Espírito de Deus, pois Ele está em todo lugar simultaneamente, de sorte que a qualquer tempo e em qualquer lugar, sempre que houver um grito de dor e súplica a Deus em nome do Senhor Jesus, podemos estar seguros de que o Espírito de Deus ouvirá e atenderá a quem clamar por Ele.<sup>175</sup>

- **Onisciente** – seria necessário falar sobre a onisciência do Espírito de Deus, uma vez que Ele é onipresente. Se é onipresente, também é onisciente, já que está em todos os lugares ao mesmo tempo. Então, conclui-se que sabe de todas as coisas ao mesmo tempo, também.<sup>176</sup>

---

<sup>173</sup> Ibid., p. 29.

<sup>174</sup> Ibid., p. 29.

<sup>175</sup> Ibid., p. 31.

<sup>176</sup> Ibid., p. 32.

Para a IURD, ainda, a evangelização dos povos é um desafio missionário que tem que vencer na força do Espírito Santo. Para ela, o mundo ocidental, a África, a Ásia e a Oceania precisam ser ganhas na sua totalidade para o Reino.<sup>177</sup>

Pode-se dizer que toda a teologia da IURD não apresenta uma teologia de análises hermenêuticas a desvendar os mistérios, não tem morosos e complicados ritos. Como se viu, a IURD apoia e fundamenta-se no evento de Pentecostes, de maneira que pode-se afirmar sem errar que sem pentecostes não existiria a IURD. O “Batismo com o Espírito Santo” torna-se, segundo a IURD, uma experiência necessária e indispensável na caminhada cristã. Essa concentração pneumatológica da IURD tem um triplo perigo: uma apresentação linear da Salvação, um exclusivismo pneumatológico e uma uniformização da vida espiritual.

Por outro lado, a concentração pneumatológica da IURD como se viu, estabelece um plano linear da Salvação, que começa da conversão até ponto culminante na experiência do “Batismo com o Espírito”. Com isso, a IURD, sem querer, acaba tendo um raciocínio matemático-rigoroso, que não deixa ao Espírito sua liberdade que é o fundamento de sua ação, como podemos perceber em Jo 3, 8: “O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito”. Quando um esquema doutrinal tão rigoroso como o da IURD sobre a ação do Espírito, segundo o qual só no Batismo é que se faz a experiência do Espírito, isso exclui toda outra possibilidade de sua manifestação. Essa maneira linear de ver a ação do Espírito leva, como foi observado acima, a uma uniformização da experiência espiritual. Assim, a insistência da IURD sobre a necessária experiência do “Batismo com o Espírito Santo” para todo crente, contradiz o princípio mesmo de Pentecostes, como ponto culminante e celebração das diferenças na unidade de um mesmo Espírito.<sup>178</sup> Exigir de todos uma experiência espiritual única, que passa obrigatoriamente pelas manifestações de carisma, é contradizer a

---

<sup>177</sup> MACEDO, Edir. *O Avivamento do Espírito de Deus*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 2003, p. 44.

<sup>178</sup> TCHONANG, Gabriel. Op. cit, p. 400.

lógica mesma do Espírito Santo. Assim, entre tantos desafios que a IURD pode trazer à Igreja Católica o mais sério, pode-se dizer, é sua doutrina pneumatológica, que acaba por conquistar os fiéis católicos e outros que não se firmaram na sua formação religiosa, através de uma manipulação psicológica sutil.

### **3.5 Alguns Procedimentos ou Métodos Missionários da IURD, em Favor de sua Expansão e Consolidação**

Cumprе mencionar um dos observadores mais atentos do fenômeno, Ricardo Mariano, que a IURD, no Brasil, transformou-se no mais surpreendente e considerável movimento religioso das últimas décadas.

Com efeito, o desenvolvimento extraordinário da IURD é visto como um traço notável da modernidade transnacional atual. Não se trata somente de larga expansão e consolidação de uma empresa organizacional fora do comum, mas também de uma certa concepção de fé e de sua capacidade de sintonizar suas mensagens com as necessidades de respostas nas mais diversas situações de vida.<sup>179</sup> A IURD está no dia a dia do cenário brasileiro, em atividades não exclusivamente religiosas. Nesse sentido, segundo a IURD, não há territórios cativos ou demarcados, pois ela está na cultura, na política, na mídia, nas empresas, no mundo virtual da internet, nas favelas, nos bairros centrais, nos distantes e nas pessoas marginalizadas. Em nossos dias, quando se conversa com pessoas sobre Pentecostalismo e Neopentecostalismo, sempre se tende a associá-los à IURD. Sua visibilidade é tão forte que ela representa um papel que já faz parte do cenário brasileiro, tornando-se quase “uma marca registrada”.<sup>180</sup> É difícil nunca se ter ouvido falar dela, ter sido contra ou a favor. Para alguns autores, como Oro, Valle e Campos, a IURD – na sua ambição de ser um poderoso movimento religioso – repete uma

---

<sup>179</sup> ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean Pierre. *Igreja Universal do Reino de Deus os novos conquistadores da Fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 30.

<sup>180</sup> BONFATTI, Paulo. *A expressão popular do sagrado: uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 22.

lógica capitalista neoliberal da sociedade ou do mercado em que está inserida.<sup>181</sup> Assim, a IURD seria estruturada dentro de um modelo empresarial de crescimento, expansão, levantamento de recursos, aquisição de propriedades, disputa de mercado e *marketing*.

São dignas de nota algumas estratégias de *marketing* da fé da IURD, ou melhor dizendo, a análise de alguns de seus procedimentos missionários aos quais está relacionado seu crescimento.

### **3.5.1 Ocupação do Espaço e do Tempo como Estratégia Missionária da IURD**

O incrível sucesso da IURD tem a ver com a maneira com a qual ela ocupa o espaço e o tempo. A ambição de conquistar espaço é tão forte que um dos pastores teria dito: “quando há um loteamento novo não esperamos, chegamos na frente e compramos o terreno mais barato e assim que a pessoa chega, já tem igreja para frequentar”.<sup>182</sup> A IURD também aluga ou compra salas de cinema, bingo, prédios, sempre situados em locais estratégicos bem movimentados, com forte densidade de circulação humana; transforma-os em enormes salões constantemente abertos, de onde são organizadas cruzadas pelos bairros, pelos terminais de ônibus, por estações de metrô, em diversos locais públicos, sendo enviadas equipes móveis a detentos e doentes. Assiste-se, por outro lado, à construção de igrejas chamadas “catedral da fé”, bem equipadas, de dimensões impressionantes, com espaço de estacionamento típico de *Shopping Center* e sempre face a face para a rua. A ligação com a rua se faz através de uma grande fachada, comumente uma larga escadaria estabelecendo certa continuidade territorial, convite para uma entrada franca. A calçada parece estender-se até o templo, lugar de refúgio e

---

<sup>181</sup> ORO, Ari Pedro. *Op. cit.* apud VALLE, João Edênio dos Reis. *A universal: fenômeno mercadológico X fenômeno religioso – uma reflexão sócio-pastoral*. **Revista Eclesiástica Brasileira** n° 58, junho 1998, Fasc. 230, p. 350-384.

<sup>182</sup> VEJA, 02.07.1999.



de restauração de energias para o retorno ao cotidiano de homens, mulheres e crianças que transitam.<sup>183</sup>

Uma outra estratégia reside na sua maneira de ocupar o tempo. Durante todos os dias da semana, as igrejas funcionam com três ou quatro cultos diários, com temas que lhe são específicos. Assim, tem-se, por exemplo, segunda-feira: orações para solucionar problemas financeiros, principalmente desemprego; terça-feira: orações para cura ou “sessão do descarrego”; quarta-feira: oração dos filhos e filhas do Espírito Santo; quinta-feira: dia da família; sexta-feira: libertação; sábado: dia da prosperidade ou “terapia do amor”, e domingo: louvor, adoração e a santa ceia.<sup>184</sup>

Cumprе mencionar que, apesar dos métodos algumas vezes manipulatórios nessas celebrações da IURD, o acolhimento dos fiéis é edificante. A pessoa que chega é acolhida com alegria e simpatia pelos obreiros, que estão sempre à disposição dos que chegam com as mais diversas necessidades, e nessa ordem, o pastor também sempre manifesta boa disposição para atender e dar bênçãos a todos que chegam. Sempre há um bom ambiente de comunhão entre obreiros e pastores, o que permite a cada um sentir-se considerado. Ninguém parece viver no anonimato. Portanto, são tantos os dispositivos, que foi possível para a IURD estar em todas as partes e em lugares destacados e, ao mesmo, tempo atrair ou solicitar o máximo de cidadãos.

---

<sup>183</sup> CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *O pentecostalismo e o futuro das Igrejas Cristãs, promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 42-43.

<sup>184</sup> ORO, Ari Pedro; CORTEM, André; DOZON, Jean Pierre. *Igreja Universal do Reino de Deus os novos conquistadores da Fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 31.

### 3.5.2 O público alvo da IURD

A Igreja Universal do Reino de Deus, a IURD, não se expandiu num vácuo social. O contexto de depauperamento social, de desemprego e de corrupções crescentes, de secularização,<sup>185</sup> de recrudescimento da violência, de crise econômica, de *destradiconalização* e modernização sócio-cultural e de desestruturação cada vez maior do tecido familiar, na qual surgiu a IURD, lhe foi favorável. É justamente nesse contexto que as camadas pobres, buscando construir um sentido para sua vida, se deixam atrair pela IURD, que lhes apresenta uma concepção do religioso que leva em conta seus diversos problemas cotidianos; concepção que se baseia em promessas e rituais para cura física e emocional, prosperidade material, resolução de diversos problemas afetivos e familiares, e libertação do demônio a fim de viver na abundância. Segundo o próprio “bispo” Edir Macedo:

Deus enviou o homem para que ele vivesse vida abundante. Não é seu desejo que tenhamos uma vida cheia de sofrimento e que vivamos a lamentar nossas culpas e nossos pecados. Não é também a sua vontade que soframos doenças ou que tenhamos uma vida de derrotas. Deus não deseja, na realidade, nada dessas coisas para os seus filhos(...) imediatamente após dermos um passo para Deus, Ele corre ao nosso encontro, trazendo em suas mãos tudo aquilo que tem reservado para nós. Deus nos reserva o direito de serem preenchidos em nós os três aspectos da vida humana que podem fazê-lo feliz: espiritual, físico e financeiro.<sup>186</sup>

Tais palavras, o “bispo” resumiu em seu slogan: *pare de sofrer*. Um outro dirigente insiste neste ponto:

A vida humana conforme a vontade de Deus, a vida autêntica, é aquela em que os humanos possuem e gozam dos bens do mundo. Prosperidade, saúde e amor são inerentes à natureza humana, são sinais da realização do destino que Deus deu ao homem: somente gozando desses bens, o homem vive conforme o desejo do Criador.<sup>187</sup>

---

<sup>185</sup> PIERUCI, Antoni Flávio. *Secularização e declínio do catolicismo*. In: SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs). *Sociologia da Religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 15-35.

<sup>186</sup> MACEDO, Edir. *Op. cit.*, p. 39.

<sup>187</sup> WILSON, Gomes. *Demônio do fim do século – curas, ofertas exorcismo na Igreja Universal do Reino de Deus*. **Caderno do CEAS**, nº 146, julho-agosto, 1993. Apud: CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e o futuro das Igrejas Cristãs, promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes, 199, p. 51.

Toda essa retórica da IURD, que consiste em proclamar que a pobreza e outras formas de sofrimento não fazem parte dos propósitos divinos, é uma das técnicas de persuasão com as quais ela se esforça para atrair e recrutar seus fiéis. O fundador da IURD, o “bispo” Edir Macedo, sempre pregou a prosperidade e a vida em prosperidade. Ele insiste sempre, dizendo que a vontade de Deus é que os fiéis se enriqueçam, sejam felizes e tenham a “benção” em tudo o que empreendem, o que fundamenta a “Teologia da Prosperidade” da IURD. Assim, verifica-se que o aglomerado humano presente nas Igrejas Universais do Reino de Deus é constituído, em sua maioria, de homens e mulheres desfavorecidos da sociedade, porque maltratados pelas mutações sociais e econômicas, em busca da esperança que transforma em vitória suas frustrações e seu desespero.

Outro alvo da IURD são os católicos populares em grandes vínculos com a Igreja Católica e os tradicionais que, desenvolvidos nas grandes cidades, vão perdendo seus laços com a Igreja de origem. Assim sendo, existe uma necessidade pela IURD de levá-los a romper com certos símbolos fortes de seu passado religioso, através de ataques e zombarias contra a Igreja Católica e convidando-os a participar da corrente da prosperidade. Segundo o “bispo” Macedo, a seu ver, a Igreja Católica incentiva seus seguidores a não buscar uma vida melhor. Segundo ele, numa entrevista:

A Bíblia apresenta (Jesus) como a face do sol ao meio-dia. O que a Igreja Católica faz é o oposto. É como se eu fosse visitar um parente terminal de câncer e, pouco tempo antes dele (sic) morrer, eu tirasse fotografia do rapaz, em coma, semimorto. E pegasse aquela fotografia, pintasse um quadro, fizesse uma imagem de gesso e levasse para sua casa e colocasse no lugar mais aparente da casa (...). Passa a ideia de que, se ele sofreu não há mal algum no fiel sofrer também. Então a humanidade passa a aceitar a derrota como uma coisa natural. Como as religiões não atendem às necessidades das pessoas que estão sofrendo, elas se justificam diante delas como uma imagem de alguém que supostamente foi derrotado. ‘Olha vocês estão no fundo do poço, Jesus também esteve e ninguém salvou. Está lá, morreu’.

Esta ideia faz com que as pessoas acatem seu sofrimento, aceitem os seus carmas ou sua desgraça como uma cruz.<sup>188</sup>

Cumprido mencionar que há nessa “Teologia da Prosperidade” da IURD uma evidente legitimação do neoliberalismo e da lógica do mercado, pois ela incorpora a ideia de que a criação e acumulação de riqueza são um direito que Deus dá aos cristãos. Para a Teologia da Prosperidade”, o homem espiritual de fé, desfavorecido e pobre, deve desejar sempre mais bens, vendo neles uma comprovação de sua eleição por parte de Deus. Segundo a IURD, Deus concede ao necessitado na mesma proporção em que este for generoso para com Ele. A medida desse retorno é a generosidade financeira de cada um para com a Igreja e a obra de evangelização, fator que levou Paul Freston a considerar o relacionamento entre Deus e o fiel como é apresentado pela IURD, peculiar. Assim, segundo Freston: “o princípio básico da prosperidade na IURD, é a doação financeira entendida não como um ato de gratidão ou devoção a Deus, mas como investimento. Devemos dar a Deus para que Ele nos devolva em lucro”.<sup>189</sup>

Da perspectiva da Cruz do mistério de Cristo e da vida da Igreja e da humanidade, pouco ou nada se menciona; quando muito, para dizer que o Sangue de Cristo já “pagou” em abundância o débito que o pecador tinha para com Deus. Para alguns analistas como, por exemplo, Bettencourt, César, Corten, Mariano, Shall e outros, a IURD estaria explorando financeira e espiritualmente as camadas desfavorecidas da sociedade, que na angústia cotidiana buscam solução imediatista para os seus problemas e para sua própria sobrevivência, deixando-se atrair pela sua mensagem.

Outro público alvo da IURD é constituído pelos homens e mulheres de classe média e alta, os empresários, em suma: todos os favorecidos de fortuna. Aliás, nesse sentido, o

---

<sup>188</sup> VEJA, 06.12.1995 apud BONFATTI, Paulo. *A expressão popular do Sagrado uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 83.

<sup>189</sup> FRESTON, Paul. *Breve história do Pentecostalismo brasileiro*. In ANTONIA 221, Albert (org), *Nem anjos nem demônios; interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, apud VALLE, João Edênio dos Reis, *A Universal: Fenômeno Mercadológico x Fenômeno Religioso. Uma reflexão sócio-pastoral* in **Revista Eclesiástica Brasileira** – Fasc. 230, p. 356, Junho 1998.

“bispo” Macedo lhes professa sua opção preferencial e admiração nestes termos: “O senhor Colgate, o senhor Ford, o senhor Caterpillar homens que além de negócios e do acúmulo de riqueza se preocupam com a fidelidade aos seus, tendem a ser abençoados cada vez mais”.<sup>190</sup> Desse modo, o “bispo” estabelece uma relação entre fé e a vitória nos negócios. De fato, a máquina empresarial da IURD sabe como tocar o ponto sensível da busca religiosa presente nas classes favorecidas. Sua estratégia é incentivar o cristão a sempre confessar a vitória, nunca a derrota, pois segundo ele, a pobreza tem a ver com a falta de fé do indivíduo, estratégia de aproximação que permite a IURD ter “clientes” potenciais capazes de satisfazer suas ambições financeiras, uma vez que Edir Macedo tem o dinheiro em grande estima, conforme ele mesmo diz: “o dinheiro é uma ferramenta sagrada que Deus usa em sua obra”.<sup>191</sup> Percebe-se então, a importância fundamental do dinheiro na IURD, fato abordado no item seguinte.

### **3.6 A IURD e o Dinheiro, Ferramenta Sagrada em Favor do Próprio Crescimento**<sup>192</sup>

Eis o que diz o “bispo” Edir Macedo:

O dinheiro é uma ferramenta sagrada usada na Obra de Deus. Ele é o dono de todas as coisas, mas nós somos os sócios nos Seus empreendimentos. Dessa maneira, o dinheiro, que é humano, deve ser a nossa participação, enquanto que o poder espiritual e os milagres, que são divinos, são a participação de Deus.<sup>193</sup>

A IURD assume através do seu fundador que o dinheiro é fundamental para a Igreja.

Um editorial da “Folha Universal” (21.01.96) não podia ser mais claro ao afirmar com

---

<sup>190</sup> TALMA, Estanislau. *A imagem de Deus na IURD*. São Paulo: Itesp, 1996, p. 23 apud VALLE, João Edênio dos reis. *Op. cit.*, p. 355.

<sup>191</sup> Jornal da Tarde, 06.04.1991, p.14.

<sup>192</sup> Este título é baseado nas palavras supracitadas do próprio Edir Macedo.

<sup>193</sup> MACEDO, Edir. *Op. cit.*, p.54.

exagero que para a IURD “o dinheiro é o sangue da Igreja”.<sup>194</sup> Daí a insistência no pagamento do dízimo:

Para edificarmos prosperamente a nossa vida, temos de obedecer à Palavra de Deus. Se Deus nos manda dar o dízimo, façamos isso e esperemos a resposta.

A lei de dar para receber não é apenas uma lei física; é, também, uma lei espiritual. Até o próprio Deus não escapou dessa lei, quando deu o Seu próprio Filho para que pudesse receber as nossas vidas e o nosso louvor.<sup>195</sup>

Há diversas maneiras de estimular os fiéis à entrega de dinheiro. Exemplificando: são distribuídos envelopes aos crentes, aos quais é dado um prazo fixo para que os devolvam com um fio de cabelo para ser bento e com a contribuição monetária; são também motivo para arrecadar donativos os cultos considerados especiais que requerem unção com azeite, corrente de libertação, de prosperidade, de Gedeão e do amor.<sup>196</sup> Destaca-se, de maneira evidenciada, a importante incidência que o dinheiro tem na IURD, sempre presente em seus rituais. E essa incidência deve ser entendida a partir da sua “Teologia da Prosperidade”, a qual, como foi dito em parágrafos anteriores, constitui segundo Corten, uma caricatura de um novo estilo de capitalismo. Inserida assim, numa sociedade capitalista, a IURD não somente assimila a lógica capitalista, mas também é estruturada segundo o modelo empresarial. Uma organização administrada hierarquicamente, que espera aumentar sempre mais seu patrimônio, mantém uma divisão social do religioso e administrativo como foi visto acima, coloca no mercado serviços e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento, sustentando uma relação concorrencial com as outras “empresas de salvação”, atuantes no mercado religioso brasileiro.<sup>197</sup> Nesse sentido, a IURD se destaca sem dificuldade, com líderes competentes e

---

<sup>194</sup> Caio Fábio (entrevista citada) declarou, a propósito que “na prática, a IURD é mais forte que a Igreja Católica”.

<sup>195</sup> MACEDO, Edir. *Op. cit.*, p.54-55.

<sup>196</sup> BETTENCOURT, Estevão Tavares, O.S.B. *Crenças, religiões, igrejas e seitas: quem são?* Coletânea de artigos publicados na revista **O mensageiro de Santo Antonio**, sob título Igrejas e Igrejas, no período de 1989-1995.

<sup>197</sup> ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.70.

capazes em lidar com questões administrativas e financeiras, e domínio das técnicas de *marketing*.

São muitas as estratégias sutis postas em prática pelos pastores da IURD, a fim de arrecadar o dinheiro: anúncio durante os programas de rádio e televisão; o montante das despesas mensais da Igreja, com destaque para pagamento de luz, água, aluguéis, mais custos dos programas radiofônicos e remuneração dos dirigentes religiosos como pastores, missionários... Além das despesas mensais é comum solicitar aos fiéis contribuição financeira para fazer frente às despesas extraordinárias, tais como: edificação de templos ou outras despesas das cruzadas de evangelização, estado que de fato, justifica o interesse da IURD pelas classes sociais dos que ela considera favorecidos de fortuna, mas, sobretudo o grande interesse pelas numerosas camadas pobres que contribuem mais financeiramente e com muita facilidade e ingenuidade. Sabe-se que, hoje, o poder econômico da IURD assusta qualquer observador. Ela é considerada como um dos grupos econômicos mais vigorosos do Brasil, que de modo geral transporta seu dinheiro que vem, segundo ela, do dízimo, em jato, como revela a revista *Veja* (20/7/2005). Ainda, segundo o levantamento feito por esta mesma revista, a IURD fatura, anualmente, 3 bilhões de reais de dízimo e dividendos de suas empresas. O bispo Edir Macedo dizia: “Jesus não quer ninguém no inferno, nem pobre”. Certamente, é neste sentido que devemos compreender que o poder financeiro da IURD é conhecido como fonte de enriquecimento institucional e pessoal dos dirigentes e, às vezes, motivo de escândalos que a imprensa falada e escrita explora, como ultimamente se viu com a apreensão de mais de 20 milhões de reais, suposta doação de fiéis, que a Polícia Federal achou com os “bispos” João Batista e Carlos Rodrigues.<sup>198</sup> Mesmo com esses acidentes de percurso, devemos reconhecer que, ainda hoje, a IURD mantém intocada sua potência econômica que lhe permite, ao mesmo tempo, expandir-se a um ritmo alucinante e a ser no cenário religioso

---

<sup>198</sup> *Veja* 20.07.2005, p. 91-93.

brasileiro uma potência religiosa e a maior expoente do Neopentecostalismo no Brasil. Entretanto, mesmo se a IURD insiste em dizer que o dinheiro é um canal de comunicação, portanto quem segue a Deus de verdade deve estar com seu dízimo em dia, deve-se admitir que ela não se isenta de críticas ferrenhas que podem ser resumidas no que diz Cecília Mariz:

A crítica mais frequente e a mais contundente às Igrejas Pentecostais autônomas, especialmente à Universal do Reino de Deus, é que elas exploram financeiramente os pobres e que os pastores se enriquecem pedindo uma grande quantidade de dinheiro. De fato, é chocante ver tanta gente pobre, fraca, desdentada, mal vestida, dar tanto dinheiro para pastores jovens, bem vestidos, com saúde, de carro novo e com aparência de uma classe mais alta.<sup>199</sup>

De fato, os apelos financeiros da IURD, algumas vezes assustam e até mesmo afastam as pessoas inconformadas com a distância entre sua pobreza e a insistência de uma contribuição financeira. Mesmo assim, observamos que o poder econômico da IURD lhe permite explorar meios de comunicação de ponta que constituem sua estratégia por excelência em favor de sua expansão e consolidação.

### **3.6.1 A IURD e os meios de comunicação**

Sem dúvida, a capacidade da IURD de penetrar na sociedade e de se estabelecer ao longo do território brasileiro está ligada aos meios de comunicação que ela tão bem soube utilizar, principalmente o rádio e a televisão. Segundo um levantamento feito pela revista *Veja* (20/07/2005), a IURD teria como patrimônio em meios de comunicação:

- “Rede Record” – a terceira emissora de TV do país, com 63 retransmissoras, 21 das quais próprias;
- “Rede Mulher” – emissora de TV a cabo e satélite presente em 300 municípios;
- “Rede Aleluia” – 56 emissoras de rádio;

---

<sup>199</sup> MARIZ, Cecília. *El debate em torno Del pentecostalismo autônomos em Brasil*. In: *Sociedade y Religion* (13): 21-32.



- “Araçá Universal” – portal na internet;
- “Line Records” – gravadora evangélica cujos artistas já venderam 5 milhões de discos;
- “Editora Gráfica Universal” – com tiragem mensal de 1,5 milhão de exemplares;
- “Ediminas” – publica o hoje em dia um dos maiores jornais de Minas Gerais.

Como se observa, a IURD investe pesadamente nos meios de comunicação de massa, a fim de conquistar espaços no campo religioso brasileiro. Com isso, vem conseguindo indispor-se com grandes e tradicionais instituições brasileiras formadoras de opinião, como a Igreja Católica e a rede Globo. Assim, para o autor Oro, o uso intensivo dos meios de comunicação de massa pela IURD teria significados expressivos para ela. Entre eles, podemos citar o significado legitimador. Seria para IURD como reforçar e atingir o status e o prestígio social, fazendo sua propaganda e mostrando à sociedade que é, também, poderosa com as outras Igrejas tradicionais, em especial a Igreja Católica. Outro significado, o de dinamizador, tem por objetivo manter fiéis vinculados à IURD, evitando-lhes o desgosto de cair na rotina. Assim os discursos “inflamados”, “românticos” ou as dramatizações nas campanhas e correntes num clima de profunda e contagiante exaltação emocional fazem com que os fiéis sintam-se revigorados e dispostos a enfrentar o cotidiano. Há ainda, um outro significado, o do proselitismo. Nas emissões rádio-televisivas da IURD, sobressai o aspecto proselitista na forma de convites insistentes à participação em rituais, na divulgação de endereços dos templos e em forma de auto-propaganda, mostrando e relatando curas e exorcismos realizados pelos seus pastores. Há, também, os programas com suas vibrantes entrevistas-testemunho e emocionantes depoimentos de fiéis-convertidos, além das cenas chocantes, como um endemoniado se contorcendo, exorcismos e curas, provocando um profundo impacto psicológico nos ouvintes e telespectadores, o que é importante para atraí-los às Igrejas

Universais do Reino de Deus.<sup>200</sup> Para isso, os pastores da IURD são, de fato, muito hábeis em comunicação com o grande público. A esse respeito, diz o “bispo” Macedo, especialista que é em comunicação religiosa: “É lógico, para se comunicar bem, os pastores aprendem impostação, as particularidades da linguagem da TV e do rádio e todos são obrigados a fazer um bom curso (rodapé)”. Entretanto, a estratégia de comunicação da IURD, segundo Leonildo Campos, não segue a prática dos tele-evangelistas norte-americanos, a qual não provoca a reunião de seus telespectadores ou simpatizantes numa rede de templos. Para a IURD, o rádio e a televisão são apenas meios para atrair as pessoas a um de seus numerosos templos. Os exemplos a seguir ilustram bem esse tipo de interdependência entre mídia, templos e pastores:

A advogada Geny A. Gouveia, 37 anos, solteira, vítima de depressão e solidão, tornou-se simpatizante da IURD somente por ouvir um programa da Record, numa madrugada de insônia: ‘Nos primeiros dias, tive vontade de ligar para a produção e pedir a orientação das moças que atendiam o telefone. Até que um dia resolvi ir à Igreja Universal em Moema (...) cheguei na igreja mal vestida, descabelada, feito louca (...) lá conversei com o pastor e saí mudada (...) o Senhor Jesus restituiu-me a vontade de viver’.<sup>201</sup>

José Adalberto Silva diz que tocava atabaque num ‘Centro Espírita’ (sic). No meio de uma crise se embriagou e foi para a casa com o objetivo de praticar o suicídio. Foi então que ouviu no rádio uma oração de Edir Macedo, que o fez procurar um templo da IURD, localizado no bairro do Guarani, em Belo Horizonte e ali, diz ele, ‘comecei meu processo de libertação’.<sup>202</sup>

É dessa forma que a IURD colhe os frutos de um grande investimento na mídia explorando com conhecimento de causa – o grande interesse que o povo brasileiro tem pelos meios de comunicação de massa, sobretudo da TV e do rádio. Também como foi mencionado acima, a IURD tem um portal na internet, a fim de poder atingir o máximo de pessoas. Pode-se afirmar, como Leonildo Campos, que a IURD fez um casamento perfeito com os meios de comunicação que, hoje, são o pivô de todos procedimentos missionários, pois estamos vivendo numa grande civilização de oralidade e de imagem. E qualquer movimento religioso

---

<sup>200</sup> ORO, Ari Pedro. *Op. cit.*, p. 67-70.

<sup>201</sup> Folha Universal, 28.01.96.

<sup>202</sup> Folha Universal, 28.01.95.

que quer crescer tem a obrigação de se adaptar às exigências de tal civilização. É o que a IURD parece ter compreendido mais cedo, o que faz com se expanda, cresça e assuste. Mas a IURD não para por aí, ela está também no campo político.

### 3.6.2 A IURD e a esfera política

A IURD não mede esforços para expandir seu crescimento e defender seus interesses. Assim como as demais estratégias de inserção social de que se vale, participa da política. Numa perspectiva de *marketing* religioso-político, Edir Macedo e J. Cabral, teólogos da IURD, justificam a partir de bases teóricas o engajamento da IURD na esfera política, da seguinte forma:

A política é exercida por cidadãos, e estes compõem a Igreja. Não dá para separar. Perguntado se ele já pensou algum dia em ser presidente do Brasil, Macedo respondeu: ‘nunca’, [pois] o que desejamos é que os presidentes do Brasil e de outros países sejam pessoas verdadeiramente cristãs e comprometidas com a justiça social.<sup>203</sup>

Não existe neutralidade política. Todos os cidadãos estão diretamente envolvidos, quer queiram, quer não (...) por que a Igreja deveria se alienar do processo político, quando está em jogo o poder que vai governar o seu destino? (...) [Os Cristãos] têm a sua parcela de responsabilidade na construção de um país mais humano.<sup>204</sup>

Para alguns analistas, além de ter um projeto particular de fazer de maneira cristã a política, a participação da IURD, no campo político, é interessada. Segundo eles, o engajamento da IURD na vida política visa a duas coisas: conquista de poder e atendimento de seus interesses. Pois a IURD, de fato, alega que com representantes na esfera política, no caso de “perseguição” do qual se diz frequentemente vítima, estará preparada para se defender e lutar pela manutenção de suas concessões (emissoras de Rádio, TV e outros).<sup>205</sup> Assim, desde a eleição de 1982, ela lançou candidaturas próprias ou apoiou candidatos aliados de

---

<sup>203</sup> MACEDO, Edir. Folha Universal 5.11.95.

<sup>204</sup> CABRAL, J. Folha Universal 11.9.94 apud CAMPOS, Leonildo Silveira. *Op. cit.*, p. 276.

<sup>205</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

todos os naipes, içando bandeiras moralistas de censuras nos meios de comunicação e da oposição à legalização do aborto, à pornografia, à união civil de homossexuais, outros. Tudo isso em vista de agradar e convencer suas bases eleitorais, que no seu entender não deveria ser assim, pois segundo eles o pastor é homem exclusivo do sagrado e deve se dedicar só às coisas da Igreja. Mas os fiéis acabam por aceitar se for para “arranjar” a Igreja. Em busca de oportunidades que podem trazer benefício material para sua Igreja, os crentes da IURD, ao contrário dos da Assembleia de Deus, não criam dificuldades à aceitação de seus pastores para os cargos políticos, porque assim podem lutar pela sua Igreja.<sup>206</sup> Daí os líderes não necessitam dar maiores explicações para justificar sua participação no gozo político-partidário. Abertamente, os pastores e bispos pedem do alto dos púlpitos votos para seus candidatos. E pode-se notar que a disciplina dos pastores e a obediência de boa parcela dos fiéis contribuem ao sucesso político da IURD. Exemplificando: em 1986, a IURD fez de um de seus fundadores mais importantes, o “bispo” Roberto Augusto Lopes, deputado federal constituinte com 54.332 votos, somente nove anos após sua fundação. É bom lembrar que algum tempo depois do fato de ele ter abandonado a IURD, nas eleições de 1990, a IURD conseguiu três deputados federais e três estaduais. Em 1994, elegeu doze deputados, sendo seis federais e seis estaduais. Até este momento, nenhum deles esteve envolvido em quaisquer denúncias de irregularidades, correspondente ao período de Sarney e Collor.<sup>207</sup>

Nas eleições de 2000, a IURD aumentou o número de deputados na Câmara Federal e nas Assembleias Legislativas dos Estados. Segundo a “Folha de São Paulo”, seriam “pelo menos 22 parlamentares” eleitos de acordo com o deputado Bispo Rodrigues, principal coordenador da IURD – sendo 18 membros da Igreja e 4 apoiados por ela nos estados.<sup>208</sup>

---

<sup>206</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo, Brasil e América Latina*. Petrópolis: Vozes. Coleção Teologia e Libertação, 1995. p. 75.

<sup>207</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Op cit, p. 458-459.

<sup>208</sup> Folha de São Paulo, 10.01.2001.

Além disso, fato notável foi a eleição do primeiro senador da Igreja, “bispo” Marcelo Crivella, pelo PL do Rio de Janeiro, com 3.235.570 votos.

Ao contrário de tempos idos, alguns deputados da IURD estão envolvidos nas denúncias de irregularidades, referindo-se aos casos dos bispos João Batista e Rodrigues, que foram surpreendidos pela Polícia Federal, transportando ilegalmente altas quantias de dinheiro, supostas doações do povo da IURD. São dificuldades enfrentadas pela IURD. Observa-se, por enquanto, que o efeito da presença da IURD, na política, parece ser perceptível mais no campo religioso do que no campo político. Contudo, ela parece não se importar com isso, pois acaba de ser criado um partido ligado a ela.

Em resumo deste capítulo, pode-se afirmar como Leonildo Campos, João Edênio e outros, que a expansão e consolidação da IURD no cenário religioso brasileiro se deve, entre outros, às principais causas:

- Maior sintonia com as necessidades das camadas sociais empobrecidas e dos indivíduos “sofredores” sem muita perspectiva de ascensão social;
- Um estudo prévio de tipo intuitivo, de gestão moderna das necessidades e dos desejos do público “consumidor” religioso;
- Flexibilidade e agilidade na produção e distribuição de “produtos” adequados àquelas necessidades;
- Investimento de recursos financeiros para aquisição de emissoras de rádio, televisão e jornais, principais fontes produtoras de sentido numa sociedade em que predomina a cultura de massa;
- Capacidade de desenvolver estratégias de comunicação grupal e de *marketing* que fazem dos templos, rituais e bens simbólicos da IURD significantes facilmente captados pelos fiéis.

A IURD apresenta outras características que precisam ser levadas em consideração. Não obstante seus métodos manipulatórios, a IURD prima pelo bom acolhimento de seus fiéis. O visitante é recebido com simpatia e acompanhado de perto pelos obreiros. O pastor está sempre à disposição para o atendimento e a bênção. Em algumas comunidades da IURD há um clima fraterno e de apoio mútuo. Cada um se sente importante e motivado para participar. Dá-se, assim, muita atenção à afetividade e à subjetividade das pessoas, o que de certa forma, permite uma ruptura do anonimato típico dos grandes aglomerados urbanos, religiosos ou não.

No plano teológico, a IURD, ao dar importância ao Espírito Santo como força impulsionadora de seu crescimento como foi visto acima, relembra às demais Igrejas Cristãs a importância da Pneumatologia. Esta porém, como ainda sua Cristologia e Eclesiologia, revelam sérias falhas, como aponta Caliman.<sup>209</sup>

Na verdade, o zelo missionário que faz a força da IURD já era perceptível nos missionários católicos e protestantes, nas terras de missão. Talvez este espírito missionário da IURD possa ser um convite às Igrejas instituídas a revisitar os fundamentos do testemunho cristão, resumindo no simples anúncio do *querygma*, com um convite a aderir à mensagem, pois o zelo missionário é o fruto da plenitude do Espírito Santo no crente. Isso permite fazer, legitimamente, a pergunta crucial da missão e da evangelização nas Igrejas instituídas: a sufocação do zelo missionário não seria sinônimo de uma atrofia pela instituição do Sopro do Espírito Santo? Neste caso, a IURD interpela as Igrejas instituídas sobre uma necessária redinamização da missão, como também a necessidade e urgência de revisitar a Pneumatologia a fim de lhe dar um lugar central no apostolado,<sup>210</sup> além de outras estratégias

---

<sup>209</sup> CALIMAN, C. *O desafio pentecostal: aproximação teológica. Perspectiva teológica* nº 76, 1996, p. 295-310; apud VALLE, João Edênio dos Reis. Op. cit., p. 375.

<sup>210</sup> TCHONANG, Gabriel. *L'essor du pentecôtisme dans le monde: Une conception utilitariste du salut em Jésus-Christ*. Paris: Ed. Harmattan, 2009, p. 408.

adequadas a esta era de profunda mutação dos meios de comunicação, a fim de melhor divulgar a mensagem libertadora de Deus.

## CAPÍTULO IV

### NECESSIDADE DE REAFIRMAR A DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA DA MISSÃO DA IGREJA FRENTE AO DESAFIO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS - IURD

Como se sabe, hoje em todo Brasil, a expansão das Igrejas Pentecostais, sobretudo Neopentecostais, é uma realidade indiscutível. Entre elas, cita-se a IURD, ponta de lança do Neopentecostalismo brasileiro, cuja expansão no Brasil e, até mesmo, no exterior, surpreende os estudiosos que se esforçam para entender as causas de seu sucesso. Assim, como se viu anteriormente, a IURD deve seu crescimento a algumas de suas estratégias missionárias ou de *marketing*, que já foram analisadas, através das quais, consegue captar o máximo de fiéis, mesmo se o seu fundador atribui tal crescimento à ação do Espírito Santo. Com efeito, observa-se que a procedência da expressiva presença dos novos “crentes” nessas igrejas, em especial na IURD, é católica. A Igreja Católica vem se preocupando, hoje em dia, com o pluralismo religioso diante do qual, aliás, se sente perplexa e inquieta. Verifica-se que do fundo dessa preocupação e relação ao crescimento das Igrejas concorrentes ou das seitas<sup>211</sup>, surgem alguns discursos explicativos que vêm do Episcopado e de alguns setores eclesiásticos. Segundo eles, o sucesso das “seitas” é devido, em grande parte, ao pluralismo religioso, o qual seria consequência da política externa norte-americana, tendente a frear a

---

<sup>211</sup> De fato, “Movimento fundamentalista”, “Grupo Religioso autônomo” e, especialmente, “Seita” são termos recorrentes nos documentos e nos pronunciamentos dos membros do clero e do episcopado quando se referem às Igrejas Evangélicas (Pentecostais ou Neopentecostais). Mas com o tempo, em 1984, num relatório enviado ao Vaticano, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, evitou usar o termo Seita por considerá-lo pejorativo, ofensivo e prejudicial ao movimento ecumênico. Cf. ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 92, e MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 13.



pastoral cristã no seio das massas empobrecidas; ao pluralismo religioso associado à influência de grupos multinacionais; ao sistema social excludente que vigora no Brasil; ao pluralismo cultural dos tempos modernos; ao processo migratório e acelerada urbanização; à secularização e ao estilo proselitista.<sup>212</sup> Também Dom Lucas Moreira Neves, após sua eleição (maio 1995) como presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, numa de suas primeiras declarações, afirmou que lhe inquieta a expansão das seitas fundamentalistas, tipo IURD, que considera a mais nociva, pois segundo ele, “utiliza a exploração da mensagem religiosa para obter benefícios financeiros”.<sup>213</sup> Mas depois, questionando seus próprios procedimentos missionários e descobrindo suas “fraquezas”, a Igreja Católica, através de sua hierarquia, chegou à conclusão de que é preciso agir e com urgência, antes que seja tarde demais, nem que seja copiando as estratégias da concorrência,<sup>214</sup> a fim de frear a deserção dos fiéis e, se possível, reconquistar o terreno e fazer retornar as “ovelhas desgarradas”. Nesse sentido, as explicações simplistas e preconceituosas sobre o crescimento das Igrejas Evangélicas, sejam elas Pentecostais ou Neopentecostais, à procura de bodes expiatórios e teses conspiratórias, deveriam ceder lugar à ação. Isto, com firmeza, Dom Sinésio Bohn, bispo de Santa Cruz do Sul – RS, deixou bem claro ao afirmar:

Não adianta simplesmente dizer que algumas ‘seitas’ são puro charlatanismo, que só aparecem onde tem igreja progressista e que é imperialismo americano. Temos mesmo é que revisar o trabalho da Igreja Católica (...) elas fizeram a Igreja se mexer. Há trinta anos que deveríamos ter reagido.<sup>215</sup>

---

<sup>212</sup> Cf. PIERUCCI, Antonio Flávio. *Secularização e declínio do Catolicismo* in: SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luiz Mauro Sá (orgs). *Sociologia da Religião e mudança social: Católicos, Protestantes e movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 13-21. ROLIM, Francisco C. *Pluralismo Religioso no Brasil* in: Estudos da CNBB (62) *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil (1)*, São Paulo: Paulinas, 1991, p. 26-27. ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 13-14.

<sup>213</sup> Jornal do Brasil, 17.10.1995 p.4.

<sup>214</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p.13-14.

<sup>215</sup> Veja, 16.05.1990.

Esse apelo foi reforçado pelo Papa João Paulo II quando esteve no Brasil em 1991. Com efeito, atento à diminuição dos fiéis e ao crescimento das Igrejas concorrentes, o Papa cobrou, em Natal, durante o Congresso Eucarístico Nacional, para cerca de 300 bispos reunidos, “uma ação mais eficaz contra a ignorância religiosa e carência de doutrina que deixam o povo vulnerável à sedução das outras seitas”.<sup>216</sup> E, mais ainda, pelo atual Papa Bento XVI, que indo a Benin na África, no dia 18 de novembro de 2011, se dizia também preocupado com o auge das Igrejas Evangélicas, sobretudo na América Latina e na África, além de afirmar que, frente a esse desafio, a Igreja precisa oferecer uma mensagem simples, profunda e compreensiva.

Na América Latina, como também na teologia latino-americana, não se desenvolveu uma pneumatologia tal como foi feito com a cristologia e eclesiologia, mesmo vivendo-se uma teologia do Espírito, que foi formulada inicialmente em Medellín:

A América Latina está devidamente sob o signo da transformação e do desenvolvimento (...) Percebemos aqui o pré-anúncio de uma nova civilização. Não podemos deixar de interpretar esse esforço gigantesco por uma rápida transformação e desenvolvimento como um evidente signo do Espírito que conduz a história dos homens e dos povos para a sua vocação.<sup>217</sup>

Por sinal, percebe-se que o Espírito Santo sempre foi protagonista da missão da Igreja.<sup>218</sup> Em outras palavras, a missão da Igreja é ação do Espírito Santo no meio das revoluções como resposta de Deus às aspirações da humanidade. É por isso que a missão da Igreja como povo messiânico ao serviço do Reino de Deus só se compreende e se entende na presença e na força do Espírito Santo. Entendendo, assim, a missão da Igreja poder-se-á chegar a um equilíbrio entre a cristologia e a pneumatologia, melhor dizendo: uma missão cristo-pneumatológica da Igreja.

---

<sup>216</sup> Veja, 23.10.1991.

<sup>217</sup> Documentos da Igreja, Documentos do CELAM, Rio – Medellín – Puebla – Santo Domingo. Edição Paulus, 2004. parágrafo 4, p. 74-75.

<sup>218</sup> Esta expressão foi utilizada por João Paulo II na sua Encíclica Redemptoris Missio, capítulo 3 p.21-23.

#### 4.1 O Espírito Santo Vivifica a Igreja na sua Missão no Mundo

O Novo Testamento revela duas missões: a missão do Verbo e a missão do Espírito Santo. Toda a economia da Salvação procede dessas duas missões. Nesse sentido, texto da Bíblia usa as mesmas palavras e destaca o mesmo tema da missão em ambos os casos. Numerosos são os textos que proclamam a missão do Filho. A respeito de tal afirmativa, deve ser lembrada, apenas, a declaração tão solene da Epístola aos Gálatas “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei” (Gl 4, 4), bem como outros textos, em Jo 3, 17; 4, 34; 5, 23-24; 6, 38-39. Usando as mesmas palavras, Jesus anuncia a missão do Espírito Santo: as suas últimas palavras antes da ascensão foram estas, de acordo com São Lucas: “Eis que eu enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu. Por isso, permaneço na cidade até serdes revestidos da força do Alto” (Lc 24, 49). Da mesma maneira, disse Jesus no último discurso, após a Ceia: “Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse” (Jo 14, 26); “enviá-lo-ei a vós” (Jo 16, 17). Essas duas missões constituem os dois princípios da Salvação, ou como diziam os antigos, as duas mãos de Deus Pai. Todo o resto decorre delas.<sup>219</sup>

Observa-se que o Filho, gerado pelo Pai, foi-nos enviado de um modo visível, por meio da Encarnação. E esta foi a única missão visível da Segunda Pessoa Divina. O Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, foi-nos enviado visivelmente no dia de Pentecostes. E essa foi a grande missão visível da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Nem antes houve, nem depois dessas duas missões visíveis haverá outra qualquer missão visível, seja do Filho, seja do Espírito Santo. Mas as missões visíveis do Verbo Divino e do Espírito Santo acompanharam e acompanharão sempre o desenvolvimento da Igreja, desde a sombria noite

---

<sup>219</sup> COMBLIN, José. *A missão do Espírito Santo*. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Fasc. 138 junho 1975, p. 288.

do pecado até o final do mundo. A missão deles, agora constituirá em reavivar, oportunamente, o fogo do amor divino, tão copiosamente derramado no interior da Igreja, por meio da Encarnação e da vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes.<sup>220</sup>

No dia de Pentecostes, o Espírito Santo se apoderou da Igreja para lhe comunicar toda a vitalidade divina, que a faz una e santa na vitalidade das pessoas e que a conduzirá, triunfalmente, ao encontro de Jesus Cristo, quando regressar em plena Glória para julgar a todos, no fim do mundo.<sup>221</sup>

O Espírito Santo enriquece e vivifica a Igreja, a qual é como diz Santo Agostinho, a sua alma extrínseca e incriada, fonte suprema e responsável pela santidade que existe em todas as atividades e comportamentos da Igreja. A sua sagrada missão é fazer com que com ela se assemelhe cada vez mais a Cristo, isto é, o Corpo à Cabeça. E a graça vital que ela injeta, constantemente, nas suas veias é a própria graça comunicável de Cristo. Como princípio supremo e responsável pela santidade da Igreja, o Espírito Santo poderá ser chamado de sua personalidade extrínseca e incriada.<sup>222</sup>

Segundo Santo Tomás de Aquino, pela singularidade da função atribuída ao Espírito, em geral, ele é designado, por apropriação, como a alma da Igreja que ele anima e guia pela sua Graça. Para guardar a homogeneidade da metáfora do Corpo e para insistir sobre o Espírito como amor e fonte de amor, ele recebe o nome de Coração da Igreja.<sup>223</sup>

Observa-se, também, no símbolo dos Apóstolos, organizado com a lógica das seguintes palavras de Jesus Cristo: “Jesus aproximando-se deles, falou: ‘Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’” (Mt 28, 18-19), que o Pai está localizado, por assim dizer, na Criação, o Filho na Encarnação e o Espírito Santo na Igreja.

---

<sup>220</sup> JOURNET, Charles. *Deus Espírito Santo*. Aparecida: Edições Santuário, 1998, p. 57.

<sup>221</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>222</sup> *Ibid.*, p. 59.

<sup>223</sup> *Ibid.*, p. 60.

Conhecemos, certamente, a máxima de Santo Irineu: “Onde estiver a Igreja, lá estará também o Espírito de Deus, e onde estiver o Espírito de Deus, lá estará a Igreja e toda a vida de Igreja”. Complementando, vem a máxima de seu discípulo, Santo Hipólito, a fim de que os fiéis fossem com alegria à Igreja: “Não hesitemos, caminhemos todos depressa para a Igreja, pois é nela que o Espírito floresce sem cessar”. Explicitando melhor, o final do símbolo dos Apóstolos, tal como o Padre Nautin julga, deveria reconstituir-se deste modo: “Creio no Espírito Santo (o qual reside) na Santa Igreja Católica (que é) comunhão dos Santos para remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna”.<sup>224</sup>

O tempo da Igreja, que caminha através dos séculos até a Parusia do Senhor, é o tempo do Espírito Santo. Com efeito, pelo Espírito Santo o Cristo glorificado reúne, purifica, vivifica e introduz toda a verdade ao povo escatológico de Deus, apesar das fraquezas e dos pecados deste povo. O Espírito Santo constituiu-se, assim, em primícias (Rm 8, 23) e penhor da Igreja (2Cor 1, 22; 5, 5) neste mundo. Em consequência, a Igreja é chamada morada de Deus no Espírito (Ef 2, 22). Nesse sentido, pode-se dizer que o Espírito Santo não é dado somente aos pastores, mas, impreterivelmente, a todos os cristãos: “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” disse São Paulo aos Coríntios (1Cor 3, 16). Todos os cristãos recebem o Espírito Santo no Batismo, Sacramento de Fé. Todos os cristãos são pedras vivas chamadas a servir na construção de um edifício espiritual (1Pd 2, 5). É por isso que a Igreja toda é essencialmente uma realidade verdadeiramente espiritual, edifício que tem por fundação não somente os Apóstolos, mas, segundo Ef 2, 20, também os profetas.

O Espírito Santo se manifesta na Igreja pela na plenitude de seus dons espirituais chamados, nas Escrituras, Dons do Espírito (1Cor 12, 1; 14, 1) ou Carismas (Rm 12, 6; 1Cor 12, 4.9.28.30; etc.).<sup>225</sup>

---

<sup>224</sup> Ibid., p. 60.

<sup>225</sup> Ibid., p. 62.

Com efeito, segundo a Igreja do Oriente, não há uma teologia da Igreja que não seja pneumatológica, isto é, a Igreja é o mistério da efusão do Espírito nos últimos tempos (At 2, 17). O tempo da Igreja, na história da Salvação, é chamado pelos Padres: A Economia do Espírito. No Ocidente, a teologia da Igreja se desenvolveu, sobretudo em relação ao Cristo, sob um modo jurídico. No Oriente, ao contrário, foi em relação ao Espírito Santo, sob um modo místico. Embora sendo dois aspectos complementares que devem ser unidos, seria importante privilegiar particularmente, de novo, a riqueza da Tradição da Igreja, quer por razão ecumênica, quer por razão pastoral. Essa Tradição mais completa parece expressar mais profundamente a realidade missionária, histórica, comunitária, sacramental e escatológica do povo de Deus no tempo da Igreja. Assim, a expectativa do mundo de hoje, que muitas vezes considera a Igreja como uma grande sociedade organizada e que tem sede do Espírito de Deus, não será decepcionada.<sup>226</sup> Atribui-se, pois, ao Espírito Santo a força que impulsiona a Igreja ao testemunho profético e universal (At 1, 8; 2, 4).

Partindo desse ponto de vista, pode-se dizer que:

A Igreja não inaugurou a era do Espírito, mas se insere dentro dela. O centro do tempo é Jesus Cristo Ressuscitado, constituinte do novo e derradeiro tempo sem tempo, porque é a situação da criação antecipada, já reconciliada com Deus. O modo concreto como o Ressuscitado atua agora dentro da história é sob a forma do Espírito, e o Espírito concede um caráter típico ao tempo da Igreja.<sup>227</sup> Assim, a Igreja se encontra dentro da era do Espírito Santo constituindo a era da volta ao Pai pelo Filho, projetando-se como sacramento da unidade cósmica, conforme acenou *Lumen Gentium* (n.1,1). Assim sendo, viver a era do Espírito Santo como o tempo forte dentro do tempo-templo do mesmo Espírito é viver na perspectiva do futuro.<sup>228</sup>

Aqui, atribui-se ao Espírito uma missão histórica salvífica do futuro, pois a qualidade de vida das comunidades eclesiais, na dependência que tem do Espírito Santo, é avaliada pelo fruto do próprio Espírito, que “é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade,

---

<sup>226</sup> BISHWENDE, Augustin Ramazani. *Pour une ecclésiologie trinitaire dans la postmodernité et la mondialisation*. Tome II De la déconstruction à la réception de Vatican II. Paris: L'Harmattan, 2008 p. 129.

<sup>227</sup> SILVA, Maria Freire da Silva, *Trindade criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 101.

<sup>228</sup> *Ibid.*, p. 101-102.

fidelidade, mansidão, justiça, autodomínio. Contra essas coisas não existe lei.” (Gl 5, 22).

Dons e fruto do Espírito são (e precisam estar) articulados a favor do Reino de Deus.

## **4.2 Missão da Igreja ao serviço do Reino de Deus como ação do Espírito Santo**

Como a missão de Jesus, a missão da Igreja é obra de Deus, ou usando a expressão frequente em São Lucas, é obra do Espírito Santo. Com efeito, o tempo da Igreja que caminha através dos séculos até a parusia do Senhor é o tempo do Espírito Santo. Assim o indica o Vaticano II:

O mistério da Santa Igreja manifesta-se na fundação da mesma. Com efeito, o Senhor Jesus deu início à sua Igreja pregando a Boa Nova, isto é, a vinda do Reino de Deus, prometido havia séculos nas Escrituras: “cumpriu-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1, 15; cf. Mt 4, 17).<sup>229</sup>

Consumada a obra que o Pai confiará ao Filho, para que Ele a realizasse na terra (Jo 17, 4), no dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja, e assim dá aos crentes acesso ao Pai por Cristo num só Espírito (Ef 2, 18).<sup>230</sup>

Assim como fora enviado pelo Pai, assim também o Filho enviou os apóstolos” (Jo 20, 21) “dizendo ide, portanto, e fazer com que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito, e ensinado-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28, 18-20) Este mandamento solene de Cristo, de anunciar a verdade da Salvação a Igreja já recebeu-o dos apóstolos para lhe dar cumprimento até os confins da terra (cf. At 1, 8). Por isso faz suas as palavras do apóstolo: “Ai de mim se não evangelizar.” (1Cor 9, 16)(...) o Espírito Santo impele-a a cooperar na realização do propósito de Deus, que estabeleceu como princípio de Salvação para o mundo inteiro.<sup>231</sup>

Evidentemente, trata-se de uma presença permanente, portanto coextensiva<sup>232</sup> a toda a história da Igreja, pois, o Espírito Santo atua, permanentemente, na santificação da Igreja desde Pentecostes, o que mostra que a ação do Espírito Santo é sempre constante e contínua

---

<sup>229</sup> Lumen Gentium In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, parágrafos 5, p. 104-105.

<sup>230</sup> Ibid., parágrafo 4, p. 104.

<sup>231</sup> Ibid., parágrafo 17, p. 124-125.

<sup>232</sup> REVEL, Jean-Philippe. *Traité des sacrements. II. La confirmation, Plénitude du don baptismal de l'Esprit*. Paris: Ed. Cerf, 2006, p. 625.

dentro da Igreja. Há, portanto, uma relação direta e expressa entre a pneumatologia e a missão da Igreja, em especial a noção de que a compreensão e a renovação da Igreja dependem do Espírito.<sup>233</sup> O Espírito Santo é a força que lança a Igreja nascente “até os confins da terra” (At 1, 8).

O sinal que indica se a Igreja está verdadeiramente aberta ao Espírito do Senhor Ressuscitado, presente em seu meio, é sua disposição em engajar-se na criação daquela comunidade escatológica, na qual já não haverá divisões. Aqui, o objetivo último da intencionalidade divina para a criação chegará a sua plenitude: união e comunhão com Deus Trino e de uns com os outros no banquete eterno: “eles serão o seu povo e Ele, o Deus-com- eles, será o seu Deus” (Ap 21, 3). Agora, a verdadeira missão da Igreja está claramente revelada. O poder do Espírito que agia em Jesus quando Ele andou por esta terra e por cujo intermédio ele o tornou reino presente em palavra e ações, é agora conferido à Igreja, que deve continuar fazendo o que Jesus fazia: colocar todas as pessoas em contato com o Reino.<sup>234</sup> À luz do Espírito, a Igreja passa a notar que a criação é algo de único. É a posse do Espírito Santo que a conduz à solidariedade com o todo da criação, tanto em seu destino como em sua esperança.<sup>235</sup> Assim, recuperam-se os “sinais dos tempos”, que também o Documento de Aparecida recordou com força:

---

<sup>233</sup> RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Teologia em curso, temas da fé cristã em foco*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 130.

<sup>234</sup> FUELLENBACH, John. *Igreja comunidade para o reino*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 100.

<sup>235</sup> *Ibid.*, p. 100.



Os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas. Como discípulos de Jesus, sentimo-nos desafiados a discernir os ‘sinais dos tempos’, à luz do Espírito Santo, para nos colocar ao serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio “para que todos tenham vida, e para que a tenham em plenitude” (Jo 10, 10).<sup>236</sup>

De fato, em Aparecida, viveu-se uma profunda experiência do Espírito, que animou os participantes a escutar os clamores dos povos do continente e impeliu os bispos a proclamar uma nova tarefa para a Igreja: transformá-la numa Igreja missionária sob o fogo do Espírito.<sup>237</sup> Não existe, pois, uma Igreja anterior e exterior à ação do Espírito. A missão da Igreja tem sua raiz na ordem e mandato de Jesus, mas logo se transforma plena no Pentecostes.<sup>238</sup>

Vale mencionar que seria um erro representar Pentecostes como um evento pontual, datado ou, então, historicamente passado, tais como o nascimento de Jesus em Belém ou sua morte no Gólgota. Trata-se de uma realidade durável, sem cessar renovada, coextensiva a toda a história da Igreja, desde seu nascimento ao lado de Cristo até sua entrada no Reino.<sup>239</sup>

É isso que mostra já, claramente, o episódio designado como o “pequeno Pentecostes”: depois do comparecimento de Pedro e João diante do Sinédrio, toda a comunidade estava em oração e “tendo eles assim orado, tremeu o lugar onde se achavam reunidos. E todos ficaram repletos do Espírito Santo, continuando a anunciar com intrepidez a palavra de Deus” (At 4, 31). Em relação ao “grande” Pentecostes não há um complemento ou uma reedição, mas uma continuidade, uma renovação da permanência do dom do Espírito. Aliás, este “pequeno Pentecostes” não é também um fenômeno isolado, pois a primeira expansão da Igreja é assinalada pelo que poderia chamar-se uma série de “Pentecostes”:

---

<sup>236</sup> Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007, n. 33, p. 27.

<sup>237</sup> TRIGO, Pedro. *A missão como ação do Espírito na Igreja e na sociedade*. In: BRIGHENTI, Agenor e HERMANO, Rosario (org.). *A missão em debate. Provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, p.183.

<sup>238</sup> *Ibid.*, p. 183.

<sup>239</sup> REVEL, Jean-Philippe. *Op. cit.*, p. 623.

- O “Pentecostes” dos primeiros pagãos convertidos: Cornélio e seus companheiros (At 10, 44-46);
- O “Pentecostes” dos joanitas de Éfeso (At 19, 1-6);
- O “Pentecostes” dos samaritanos (At 8, 14-17).

Não se deve limitar o olhar a esses momentos importantes. O relato dos Atos não deixa de nos mostrar o Espírito em obra na comunidade cristã, especialmente nos apóstolos e alguns eminentes discípulos. Em relação a estes se fala, frequentemente como um refrão, a expressão “cheio do Espírito Santo”.<sup>240</sup> É por isso que, quando se fala de um novo Pentecostes da Igreja, não se quer dizer que, antigamente, o Espírito estava ausente, mas é louvar, através dos sinais particulares e visíveis, a presença perpétua e sempre nova do Espírito Santo. E São Paulo, com extrema sabedoria, resumiu o que se tentou dizer quando escreve aos Coríntios:<sup>241</sup>

Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo(...) Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para utilidade de todos. A um, o Espírito dá mensagem de sabedoria, a outro dá palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé(...) mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons conforme lhe apraz (1Cor 12, 4-11).

Como se vê, não há missão evangelizadora sem o Espírito Santo, pois o Espírito Santo é o mesmo de Jesus que nos vincula a sua obra.<sup>242</sup> Tais afirmações que acabam de ser ditas da Igreja devem ser entendidas igualmente para cada um de seus membros, isto é, cada cristão, o que indica que deve haver um novo jeito de ser cristão encorajado pela Igreja.

---

<sup>240</sup> Ibid., p. 624.

<sup>241</sup> Ibid., p. 625.

<sup>242</sup> TRIGO, Pedro. Op. cit., p. 183.

### 4.3 Permanência do Dom do Espírito Santo em Cada Cristão e Valorização do Apostolado dos Leigos

O Vaticano II expressou o papel central dos leigos na Igreja, sobretudo em relação à vocação missionária da Igreja, afirmando que: “o apostolado dos leigos é participação na própria missão salvífica da Igreja. A este apostolado, todos são destinados pelo próprio Senhor através do batismo e da confirmação”. Acrescenta que os leigos têm o “preclaro ônus de trabalhar para o plano divino de salvação, atinja sempre mais a todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares da Terra”.<sup>243</sup> O mesmo Concílio Vaticano II incentiva a todos os membros da Igreja “a colaborar na obra do evangelho, cada um conforme sua oportunidade, faculdade, carisma e função”.<sup>244</sup> Inclusive, afirma categoricamente: “A Igreja não se acha deveras consolidada, não vive plenamente, não é um perfeito sinal de Cristo entre os homens, se aí não existe um laicato de verdadeira expressão que trabalhe com a hierarquia”.<sup>245</sup> É importante lembrar sempre que o Vaticano II produziu o decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o “apostolado dos leigos”, um documento que descreve, enfaticamente, no seu parágrafo terceiro, a importância dos leigos em termos de missão, o *direito* e o *dever* de apostolado que eles têm, da seguinte forma: “o dever e o direito do apostolado dos leigos deriva da união destes com Cristo cabeça. Com efeito, inseridos no corpo místico de Cristo pelo batismo, e robustecidos pela virtude do Espírito Santo na confirmação, os leigos são deputados pelo próprio Senhor para o apostolado”.<sup>246</sup> Nesse sentido é que se insere o Projeto Nacional de Evangelização “Queremos ver Jesus, caminho, verdade e vida” – da CNBB, que incentiva os cristãos a lançar as redes nas águas mais profundas. Assim, encontram-se muitos cristãos nos movimentos eclesiais, nos diversos

---

<sup>243</sup> Vaticano II. LG 33.

<sup>244</sup> Ibidem, AG 28 Cf. LG 12.

<sup>245</sup> Ibidem, AG 21.

<sup>246</sup> Vaticano II, *Decreto Apostolicam Actuositatem*, fundamentos do apostolado dos leigos, parágrafo nº 3, p.372.

grupos de pastoral, dedicando-se à vida missionária, dando de maneira corajosa testemunho evangélico ao mundo, como afirma a CNBB:

Em nosso país, muitas vezes de forma humilde e escondida, outras vezes através de uma atuação pública e destemida, muitos leigos e leigas lutaram e lutam pela justiça e a paz, dando corajosamente testemunho evangélico e contribuindo para o serviço do mundo, cuja responsabilidade cabe a todo povo de Deus. Ao mesmo tempo, leigos e leigas contribuem para a edificação da comunidade eclesial, à qual prestam muitos serviços, ou ministérios com generosidade e competência. Dessa forma, a missão evangelizadora da Igreja é realizada por todo o povo de Deus, com sua variedade de vocações e ministérios – ministros ordenados, consagrados e consagradas, leigos e leigas – que se harmonizam sem confundir-se, na realização da tarefa comum.<sup>247</sup>

É sempre gratificante ver, ainda, pessoas reunidas em grupos nos bairros, evangelizando, como, por exemplo, os legionários de Maria que vão de casa em casa em grupos de 2 a 3 pessoas visitar as famílias, seja para rezar o terço, seja para meditar um trecho da Boa Nova. Há, também, grupos que vão visitar os doentes, levando a Comunhão e meditando a Palavra de Deus com o doente. A lista das atividades missionárias dos leigos na Igreja do Brasil é longa e rica, edificante para as outras Igrejas no mundo, particularmente para as Igrejas da África. Nós temos um exemplo notável de ministério laico que é o fenômeno das “pequenas” comunidades cristãs ou Comunidades Eclesiais de Base, que estão hoje se espalhando pelo mundo inteiro. Esse movimento assume formas múltiplas: Igrejas Independentes Africanas, no Ocidente, grupos de Igreja doméstica e reuniões clandestinas em países onde o cristianismo está proscrito.<sup>248</sup> Mas não é sempre que o engajamento missionário dos leigos é reconhecido e valorizado, apesar do incentivo dado pelo Vaticano II. Algumas vezes, a participação dos leigos na tomada de decisões referentes à vida da Igreja, seja diocesana ou paroquial, é dificultada;<sup>249</sup> ou quando o contrário acontece, não tem peso. Esse fato provoca, algumas vezes, fortes tensões entre “o topo e a base”. Mesmo assim, é bom

---

<sup>247</sup> CNBB – Documento nº 62, p. 47.

<sup>248</sup> BOFF, Leonardo. *Ecclesiology: The Base Communities Reinvent the Church*. Maryknoll, New York: Orbis, p. 1,4.

<sup>249</sup> BOFF, Leonardo. Op. cit. p. 35.

reconhecer que está em andamento uma mudança, pois se observa que, hoje, os leigos em alguns setores pastorais, não são e não querem mais ser escoteiros. De fato, eles não estão mais dispostos a simplesmente “acompanhar” os que são os portadores de “ofícios especiais” (bispos e padres) na missão da Igreja neste mundo; pelo contrário, agora são eles que precisam acompanhar os leigos, o povo de Deus.<sup>250</sup> Com efeito, o Espírito foi dado a todo povo de Deus, de modo que não há indivíduos selecionados. “Os clérigos”, observa Moltmann, provêm da comunidade, orientam-na, e agem em nome de Cristo.<sup>251</sup> É a comunidade que é de fato portador primordial da missão. Assim, a missão procede da comunidade reunida em torno da Palavra e dos Sacramentos e é enviada ao Mundo. Ela é Igreja, família dos filhos de Deus, e missionária por natureza.<sup>252</sup> A missão então, não procede, primordialmente, do Papa nem de uma Ordem Missionária. Por isso, o papel da liderança ordenada na Igreja não pode ser o fato que tudo determina, pois ela é apenas uma parte da vida inteira da comunidade.<sup>253</sup> Eis, portanto, o modelo vertical, segundo o qual tudo parte do Papa, passando pelos bispos e sacerdotes, até chegar ao fiel, modelo que tem, também, seus paralelos na IURD, onde a estrutura organizacional é centralizada nas mãos da liderança, como foi visto anteriormente, liderança que deveria ser substituída por um modelo em que todos estivessem envolvidos de modo direto.<sup>254</sup> Nesse sentido, não é demais valorizar e encorajar o apostolado dos leigos que participam do sacerdócio comum, portanto são eles protagonistas da missão da Igreja. Assim, o sacerdócio ministerial ordenado deve possibilitar, ao invés de remover, o sacerdócio da Igreja inteira. Na verdade, os clérigos nasceram da

---

<sup>250</sup> HOEKENDIJK, JC. 1967 a. *Kirche und Volk in der deutschen Missionswissenschaft*. München: Chr. Kaiser, p. 350.

<sup>251</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *The church in the power of the Spirit: A contribution to messianic Ecclesiology*. London: SCN. 2ª ed. 1977, p. 303.

<sup>252</sup> Na eclesiologia emergente, a Igreja é vista como essencialmente missionária. É um modelo bíblico que está por trás dessa convicção e que tem sua expressão clássica em AG 2 (a Igreja peregrina é missionária por sua natureza), é aquele que encontramos 1Pedro 2, 9. Aqui, a Igreja não é a remetente mais remitida. Cf. BOSCH, David. Op. cit. p. 446.

<sup>253</sup> BURROW, William R. *new Ministries: the global Context*. Marykroll, New York: Orbis 2ed. 1981 p. 62.

<sup>254</sup> BOFF, Leonardo. Op. cit. P. 30-33.

comunidade que é a Igreja, fazem parte dela e são dependentes dela. Por conseguinte, eles também são Igreja enviada ao mundo. Para concretizar esta visão, precisamos de uma eclesiologia mais orgânica, menos sacra, do povo de Deus onde cada um segundo sua capacidade, seu dom, se sinta útil, importante e valorizado por todos como colaboradores da obra salvífica de Deus.

Sabe-se que hoje, também, vive-se num mundo secularizado, individualista, materialista, onde muitas pessoas fazem a experiência da solidão e do anonimato. Nesse contexto, é preciso, sem esquecer o trabalho com a massa, dar atenção à missão de “corpo a corpo”, pois uma atenção particular às pessoas pode ser a chave para abrir seu coração e despertar-lhe a esperança. Nada substitui um contato caloroso pessoal feito com emoção. As pessoas, em nossos dias, procuram bom atendimento, querem se sentir importante e úteis. Quanto mais se agiliza e se facilita o acolhimento das pessoas, mais se percebe nelas sua satisfação e alegria. Também é preciso investir no anúncio aos pequenos grupos, levar a família a tornar-se Igreja doméstica, não isolada do mundo, ensinando a pessoa a levar a Boa Nova aos outros como testemunha do Evangelho. Segundo as “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil”, da CNBB:

Esse processo exige um aprendizado constante a fim de se descobrir em cada situação a pessoa humana ‘como primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento de sua missão’. Para tanto não são suficientes as técnicas de aproximação ao destinatário do Evangelho. É preciso, acima de tudo, uma atitude de espírito, evangelicamente respaldada pela experiência de fé pessoal, no seguimento de Jesus Cristo, e uma abertura aos outros, pela qual o evangelizador se coloca como servidor de Deus, servindo aos outros, em especial, aos mais necessitados.<sup>255</sup>

Dessa maneira, todos se encontrarão num processo constante de busca e de descoberta de Deus. Por outro lado, é preciso fazer das celebrações litúrgicas um espaço no qual o povo possa se expressar de modo direto e espontâneo, como o fazia em outros

---

<sup>255</sup> CNBB – Documento nº 61, p. 44 parágrafo 87.

momentos de sua história religiosa: através das rezas, romarias, procissões e rituais coletivos familiares e locais, usando abundantemente, recursos de música e de símbolos. Deve-se, por isso, saber acolher com atenção e discernimento a religiosidade popular, pois sabe-se que um dos traços característicos da pessoa e, muito especialmente, do povo brasileiro é o sentido profundo da festa. É necessário, portanto, celebrar com o povo, não diante dele. É uma forma básica e simples de expressar a fé na bondade essencial, na vida e anseios de felicidade. Isso não pode ser esquecido no momento em que se celebra a fé num Deus que tudo fez bem, e que conduz à ressurreição e à vida,<sup>256</sup> lembrando que o mistério de Cristo, a celebração da Igreja, a vida dos povos e das pessoas hão de poder encontrar-se e expressar-se de forma harmônica nas celebrações.<sup>257</sup>

Verifica-se, também, que as celebrações litúrgicas são fontes de vida, expressões celebrativas de *Communio Ecclesia*, de encontro com os irmãos, onde todos encontram elementos de toda vida espiritual.<sup>258</sup>

É bom lembrar, também, que a Igreja Missionária, por sua vocação batismal, é chamada a “levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo e transformá-las a partir de dentro”.<sup>259</sup> Assim, todos são chamados e enviados para anunciar o Evangelho. Mas para que a atividade missionária seja produtiva, é mister que cada um tenha uma vida de oração profunda e constante, uma vez que toda a atividade missionária exige uma espiritualidade igualmente missionária, que se exprima, antes de mais nada, no viver em plena docilidade ao Espírito e em deixar-se plasmar interiormente por ele, para tornar-se, cada vez mais, semelhante a Cristo.<sup>260</sup> Isso significa assumir o jeito de

---

<sup>256</sup> COUTO, Marcio A. BATAGIN, Sonia (coord), *Novo Milênio: perspectivas, debates, sugestões*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 124.

<sup>257</sup> CELAM, *Adaptar a Liturgia* – nº 14.

<sup>258</sup> CNBB nº 4, p. 57.

<sup>259</sup> *Evangelii Nuntiandi*, nº 18.

<sup>260</sup> *Redemptori Missio*, nº 87, p. 135.

Jesus, seu modo de ser e sua maneira de comunicar às pessoas. Como Jesus que se retirava nas montanhas para rezar antes de iniciar qualquer obra, deve-se, também, sentir a necessidade de rezar e conversar com Deus, para permanecer cheio do Espírito Santo, o qual conduz o homem pelos meandros da vida, acompanha-o no encontro com o manco, o cego, os famintos, os excluídos da sociedade, como também com os favorecidos de fortuna, pois a docilidade ao Espírito permite acolher os dons da fortaleza e do discernimento, os quais são traços essenciais da espiritualidade missionária.<sup>261</sup>

De fato, uma relação mística com Deus na vida de oração leva à Santidade, até estiolar no ser humano a explosão do amor missionário a fim de poder amar a Igreja e os homens como Jesus amou.<sup>262</sup> Na verdade, “a Santidade deve ser considerada um pressuposto fundamental e uma condição totalmente insubstituível para realizar a missão de salvação da Igreja”.<sup>263</sup>

O missionário deve, também, ser uma pessoa de bem-aventuranças. No “discurso apostólico” (Cf. Mt 10), Jesus dá instruções aos doze, antes de os enviar a evangelizar, indicando-lhes os caminhos da missão: pobreza, humildade, desejo de justiça e paz, aceitação do sofrimento e perseguição, caridade, que são precisamente as bem-aventuranças concretizadas na vida apostólica (Mt 5, 1-12). Vivendo essas bem aventuranças, num mundo angustiado e oprimido por tantos problemas e que tende ao pessimismo, o proclamador da Boa Nova encontra em Cristo a verdadeira esperança.<sup>264</sup> Assim é o espírito de Deus, que dá verdadeiras energias espirituais, que é e deve ser o grande missionário que move os corações.

---

<sup>261</sup> COUTO, Márcio. BATAGIN, Sonia (coord). Op. cit., p. 124, Cf. CNBB Documento nº 61, P. 191-195.

<sup>262</sup> COUTO, Márcio. BATAGIN, Sonia (coord). Op. cit., p. 124.

<sup>263</sup> Redemptoris Missio, nº 90, p. 139.

<sup>264</sup> Ibidem, nº 91, p. 141.



Como observa Padre Jesus Hortal, é frequente encontrar pessoas que participam, simultânea ou sucessivamente, de cultos de diversas denominações. E as motivações para esse comportamento são das mais variadas. Já se ouviu de pessoas que afirmam ser católicas, mas que há tempos participam dos cultos da IURD, segundo os próprios depoimentos, que vão lá porque recebem atenção, sentem-se importantes, são acompanhadas em sua vida, recebem visitas e não vivem no anonimato. E mais, essas pessoas dizem: “Não fomos nós que nos afastamos da Igreja, a Igreja é que se afastou de nós”. Semelhante opinião é compartilhada pelo teólogo Clodovis Boff, para quem

Toda pessoa percebe muito fortemente a necessidade de encontrar hospitalidade, acolhimento, compreensão, ser ouvida. Nós, talvez, tenhamos nos esquecidos deste valor, ocupados como estamos com a organização, com a luta social. Temos dado impressão de uma Igreja muito militante, ativa, eficiente, pouco propensa a valorizar momentos de maior gratuidade, de descontração, de liberdade, de encontro, de diálogo. Nesse campo, as chamadas seitas nos superam: seus membros vão de casa em casa, conhecem as pessoas, recebem-nas com afeto quando elas vão ao ponto, chamam-nas pelo nome, de tal modo que cada um se sente acolhido e assim escute com mais prazer a palavra de Deus. Creio que é muito importante à valorização da subjetividade na ação pastoral em favor daqueles que chamam ‘excluídos’ da Sociedade, e a quem é urgente restituir o sentimento da dignidade pessoal.<sup>265</sup>

No que concerne ao pensamento do Cardeal D. Cláudio Hummes, a Igreja erra na evangelização de seus fiéis. Segundo ele, a Igreja não está conseguindo levar a Boa Nova aos Católicos, acompanhando-os mais de perto à medida que se mostram influenciados por outras opiniões.<sup>266</sup> Assim, surge a necessidade de retornar às pequenas comunidades, criando novos laços e canais com elas.

A Igreja, sem deixar de continuar a lutar por uma sociedade diferente e mais capacitada no que se refere ao fato de atender às necessidades básicas de todos os seres

---

<sup>265</sup> BOFF, Clodovis. *L'America Latina dopo La crisi dell'Est Europeo*. Missioni dei Servi di Maria, n 2 apud CAMBÓN, Enrique. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade*. São Paulo: Cidade Nova, 2000. P. 65.

<sup>266</sup> Folha de São Paulo, 21.03.2005. p. A-13.

humanos, deve, também, dar atenção à procura de uma profunda experiência do divino, pela qual todos anseiam.<sup>267</sup> Foi, aliás, por este caminho, que se articulou a reflexão do IX Encontro Intereclesial de São Luís do Maranhão,<sup>268</sup> em julho de 1997, e que o Documento de PUEBLA chamou de “Evangelização Libertadora”. Nesse enfoque, existe um duplo objetivo para uma metodologia missionária mais atenta ao que se passa dentro e fora do âmbito da própria Igreja. Um deles é de cunho espiritual, religioso e o outro, de cunho social. Os dois constituem um todo indissociável, que pode ser atingido através de uma eclesiologia correta, a qual não poderia colocar o acento unilateralmente nem sobre o “hoje” (como o Pentecostalismo, com a motivação de recuperar a “atualidade” da experiência cristã), nem sobre o *ontem* (como certo Catolicismo Tradicionalista), devendo, então, manter a tensão “ontem, hoje e sempre” (passado, presente, futuro), não desligando a experiência atual de sua referência ao passado (a Jesus e a Comunidade Eclesial com sua história) e de sua perspectiva aberta ao futuro escatológico.<sup>269</sup> Nesse sentido, a reflexão do Padre Paulo Sérgio Lopes Gonçalves<sup>270</sup> indica um caminho a seguir, o modelo eclesiológico comunitário, que se fundamenta na eclesiologia do Concílio Vaticano II. Este modelo eclesiológico afirma que a “dialética entre mistério e história, transcendência e imanência, retoma assim as origens cristãs para melhor explicar a missão da Igreja ao mundo, concebida fundamentalmente como Sacramento de Salvação Universal”.<sup>271</sup> Acrescenta que para isso:

A Igreja já não deveria e não poderia simplesmente refutar e condenar o mundo, mas ser capaz de escutá-lo e dizer-lhe uma palavra autenticamente

---

<sup>267</sup> ANTONIAZZI, Alberto. Op. cit. p. 23.

<sup>268</sup> IX Encontro Intereclesial, CEBs: Vida e Esperança nas massas, São Luis do Maranhão: Julho 1997. Cf **Revista Eclesiástica Brasileira**, nº 57, 1997, Fasc. 228.

<sup>269</sup> ANTONIAZZI, Alberto. Op. cit. p. 228.

<sup>270</sup> Presbítero da Diocese de Limeira, São Paulo. Licenciado em Filosofia pela PUC-Campinas, São Paulo e Doutro em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (Itália). É professor de Teologia Sistemática e Diretor do Centro de Ciências Humanas da PUC-Campinas. É professor convidado do programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Teologia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e assessor da Escola de Teologia da Diocese de Limeira, SP.

<sup>271</sup> CF. Gonçalves, Paulo Sérgio Lopes. *A Eclesiologia hoje: perspectivas teológicas*. In: ADRIANO, José (org) **Revista de Cultura Teológica**, ano XII, out-dez 2004, nº 49, p. 12-13.

evangélica. Com isso, a Igreja teria possibilidade de compreender a cultura moderna em sua realidade social, política, econômica, cultural e religiosa. Ademais a Igreja se mostraria melhor no e ao mundo sua dialética de transcendência e imanência, história e eternidade, e sua veraz índole escatológica.<sup>272</sup>

Aliás, é nesse sentido que os bispos do Brasil enfatizam que, nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, a atualização do anúncio da Boa Nova no Brasil de hoje deve ser mais missionária, mais inculturada ao povo brasileiro a cujos anseios religiosos a Evangelização precisa dar uma resposta sob o impulso do Espírito Santo.

#### **4.4 A Proposta Pneumatológica da Renovação Carismática Católica (RCC) e sua Contribuição na Missão da Igreja**

Foi a partir de um retiro espiritual realizado por leigos católicos em fevereiro do ano 1967, na Universidade Duquesne em Pittsburgh, nos Estados Unidos, que nasceu o Movimento da Renovação Carismática. Insatisfeitos com seu estilo de vida, com suas preocupações acadêmicas e, sobretudo com suas experiências religiosas, os leigos católicos, docentes dessa Universidade que possuíam contato com grupos avisados protestantes, decidiram se reunir em retiro espiritual, em busca de uma forma de renovação de sua vida religiosa. De fato, todos desejavam experimentar a transformação que o Espírito Santo podia operar neles, pois acreditavam que é o Espírito Santo que renova a face da Igreja e do mundo por meio de sua ação nas pessoas. Assim, enquanto rezavam na capela, teria ocorrido um verdadeiro Pentecostes renovado<sup>273</sup> como relatou um deles, Patti Mansfield:

---

<sup>272</sup> CF. Gonçalves, Paulo Sérgio Lopes. Op. cit. p. 15-16.

<sup>273</sup> De acordo com o relato bíblico, no quinquagésimo dia da Ressurreição de Jesus, o Espírito Santo manifestou-se aos apóstolos, que estavam reunidos no cenáculo, por meio de línguas de fogo. Esse episódio é lembrado com o nome de Pentecostes, que significa cinquenta em grego. O falar em línguas, ou glossolalia, que se manifesta em ritual de transe, entendido como carisma ou dom de Deus, fundamental identidade dos pentecostais evangélicos, foi incorporado à prática religiosa dos católicos que seguem o movimento carismático que então nascia. Cf. PIERUCCI, Antonio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996, p. 63.

(...) Nós todos sentimos a necessidade de rezar com os braços ao alto, sentimos a sensação do fogo nas pontas dos dedos, sentimos uma pressão forte na garganta, vontade de falar com Deus e rezar ao mesmo tempo, naquele momento nós todos tivemos a certeza de que fomos batizados no Espírito Santo.<sup>274</sup>

Pode-se observar nesse relato originário, elementos que até hoje sobressaem na RCC, tais como: rezar com os braços elevados para o alto, gesto que, posteriormente, ficaria conhecido como marca registrada das expressões religiosas dos carismáticos; a emotividade e a espontaneidade, atuando como meios de comunicação com Deus; a referência constante de sensações como indicativas de experiências místicas e certeza da presença de Deus; a necessidade de milagre como prova de existência divina e, finalmente, o Batismo no Espírito Santo, manifestação pentecostal que confere especificidade ao movimento dentro da Igreja Católica. Foi, então, que uns começaram a falar em línguas e outros receberam o dom da profecia ou do conhecimento, o que teria operado neles a profunda transformação espiritual desejada, dando-lhes uma nova consciência do amor de Deus e um profundo desejo de louvar a Deus e de ser testemunha do Cristo ressuscitado. Mediante tal fato, alguns deles decidiram dedicar sua vida a Deus, fundando comunidades, dedicando-se à oração. Estavam lançadas as bases do que viria a ser a Renovação Carismática, um movimento pentecostal dentro da própria Igreja Católica. Seu crescimento foi tão rápido que dos Estados Unidos se espalhou pelo mundo, fixando, rapidamente, fortes raízes no Brasil. A RCC seria trazida ao Brasil através dos padres jesuítas Eduardo Dougherty, SJ e Haroldo Rahm, passando por São Paulo, de onde se teria espalhado pelo país. Entretanto, a cidade brasileira, onde verdadeiramente se enraizou a RCC é Campinas, no Estado de São Paulo.<sup>275</sup>

Em 1973, realizou-se um congresso sobre esse tema em Roma, no qual o Papa Paulo VI se manifestou favorável à presença do ramo carismático na Igreja Católica. Assim, a RCC

---

<sup>274</sup> Globo Repórter, TV Globo, 18.08.1992, apud CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Ed. Santuário, 2003, p. 23.

<sup>275</sup> CAMPOS JR, Juis Castro. *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995, p. 94-95.

obteve a legitimidade e o reconhecimento internacional do Papa.<sup>276</sup> Posteriormente, no dia 11 de dezembro de 1979, o Papa João Paulo II ratificou essa aprovação em audiência privada com os membros do Conselho Internacional.<sup>277</sup> Mais tarde, essa acolhida por parte do Vaticano será valorizada como um gesto profético por um dos grandes expoentes da RCC, o cardeal Joseph Suenens, que afirmou:

É permitido pensar, considerando o Vaticano II com o recuo de dez anos, que marcando sua fé nos carismas o Concílio cumpriu sem saber um gesto profético e preparou os cristãos de hoje a acolher a Renovação Carismática que toma uma amplitude surpreendente sob nossos olhos nos cinco continentes.<sup>278</sup>

De fato, com o apoio, ou melhor, a bênção papal, como também com o aval da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, e graças a seu zelo missionário, a valorização dos dons e carismas ao culto ao Espírito Santo, à Virgem Maria, e tendo como fundamento a oração, a RCC se espalhou não só pelos cinco continentes, mas – sobretudo – se enraizou fortemente no Brasil, expansão que, aliás, tende a ser lida pela Imprensa Brasileira como uma estratégia bem orquestrada para conter o avanço pentecostal e neopentecostal.<sup>279</sup>

Até os neopentecostais reagiram também no mesmo sentido, nestes termos:

Desesperados com o crescer do movimento neopentecostal em todo o mundo, o Papa tem orientado o clero a tentar, de todas as maneiras, resgatar seus fiéis, os quais têm procurado a verdadeira paz no Senhor Jesus, nas Igrejas Evangélicas. Prova disso é o chamado ‘Movimento Carismático’, que tenta mesclar a tradição católica com uma aparente renovação espiritual.<sup>280</sup>

A experiência do “Batismo no Espírito” e a vivência dos dons e carismas constituem, na RCC, sua experiência fundacional, a marca que caracteriza sua espiritualidade.

---

<sup>276</sup> Cf. *Doc Os Papas falam sobre a Renovação Carismática*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 6.

<sup>277</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>278</sup> CHAGAS, Cipriano, OSD. *A descoberta do Espírito e suas Implicações para uma transformação Eclesial – um estudo sobre a Renovação Carismática*. Tese de Mestrado Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1976, apud CARANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Ed. Santuário, 2003, p.28.

<sup>279</sup> Veja 03.09.1997. IstoÉ 24.12.1997. Caros Amigos 04/1998.

<sup>280</sup> WEISS, Karl. *A Igreja que veio de Roma: heresias e contradições*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2000, p.75.

Segundo o Pe. Haroldo Rahm, o “Batismo no Espírito” é “uma definição simples (...) Ser batizado no Espírito significa uma mudança nas nossas relações com Deus, que nos faz experimentar na nossa vida todas as coisas que ele prometeu que o Espírito Santo faria a quem acreditasse”.<sup>281</sup> Alday acrescenta, dizendo que ser batizado no Espírito Santo é marca, graça e rito:

O ‘Batismo no Espírito’ Santo consiste na oração que uma comunidade cristã eleva a Jesus glorificado para que derrame seu Espírito de maneira nova e em maior abundância sobre a pessoa que ardentemente o pede e por quem se ora. Esta nação se faz ordinariamente, mediante a imposição das mãos. Nesta forma, o que batiza no Espírito Santo não é este ou aquele irmão, e sim o próprio Jesus Glorificado.<sup>282</sup>

Observa-se que, longe de desprezar os sacramentos, na perspectiva carismática, essa experiência não substitui nem entra em contradição com os sacramentos da Igreja Católica, do Batismo e do Crisma, mas de complementá-los ao trazer o participante para a “vida plena no Espírito Santo”. Aliás, o manual oficial de formação da RCC afirma que “Batismo no Espírito Santo” é uma reativação da força divina recebida no batismo, uma experiência na qual o crente deve buscar a intimidade com Deus, sua conversão de vida, e dispondo-se a fazer a vontade divina. Também representa uma experiência de libertação que consiste em “suplicar pela libertação do Espírito Santo em nós, para que tenha uma atuação de poder”.<sup>283</sup> De fato, uma vez batizado, o fiel passa a ser mais dócil à doutrina cristã, encara de maneira nova o sofrimento, liberta-se do egoísmo e vive com alegria, serenidade e segurança. Ser batizado não é fruto do esforço pessoal; pelo contrário, é um “dom de Deus” que precisa, por parte do crente, aceitar que é possível que Deus cure, liberte, faça milagre, e implica em reconhecer

---

<sup>281</sup> RAHM, Haroldo e LAMEGO, Maria J. R. *Sereis batizados no Espírito Santo*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 111.

<sup>282</sup> ALDAY, Salvador C. *O Batismo no Espírito Santo* 2ª Edição. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1986, p.17-18 apud PIERUCCI, Antonio Flávio e PRANDI, Reginaldo. Op. cit. p. 67.

<sup>283</sup> A identidade da RCC. Apostila 1. Escola Paulo Apóstolo. Renovação Carismática Católica Nacional. Conselho Nacional, escritório da Comissão Nacional. São José dos Campos: Edições com Deus, s/d, p. 32-33.

que é uma experiência que precisa ser cultivada.<sup>284</sup> Em todo caso, é certo que não bastará tomar uma vez um banho de Espírito Santo, numa atmosfera calorosa, para que seja garantida uma vida segundo o Espírito. Sabe-se que é preciso perseverança, retomada cotidiana de esforço generoso, atualidade de oração.<sup>285</sup> É bom lembrar que tal concepção sobre o “Batismo no Espírito” está presente desde os primeiros tempos na RCC e continua permeando sua doutrina. De fato, a proposta religiosa e espiritual que a RCC oferece para atrair grande número de seguidores dentro da Igreja Católica, se estrutura da seguinte forma: encontro pessoal com a Santíssima Trindade, um convite a viver um relacionamento íntimo com a Terceira Pessoa, participando sempre de uma “oração de comunidade” e uma resposta visível de conversão que finaliza numa resposta de ação social. Também como o Pentecostalismo, a RCC defende que a renovação espiritual é fruto da importância que nela têm os carismas ou dons do Espírito Santo,<sup>286</sup> carismas que são dádivas de Deus e devem ser usados por aqueles que tiveram o privilégio de recebê-los. Basicamente, são nove os dons divinos, os quais dividem-se em três grupos:

- 1) Os dons da palavra: dom das línguas estranhas, das interpretações e das profecias;

---

<sup>284</sup> RAHM, Haroldo e LAMEGO, Maria J. R. *Sereis batizados no Espírito Santo*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 127-129 apud CARRANZA, Brenda. Op. Cit. p.86.

<sup>285</sup> CONGAR, Yves. *Creio no Espírito Santo2. Ele é o Senhor e dá a vida*. São Paulo: Paulinas, 2005, p.209-210.

<sup>286</sup> Desde suas origens, a RCC apareceu como fenômeno muito próximo do pentecostalismo protestante, merecendo a denominação de “pentecostalismo católico”. De fato, a RCC repete o princípio pentecostal da atualização dos dons particulares do Espírito Santo, inclusive glossolalia e cura. Assim, é possível reconhecer que há pontos de aproximação com o pentecostalismo, mas na essência são diferentes. Alguns pontos de convergência dos dois movimentos: experiência subjetiva de conversão, alta atribuição de uma missão, identidade religiosa adquirida e não herdada; ênfase na escolha religiosa individual; atribuição do poder ao leigo, delegando para segundo plano a mediação eclesiástica; prática religiosa emocional; compromisso e comportamento ascético; uso de termos comuns como orar e louvar. As divergências observam-se na ênfase posta na “Teologia da Prosperidade” nas Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, principalmente na IURD e que está ausente na RCC e, parte desta última, na obediência ao Papa e na devoção à Virgem Maria. Esta devoção constitui o divisor de águas, a fronteira, e se esta não for reforçada, não há porque ficar no universo católico. Com efeito, a devoção a Maria é o elemento que faz doutrinamente a grande diferença entre os carismáticos católicos e os pentecostais. Cf. MARIS, Cecília, MACHADO, Maria das Dores. *Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais*. In: Comunicações do ISER, 45, 1994, p. 24-34.

- 2) Dons do poder: fé, cura, milagre;
- 3) Dons das revelações: sabedoria, ciência e discernimento.<sup>287</sup>

Cada grupo carismático poderá enfatizar este ou aquele carisma, mas em todos ocupará lugar de destaque o “dom de línguas” (transe pelo qual se revela, publicamente, a presença do Espírito Santo); a “fé” que fundamenta a clamorosa e emocional oração coletiva, a cerimônia da euforia e o poder da cura que tira os males e doenças pela imposição das mãos; o dom da profecia que é atrair cada vez mais homens a Deus. Os dons são meios utilizados pelo Espírito santo para conversão dos homens e maior glória de Deus.<sup>288</sup> Assim, hoje, a RCC se propõe a ser o âmbito privilegiado, no qual o cristão pode vivenciar os carismas e dons, fruto desse batismo no Espírito. E quando os fiéis explicam as razões do benefício espiritual que receberam na RCC, eles dizem muitas vezes coisas como: vivendo no mundo programado, hiper-organizado, secularizado, voltado para o cálculo e o rendimento, entramos aí num espaço de liberdade, numa simplicidade, numa certa infância de coração. Aqui, na RCC, encontramos o interior, retomamos o contato com o essencial em estado puro. Essa experiência é fonte de alegria e de um sentimento de liberdade que se expressa até de modo sensível.<sup>289</sup> Sempre, porém, nessa experiência, Deus ocupa um lugar decisivo.

“Muitos testemunharam que a própria fé foi sustentada por uma experiência que fizeram em suas vidas e que, crescendo na fé, a ação de Deus tornou-se cada vez mais visível e ativa na existência diária deles”.<sup>290</sup> Para o Cardeal Suennens, esse caráter “experencial” da renovação,<sup>291</sup> seu distanciamento do intelectualismo, o poder da comunicação que ela desempenha, a simplicidade do que exige, tudo isso pode dar novas e interessantes

---

<sup>287</sup> PIERUCCI, Antonio Flávio e PRANDI, Reginaldo. Op. cit. p. 66-67.

<sup>288</sup> Ibidem, p.67.

<sup>289</sup> CARRANZA, Brenda. Op. cit. p. 88-89. Cf. CONGAR, Yves. Op. cit. p 207.

<sup>290</sup> Cardeal L. J. SUENNENS, *Une Nouvelle Pentecôte?* DDB, 1974, p. 70.

<sup>291</sup> *Experencial* distinto de *experimental* é a categoria usada pelo Cardeal Suennens (op. cit., p.69) com referência a Fr. GREGOIRE, *Note sur lês termes intuition et experience* in: Revue Philosophique de Louvain 44, 1946, pp 411-415.



possibilidades, para a evangelização de todos aqueles que a Igreja não consegue atingir. É válido dizer que W. Hollenweger insiste no fato de que o movimento de Pentecostes desenvolve recursos e um estilo de cultura oral que convêm ao nosso tempo e são especialmente aptos para atingir as camadas populares.<sup>292</sup> Sabe-se que o sucesso das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais é devido, em grande parte, a seu estilo de conversão e de proselitismo. À Igreja Católica não cabe imitá-los. A RCC oferece certas formas de comunicação da Boa Nova: caráter comunitário e global, de tal modo que aquele que vem possa imediatamente ser parte integrante daquilo que aí se vive; caráter imediato, espontâneo, concreto, não conceitualizado; caráter pessoal, testemunho que não doutrina, comunicando uma experiência atraente e parte de uma convicção pessoalmente vivida.<sup>293</sup> Nesse sentido, a RCC pode abrir para a Igreja um caminho para outra prática cristã, em particular, para a comunicação da fé no Senhor Jesus, o que poderia, interessar a celebração dos sacramentos da imitação cristã, especialmente o da Confirmação, que se chama “selo do Espírito”.<sup>294</sup> De fato, a RCC traz para o coração da Igreja a vitalidade do carisma, lembrando que ela está longe de ter um monopólio, mas leva para bem alto a denominação e contribui para publicidade do tema.<sup>295</sup> Assim, do ponto de vista da Igreja Católica, a RCC contribui na sua missão para assegurar de maneira excelente a qualidade sobrenatural do povo cristão na base, dar uma visão mais perceptível aos carismas. É por isso que a RCC aparece como uma resposta à

---

<sup>292</sup> HOLLENWEGER, W. *The Pentecostals. The Charismatic Movement in the Churches* 2ª ed. Philadelphia, 1973, p. 468-501, e um relatório produzido por RANAGHAN, op. cit., p. 228s. Há reais possibilidades para a descoberta de uma metodologia teológica numa cultura oral: aí onde o meio de comunicação – como nos tempos bíblicos não é a definição, e sim a descrição; não é o enunciado mas a história; não é a doutrina, e sim o testemunho; não é uma suma teológica, mas o canto; não é o tratado, mas o programa de televisão [...] (citado por L. Boisset) apud CONGAR, Yves. Op. cit. p. 208.

<sup>293</sup> CONGAR, Yves. Op. cit. p. 208.

<sup>294</sup> Ibidem, p.204.

<sup>295</sup> Ibidem, p.204.

expectativa pentecostal expressa por João XXIII. O mesmo disse Paulo VI: “A Igreja tem necessidade de um perpétuo Pentecostes”.<sup>296</sup>

Verdadeiramente, se a renovação espiritual proposta pela RCC se inserisse na vida de todas as paróquias da Igreja Católica do Brasil, esta poderia, talvez, ter uma contribuição preciosa para uma renovação pastoral do sacramento de iniciação. Mas duvidamos que a RCC, tal como se apresenta, com seu estilo de reuniões, sua literatura e seus animadores, possa ser admitida por todo mundo. Nesse sentido escreve o Pastor J. L. Leuba:

Os dons são dados para utilidade comum (1Cor 12, 7) mas só há atividade comum onde há consenso mútuo. Todo pastor é zeloso por sua responsabilidade evangélica, isto é pela unidade de rebanho no amor evitará portanto impor aí manifestações carismáticas, particulares como “lei” a sua comunidade.<sup>297</sup>

Assim por exemplo, na cúpula da Igreja Católica não foi sempre que existiu um consenso na hierarquia (episcopado, clero) sobre a forma correta de ressaltar o espiritual, que é ofertado pela RCC tanto na prática de curas, quanto no incentivo à glossolalia, à difusão de milagre e outras. Aliás, a posição oficial dos bispos com respeito a essas práticas foi explicitada no documento “Orientações”, assumindo um tom subjetivo ao declarar:

Como é difícil discernir, na prática, entre inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido; não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja um intérprete.<sup>298</sup> Ao implorar a cura, nos encontros da RCC ou em outras celebrações, não se adote qualquer atitude que possa resvalar para um espírito milagreiro e mágico estranho à prática da Igreja Católica.<sup>299</sup>

Também uma das críticas mais comuns endereçadas a RCC é a da desmobilizar os fiéis da ação social e política. Ela alimentaria um gosto intimista; sua referência à escatologia visaria apenas ao além. Embora a oração conjunta e a acolhida fraternal lhe sejam essenciais,

---

<sup>296</sup> Audiência de 29 de novembro de 1972. (Doc. Cath. 69 [1972], p. 1105). E ver Ed. O’CONNOR, Pope Paulo and the Spirit: Charisma and church Renewal in the teaching of Paulo VI, Notre Dame (USA), 1978, apud CONGAR, Yves. p. 203.

<sup>297</sup> Ponto de vista defendido por J. L. LEUBA., numa conferência realizada em Salamanca; o texto em francês *Charisme et institution* na revista de Lausanne *Hakhma* 5 (1977), p. 15 apud CONGAR, Yves. p. 210.

<sup>298</sup> CNBB, Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica. São Paulo: Paulinas, 1994, nº 62.

<sup>299</sup> *Ibidem*, nº 62.

embora haja o suscitar de engajamentos de vida comunitária, ela nutriria um sentimento de relacionamento pessoal e inteiramente vertical com Deus.<sup>300</sup>

A Igreja Católica foi criticada por ter se desviado de sua missão prioritariamente religiosa para ocupar-se de questões sociais com a Teologia da Libertação, a CEBS. Nasceu a RCC, que é acusada de ocupar-se do lado espiritual num relacionamento vertical com Deus, observação tal que faz existir uma preocupação a saber em que medida as diversas práticas religiosas são expressão correta e fiel da fé cristã do mundo de hoje.<sup>301</sup>

Vale a pena mencionar que a RCC tem o mérito de valorizar a pneumatologia que por muito tempo foi sufocada pela necessidade da organização das estruturas institucionais, ela está ainda longe de seu objetivo inicial que é de transformar, de maneira profunda, as estruturas eclesiais através da experiência pentecostal que cada um deveria viver, até mesmo as altas autoridades eclesiais.

#### **4.5 A Importância dos Meios de Comunicação de Massa na Missão da Igreja Católica**

Hoje não basta a pregação: é preciso usar todos os meios. Realmente, em poucos anos o mundo se transformou, e nós, para caminharmos com o mundo, precisamos atualizar-nos. É necessário usar o cinema, o rádio, a imprensa, a televisão e todos os outros meios que o progresso humano inventar, para podermos comunicar a Boa Nova do Evangelho.<sup>302</sup> (Bem-aventurado Padre Tiago Alberione).

Esse pensamento do bem-aventurado Padre Tiago Alberione é mais um convite à Igreja Católica, em especial a do Brasil, ao reconhecimento da importância dos meios da comunicação de massa como veículos evangelizadores indispensáveis para o mundo de hoje. Vale lembrar que a posição da Igreja Católica frente aos meios de comunicação em geral foi

---

<sup>300</sup> CONGAR, Yves. Op. cit. p. 224. Cf. CARRANZA, Brenda. Op. cit. p. 124.

<sup>301</sup> ANTONIAZZI, Alberto. *A Igreja Católica face à Expansão do Pentecostalismo: pra começo de conversa*. In: ANTONIAZZI... / et all. /., *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, p. 22.

<sup>302</sup> ALBERIONE, Tiago. Bem-aventurado Padre, fundador da família Paulina, Profeta da Comunicação e patrono da internet. apud DARIVA, Noemi (org). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais* (Inter-Mirífica-40 anos 1963-2003) São Paulo: Paulinas, 2003, p.7.

de oposição e censura. Mas, a partir do Vaticano II, com a necessidade de compreensão da modernidade e de inserção, assume posição de maior abertura. Assim, observa-se que nos parágrafos introdutórios do primeiro capítulo, o *Inter Mirifica* assegura, pela primeira vez, em um documento universal da Igreja, a obrigação e o “direito” de a Igreja usar os instrumentos de comunicação:

A Igreja Católica foi encarregada por Jesus Cristo de trazer a salvação (...) para proclamar o Evangelho. Consequentemente, ela julga que seja parte de seu dever pregar a Boa Nova da Redenção com o auxílio dos instrumentos de comunicação social (...) Por essa razão, a Igreja reivindica, como direito inato, o uso e a posse de todos os instrumentos desse gênero, que são necessários e úteis para a formação cristã e para qualquer atividade empreendida em favor da salvação do homem.<sup>303</sup>

O documento que inaugura essa nova postura é o decreto *Communio et Progressio*, que foi promulgado pelo Papa Paulo VI em 27 de maio de 1971, em que eram determinadas as condições iniciais para atuação da Igreja Católica nesses meios. Verifica-se que a temática da comunicação na Igreja Católica passou a ser efetivamente mais elaborada e adquiriu maior relevância. A Igreja percebe a necessidade de utilização de “novos métodos” para a implementação de sua proposta comunicacional.<sup>304</sup>

No Brasil, diferentemente das Igrejas Pentecostais, sobretudo as Neopentecostais, em especial a IURD, foi observado pouca presença da Igreja Católica nos meios de comunicação social, o que levou o Padre Jesus Hortal a fazer a seguinte observação: “(...) o fraco uso dos meios de comunicação social pela Igreja Católica, diante de seu emprego massivo, sobretudo

---

<sup>303</sup> *Inter Mirifica* n° 3 citado por PUNTEL, Joana T. *Cultura imediática e Igreja: uma nova ambiência*. SEPAC, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 125. Cf. DARIVA, Noemi (org) Op. cit. p. 71.

<sup>304</sup> PITTA, Marcelo Trindade; FERNANDES, Silvia Regina Alves. *Meio de comunicação e religião* In: SOUZA, Luis Alberto Gomes e FERNANDES, Silvia Regina Alves. *Desafio do Catolicismo na cidade: pesquisas em regiões metropolitanas brasileiras*. Coleção CERIS. São Paulo: Paulus, 2002, p. 139. Cf. MONTEIRO, Paula. *E o verbo se faz imagem: Igreja Católica e os meios de comunicação no Brasil, 1962 – 1989*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991. Segundo ele, é o Papa Pio XII ao final dos anos 40, que começa a vislumbrar de maneira mais positiva a divulgação da presença mundial da Igreja através da imagem, com o advento da TV. Entretanto, a postura da Igreja é reticente nas décadas seguintes ao período pós-conciliar.

pelos pentecostais, foi e é uma das causas da perda dos fiéis católicos.”<sup>305</sup> Tal constatação acontece sob a perspectiva das chamadas “igrejas eletrônicas”<sup>306</sup> caracterizadas pelas “seitas”, ou melhor, as Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, sugerindo ao mesmo tempo, entre outras causas, o incentivo às publicações e ao uso frequente dos meios de comunicação social,<sup>307</sup> a fim de que sejam valorizados e usados para evangelização. Aliás, pode-se encontrar nesses livros documentos fundamentais e iniciativas práticas, frutos de suas assembleias e de sua preocupação pastoral, entendendo que os meios de comunicação social exercem profunda influência na população brasileira; portanto, podem ser de grande utilidade na missão evangelizadora da Igreja.<sup>308</sup> Por outro lado, em relação aos meios de comunicação, a Igreja assume, muitas vezes, um papel crítico por compreender estes meios, tanto como ferramenta necessária a sua missão quando como uma “terra de missão”. Existe uma preocupação da CNBB com os meios de comunicação, que manipulados e nas mãos de alguns a serviço de poder político e econômico, podem prejudicar as famílias brasileiras, a juventude e toda a sociedade.<sup>309</sup> A respeito desse dilema de caráter ético, o documento da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, em 1968, criticou a vinculação dos meios de

---

<sup>305</sup> Estudos da CNBB, nº 68. Padre Jesus HORTAL. *A Igreja e os novos grupos religiosos*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 43. apud ORO, Ari Pedro. *Avanço Pentecostal e reação católica*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 99.

<sup>306</sup> SOUZA, Luis Alberto Gomes e FERNANDES, Silvia Regina Alves. *Desafio do Catolicismo na cidade: pesquisas em regiões metropolitanas brasileiras*. Coleção CERIS. São Paulo: Paulus, 2002, p. 138. Cf. ASSMANN, Hugo. *A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

<sup>307</sup> Também o Papa João Paulo II, em sua Exortação Apostólica *A vida consagrada* define a missão e a presença dos religiosos nos meios de comunicação social. Escreve o pontífice: “Assim como no passado as pessoas consagradas souberam, com os meios mais diversos, pôr-se ao serviço da evangelização, enfrentando genialmente as dificuldades, também hoje são interpeladas novamente pela exigência de testemunhar, através dos meios de comunicação. Estes meios alcançaram uma capacidade de irradiação mundial, graças as tecnologias pontentíssimas, capazes de atingir qualquer ângulo da terra. As pessoas consagradas, sobretudo quando operam neste campo, por carisma institucional, devem adquirir um conhecimento sério da linguagem própria destes meios, para falar eficazmente de Cristo ao Homem de hoje, interpretando as alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dele contribuindo assim para a edificação de uma sociedade onde todos se sintam irmãos e irmãs a caminho de Deus.” (Jornal Novo Milênio 11.04.1996) apud ORO, Ari Pedro. Op. cit. p. 100.

<sup>308</sup> DARIVA, Noemi (org) *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais* (Inter Mirifica 40 anos 1963-2003) São Paulo: Paulinas, 2003, p. 515-516.

<sup>309</sup> *Ibidem*, p. 516.

comunicação com grupos econômicos e políticos.<sup>310</sup> Também no Decreto *Inter Mirifica* do Concílio Vaticano II, há recomendações a vários grupos sociais quanto à utilização dos meios de comunicação. Parte do texto dirigido aos autores da grande mídia, faz uma recomendação que denota a Igreja, considerando a mídia como um espaço ético moral que necessita de orientações:

Quanto ao correto uso dos meios de comunicações, importante obrigação moral compreende os jornalistas, os escritores, os autores, os teatrólogos, os produtores, os vendedores, os distribuidores, os gerentes e patrocinadores, os críticos e outros mais que de alguma forma tomam parte da confecção e transmissão das comunicações humanas, que deveres e quão importantes incumbem a todos estes, pois que eles, informando e incitando, podem levar o gênero humano para o caminho certo ou para o abismo.<sup>311</sup>

Hoje, a CNBB congrega mais de 500 veículos de comunicação impressos, uma rede de 280 emissoras de rádio, 800 rádios comunitários e 4 redes de Televisão, que são Rede Vida de Televisão<sup>312</sup>, Rede Horizonte de Televisão, Rede TV Canção Nova e TV Século XXI e, recentemente, a TV Aparecida. Estas redes católicas estão se convertendo nas evangelizadoras mais populares do Brasil. Prova disso, a missa em televisão, que parece suscitar maior interesse dos católicos. Em 1994, a CNBB lançou o documento “Estudos da CNBB nº 70” sobre a missa na TV o qual, no dizer de Dom Ivo Lorscheirter, constitui uma esforço de maneira ideal de levar a comunicação da liturgia ao povo de Deus, usando o veículo televisão, sem sacrificar a liturgia, sem menosprezar a comunicação. Aliás, o principal objetivo no estatuto da Rede Vida de Televisão, redigido em 1992, é “evangelizar o Brasil pela Televisão”.<sup>313</sup> Segundo a Folha de São Paulo, “a Rede Vida é uma reação ao avanço da Igreja

---

<sup>310</sup> PANDIN, Cândido, OSB. GUTÉRREZ, Gustavo, CATÃO, Francisco. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998, p. 217-233.

<sup>311</sup> *Inter Mirifica* nº 3 citado por PUNTEL, Joana T. *Cultura imediática e Igreja: uma nova ambiência*. SEPAC, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 125. Cf. DARIVA, Noemi (org) Op. cit. p. 71.

<sup>312</sup> A Rede Vida de Televisão não é ligada, oficialmente, e diretamente à Igreja Católica, mas conta com o apoio de bispos e sacerdotes, especialmente de orientação carismática. Ela pertence ao grupo independente de Rádio e TV sediado em Barretos, São Paulo, e é administrada pelo Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã, uma entidade sem fins lucrativos, entregue por leigos e religiosos (Folha de São Paulo, 21.12.1995 p. I-10). Segundo declaração empresarial de inspiração católica (Folha de São Paulo, 12.01.1995 p. I-20).

<sup>313</sup> SOUZA, Luis Alberto Gomes e FERNANDES, Silvia Regina Alves. Op. cit., p. 152.

Universal, de Edir Macedo no mercado da Televisão”.<sup>314</sup> A Rede Vida de televisão tem mais de 240 retransmissoras próprias e 1.500 regiões com retransmissoras secundárias, alcançando 72,15% das casas com televisão no Brasil.<sup>315</sup> Quanto à TV Canção Nova, embora tenha sido fundada em 1989, possui 172 retransmissoras em nível nacional. Ela é, também, conhecida pelo povo brasileiro. De fato, na mídia eletrônica brasileira, o espaço religioso ocupado pela Igreja Católica, além de alguns poucos programas, resume-se às missas. Segundo os resultados da pesquisa realizada por Pitta e Fernandes, a missa nas televisões católicas é mais conhecida que a programação evangélica na TV, e essa última, por sua vez, é mais conhecida que a programação da TV Rede Vida e da TV Canção Nova, mesmo pelos católicos.<sup>316</sup> Portanto, há críticas feitas por estudiosos católicos quanto a esse tipo de programação na TV, pelo fato de que não permite a formação de uma comunidade.<sup>317</sup> Há, também, uma preocupação da CNBB quanto ao formato da missa televisiva e, ainda, quanto ao fato de serem feitas gravações ao invés de transmissão ao vivo. O conteúdo das programações nos programas apresentados nas televisões católicas não parece satisfazer a sede de formação mais profunda, teológica, espiritual e catequética.

Na verdade, no que tange à mídia eletrônica, a Igreja Católica está de fato mais implicada com o rádio do que com a televisão. Segundo o levantamento do setor de comunicação da CNBB sobre a Pastoral da Comunicação no Brasil, 58% das Dioceses possuem emissoras de rádio. Em geral, prevalecem as rádios comerciais e comunitárias. O rádio constitui-se como o veículo mais utilizado pela Igreja Católica no Brasil. Ainda segundo Pitta e Fernandes, sobre as rádios, observa-se que a programação evangélica, por sua vez, é um pouco mais conhecida que a programação católica. O estilo musical *gospel*, das rádios

---

<sup>314</sup> Folha de São Paulo 10.03.1996, p. I-10.

<sup>315</sup> SOUZA, Luis Alberto Gomes e FERNANDES, Silvia Regina Alves. Op. cit., p. 197.

<sup>316</sup> Ibidem, p. 197.

<sup>317</sup> Ibidem, p. 141.

evangélicas, parece ser um elemento que atrai ouvintes. Um estudo realizado por Pinheiro<sup>318</sup> demonstra que, no interior desse estilo há diversos gêneros musicais, tais como o samba, pagode, *funk* e axé. Essa modernização da música de cunho religioso, considerando as inúmeras bandas musicais que têm surgido tanto em Igrejas Evangélicas quanto na Igreja Católica, parece atrair, sobretudo, os jovens. Nesta última, o movimento carismático estimulou a formação de bandas musicais com composições também no estilo *gospel*.

Pode-se dizer também, que dos Movimentos Eclesiais, o que mais explora a mídia é a Renovação Carismática. Prova disso é que, no campo da televisão, a RCC tem um grande número de programas que vêm sendo veiculados há vários anos, pelas redes, como Bandeirantes, CNT-Gazeta, Rede Mulher e TV Record, esta antes de ser vendida à Igreja Universal, e a Rede Vida e Canção Nova.

Mesmo assim, deve-se reconhecer que neste campo dos meios de comunicação, a Igreja Católica tem mais esforço a fazer para explorar a fundo toda tecnologia que é apresentada pelo mundo de hoje. A Igreja ainda precisa ter outros olhares para novas fronteiras da comunicação, como por exemplo o ciberespaço, um novo “portal” para a evangelização, insistindo sobre a formação para a comunicação,<sup>319</sup> através de uma Pastoral da Comunicação adequada aos dias atuais. O debate sobre a importância da comunicação na missão da Igreja não pode estar concluído; ele é sempre aberto. Nesse sentido, há que se concordar com as palavras, da Conferência Episcopal do Brasil:

No esforço de contribuir para a realização do Objetivo Geral da Igreja no Brasil, o setor de Comunicação Social procura fazer com que, tanto os comunicadores como os usuários, tenham consciência da realidade e da responsabilidade diante dela. Dessa maneira intenta provocar transformações, visando à libertação integral do homem e da Sociedade. Isto só será possível, porém, através de uma Pastoral da Comunicação, que se realiza em três momentos:

---

<sup>318</sup> PINHEIRO, Márcia Leitão. *O proselitismo evangélico: musicalidade e imagem*, In: *Cadernos de antropologia e imagem*, vol. 7 (2). Rio de Janeiro: NAJ/UERJ, apud SOUZA, Luis Alberto Gomes e FERNANDES, Silvia Regina Alves. Op. cit., p. 187.

<sup>319</sup> Cf. PUNTEL, Joana T. Op. cit. p. 142.



- através dos meios de comunicação;
- nos meios de comunicação;
- diante dos meios de comunicação. (Documentos da CNBB, nº 29)

Por isso, faz-se necessário a formação para comunicação na Igreja, a qual cresce em incentivo e se torna cada vez mais explícita. É sempre importante a esse respeito lembrar as incisivas da *Communio et Progressio*:

Durante sua formação, os futuros sacerdotes, religiosos e religiosas devem conhecer a incidência dos meios de comunicação na sociedade, bem como a sua técnica e uso, para que não permaneçam alheios à realidade, e não cheguem desprevenidos ao Ministério Apostólico que lhes será entregue. Tal conhecimento faz parte integrante de sua formação; é condição sem a qual não é possível exercer um apostolado eficaz na sociedade de hoje, caracterizada, como está, pelos meios de comunicação.<sup>320</sup>

Por isso, é necessário que sacerdotes, religiosos e religiosas conheçam de que modo se geram opiniões e mentalidades na sociedade atual, e assim se adaptem às condições do mundo em que vivem, uma vez que é aos homens de hoje que a palavra de Deus deve ser anunciada, e que precisamente os meios de comunicação podem prestar valioso auxílio. Os que revelam qualidade e gosto especial, recebem uma formação mais acurada neste campo.<sup>321</sup>

É nesse sentido que a Igreja pede, insistentemente, que as Universidades e Institutos Católicos criem e desenvolvam cursos de comunicação social, cujos trabalhos e investigações devam ser dirigidos competentemente.<sup>322</sup> Mesmo no que diz respeito aos *News Mídia*, a Igreja progride no esforço para compreender e expressar seu desejo de inculturar-se aos novos espaços dos processos comunicativos, à cultura midiática. Assim, ela não vê unicamente a comunicação de forma restrita, pois a cada agente pastoral é permitida a mudança de mentalidade para melhor compreender a necessidade de modificar seus métodos missionários a fim de que tenha em conta que a comunicação vai além de manipular máquinas afins. Trata-

---

<sup>320</sup> Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*: AAS 62 (1970), P. 381-384 apud DARIVA, Noemi (org). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais (Inter Mirifica 40 anos 1963-2003)* São Paulo: Paulinas, 2003, p. 116.

<sup>321</sup> DARIVA, Noemi (org). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais (Inter Mirifica 40 anos 1963-2003)* São Paulo: Paulinas, 2003, p. 116.

<sup>322</sup> Cf. PUNTEL, Joana T. Op. cit. p. 139.

se de uma conversão à cultura midiática.<sup>323</sup> Talvez, seja esse o desafio que os pastores da IURD estejam levantando à Pastoral da Comunicação da Igreja. É preciso renovar para poder celebrar com vida e fé na linguagem própria do povo. É nesse sentido, pois, que a CNBB faz o seguinte apelo:

Renovar a linguagem da Liturgia: um dos espaços privilegiados de comunicação é o encontro litúrgico semanal: eucaristia, celebrações comunitárias, cultos. Para que ela seja de fato, comunicacional, a equipe litúrgica deve ter cuidado com a linguagem, uma vez que toda a liturgia está marcada pelo simbólico: o espaço físico, os gestos, as vestes, as cores, a ornamentação, a palavra proclamada, o canto e o silêncio.<sup>324</sup>

É necessário que tais propostas aconteçam para que nas celebrações litúrgicas haja mais espaço para emoção e espontaneidade dos gestos e orações, o que permitirá cuidar da imagem pública da Igreja.

Como se vê, quase ao fim desta pesquisa, observa-se que as aproximações e métodos missionários de cada parte são fortemente marcados e quase divergentes. A IURD, na sua aproximação global, ressalta inúmeras vezes o aspecto espiritual numa perspectiva constante de prosperidade, pensando levar em conta a obra visível de Deus na vida do crente. Sob a base de um fundamentalismo bíblico, isso – apesar de tudo – coloca em xeque a convicção segundo a qual a ação do Espírito Santo se fundamenta essencialmente sob a fé do crente. A parte católica, sempre defendeu a posição do Magistério sobre os pontos importantes que são os ministérios, os sacramentos e o papel da Igreja na Salvação. E a Igreja sustenta a importância do Espírito Santo e sua manifestação nos dons e carismas, reconhecendo que o Espírito está hoje em obra na vida da Igreja e em cada um de seus membros, pois é Ele quem guia e quem conduz o fiel na sua missão.

---

<sup>323</sup> Ibidem, p. 140.

<sup>324</sup> CNBB nº 59 parágrafo 30.

## CONCLUSÃO

Esse trabalho de pesquisa tem por objetivo destacar a importância do Espírito Santo – pneumatologia – na missão da Igreja no mundo de hoje. Por outro lado, faz-se necessário compreender a teologia pneumatológica da IURD e verificar, sob uma base objetiva, suas afirmações, segundo as quais, seu crescimento atribui-se à ação do Espírito Santo, como disse seu fundador. Nesse sentido, a capacidade de expansão dessa Igreja é um desafio não somente à Igreja Católica, a sua prática eclesial e cultural, mas, sobretudo à inteligência teológica. É então, urgente compreender as razões pneumatológicas de uma tal expansão da IURD. Isso quer dizer que a orientação pneumatológica da Igreja Católica e a da IURD não são de igual valor uma vez que não dá para comparar a pneumatologia da IURD, com a da Igreja. As diferenças são muito profundas e grandes. O mérito da IURD é que com sua suposta teologia pneumatológica levou a Igreja a tomar consciência mais profunda da importância do Espírito Santo em sua missão. Mesmo dando essa devida importância ao Espírito Santo, fundamentando-se no evento de Pentecostes, com o “Batismo no Espírito”, como se viu ao longo deste estudo sobre a suposta teologia sobre o Espírito Santo, além da falha em sua cristologia e eclesiologia, a IURD não apresenta uma teologia de análises hermenêuticas necessárias para desvendar os mistérios de Deus.

Com efeito, ao contrário do que disse seu fundador, o “bispo” Edir Macedo, que atribuiu o sucesso da IURD à ação do Espírito Santo, observou-se que sua expansão resultaria dos intensos processos de mudanças sociais, culturais, religiosas e econômicas, processos referentes à urbanização, à secularização, à migração de grandes contingentes populacionais do meio rural para o urbano, à carências de vários tipos vividas pelo povo, sobretudo, pelos estratos sociais mais pobres e desfavorecidos, sem esquecer o contexto religioso de pluralidade, que favorecem o êxito da pregação neo-pentecostal da IURD e, conseqüentemente, de sua expansão. Tal expansão, como se pode observar, pode ser descrito e compreendido a

partir das suas estratégias de propaganda e de *marketing*, que se caracterizam pelo uso intenso dos meios de comunicação, e pelo emprego de uma retórica persuasiva sobre a “teologia da prosperidade”. De fato,

A propaganda ocupa, nas estratégias de expansão e de manutenção da IURD uma grande importância. Ela é de longe, a Igreja que investe mais em propaganda no Brasil. Assim, sua visibilidade social é decorrente deste investimento. Percebemos que, para atrair cada vez mais adeptos, a IURD elabora uma propaganda que não somente informa o que acontece em seu templo, mas desperta nos ouvintes, ou telespectadores, uma atenção que somente se resolve com a tomada de decisão – e até um templo iurdiano – único lugar onde se pode usufruir de tudo o que Deus tem preparado de bom para os homens.<sup>325</sup>

Atuando num contexto concorrencial do pluralismo religioso, a estratégia retórica da IURD se baseia em promessas para cura física e emocional, prosperidade material, libertação de demônio, resolução de problemas afetivos e familiares, de crise individual e de relacionamento interpessoal. A IURD incentiva, também, o crente a manter uma boa relação com Deus, fato que se identifica com uma qualidade de vida. Na visão da IURD isso corresponde a gozar de uma vida próspera e feliz ou a certeza de poder contar com uma efetiva intervenção divina em toda e qualquer circunstância, mesmo que seja para satisfazer interesses e ambições pessoais. Assim, a IURD estabelece um compromisso com o mundo, com seus valores e com seus interesses materiais e prazeres, invertendo a postura tradicional pentecostal de busca de salvação pelo ascetismo de rejeição pelo mundo. Fica, então, claro que há nessa estratégia de *marketing* e “teologia da prosperidade” da IURD uma evidente legitimação do neoliberalismo e da lógica do mercado, à medida que se incorpora a ideia de que a criação e a acumulação da riqueza são um direito que Deus dá aos crentes, anteriormente ao dever da justiça e da distribuição. Este fato estabelece uma interligação entre religião e negócio, que interessa ao mundo de hoje, fazendo com que a IURD atraia muitas pessoas que nela pensam poder se encontrar no mundo e dar sentido a sua vida.

---

<sup>325</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*. Op. cit. p. 472.

Na verdade, a IURD tira sua força de expansão não de uma verdadeira pneumatologia, como pretende sustentar seu fundador. Pelo contrário, ela tira sua força da ideia que se faz de Cristo e Salvação. Para ela, a Salvação em Cristo toma, radicalmente em conta, os problemas existenciais, mesmo os mais elementares. É nesse ponto que tais propostas teológicas da IURD representam um desafio para a Igreja.

Diante de tal desafio, voltar às fontes da fé, daria à Igreja uma vitalidade que a tornaria capaz de surpreender e de liderar sua fecundidade espiritual para a renovação que se impõe a ela. Para isso, como se viu, desde o Concílio Vaticano II, a Igreja só pode se compreender a partir da fé em um Deus trinitário, que se manifestou aos homens em Jesus Cristo sob a ação e assistência permanente do Espírito Santo. Os teólogos, como foi lembrado no decorrer deste trabalho, na sua grande maioria, são muito sensíveis a uma orientação trinitária da eclesiologia, articulando assim, de maneira harmoniosa, a reciprocidade da cristologia e da pneumatologia. Para Yves Congar, como já foi dito, o Cristo institui o seu corpo, a Igreja, e o Espírito Santo é o co-instituente da Igreja. O Cristo e o Espírito são inseparáveis na constituição e no desenvolvimento missionário da Igreja. O Vaticano II, já, também, citado, atribuiu-se a si mesmo a tarefa de reler a história, em vista de fazer o balanço de tantos séculos de evangelização, com o objetivo de preparar a Igreja para enfrentar os desafios do terceiro milênio do cristianismo.<sup>326</sup> Como se vê, não é possível comparar a pneumatologia iurdiana com a da Igreja. A Igreja sempre teve uma exigência hermenêutica escriturária, patrística, magisterial e teológica, sustentada, em diálogo constante com o mundo contemporâneo. Por outro lado, ela sempre levou a sério a consciência pascal no seu desenvolvimento trinitário, em direção ao Espírito Santo. A Igreja, como comunidade escatológica de Deus que é chamada a crescer em Cristo, é antes de qualquer coisa, uma Igreja do Espírito, pois é o Espírito do Pai e do Filho, primeiro dom feito aos cristãos depois

---

<sup>326</sup> BISHWENDE, Augustin Ramazani. *Pour une ecclésiologie trinitaire dans La postmodernité et la mondialisation. Tome II: De la déconstruction à la réception de Vatican II*. Paris: L'Harmattan, 2008, p.263.

da Ressurreição de Jesus dentre os mortos, que constitui a Igreja com Cristo e suscita testemunhos para anunciar o Evangelho da Ressurreição. Desse fato, a porta de entrada de uma verdadeira missão é a pneumatologia. O Espírito Santo antecipa o projeto de Deus em Cristo, em vista de salvar todos os homens através do corpo eclesial. Ele coconstitui a Igreja com Cristo e anuncia a Salvação de todos os homens, santificando-os na plenitude da vida beatificada e trinitária de Deus.

Por fim, acredita-se que, se a Igreja se concebe a partir de um grupo de pessoas em oração, lugar do surgimento do Espírito Santo aos homens e ao mundo; de enraizamento biológico, sócio-político-cultural dos batizados, ela pode instaurar o Reino de Deus na vida das pessoas e do mundo; ela pode, sob o impulso da ação do Espírito Santo em seu seio, atingir as expectativas dos homens e das mulheres, no seu contexto. Assim, a Igreja se torna, diferente da IURD, uma Igreja verdadeiramente profética e missionária conduzida e animada pelo Espírito Santo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

### a) Bíblia e Documentos Eclesiásticos

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 6ª ed., São Paulo: Paulus, 2010.

BENTO XVI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*, São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis*, São Paulo: Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA, PUEBLA. *A evangelização no futuro da América Latina*. Texto oficial da CNBB, 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1980, 338.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007, 301p.

DOCUMENTOS DA CNBB, N. 45. *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (1991-1994)*. São Paulo: Paulinas, 1991.

DOCUMENTOS DA CNBB, N. 46. *Plano Bienal dos Organismos Nacionais (1991-1992)*. São Paulo: Paulinas, 1991.

DOCUMENTOS DA CNBB, N. 48. *Das Diretrizes a Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

DOCUMENTOS DA CNBB, N. 53. *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, São Paulo: Paulus, 1994.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos do CELAM. RIO – MEDELLÍN – PUEBLA – SANTO DOMINGO*. São Paulo: Paulus, 2004, 878p.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965), 4ª ed., São Paulo: Paulus, 2007.

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS 242, *Diálogo e Anúncio*, 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1996.

ENCÍCLICAS DE JOÃO PAULO II, Col. “*Documentos da Igreja*”, São Paulo: Paulus, 1997, 1142 p.

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Slavorum Apostoli*, 2ª ed., São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem: O Espírito Santo na vida da igreja e do mundo*, 7ª ed., São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Carta Encíclica Redemptoris Missio: A vida permanente do mandato missionário*, 7ª ed., São Paulo: Paulinas, 2008.

## b) Referências bibliográficas

ALVES, Felipe Gabriel. *Análise do documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. N. 218. Petrópolis (junho 1995): p.385-390.

AMERINDIA. *A missão em debate. Provações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2010, 302p.

\_\_\_\_\_. (org.) *Sinais de esperança. Reflexão em torno dos temas da Conferência de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007, 91p.

ANJOS, Márcio Fabri dos (org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998, 345p.

ANTONIAZZI, Alberto. *A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo*. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos, nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994: p.17-23.

\_\_\_\_\_. et al. *Nem anjos, nem demônios. Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994

\_\_\_\_\_. *Perspectivas pastorais a partir da pesquisa*, in: VV. AA. *Desafios do catolicismo na cidade, pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. Coleção CERIS, São Paulo: Paulus, 2002, p.252.

APPIAH-KUBI, Francis. *L'Église, famille de Dieu*. Paris: Karthala, 2008, 334p.

BALDISSERI, Lorenzo. *Ação e Missão. Um itinerário eclesial no Brasil*. Brasília: Paulus, 2011, 310.



- BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; THOME, Takashi (org). *Mídias digitais*. São Paulo: Paulinas, 2005, 368p.
- BASTIDE, Roger. *As religiões no Brasil: uma contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- BEZERRA, Edir Macedo. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Universal, 1990.
- BISHWENDE, Augustin Ramazani. *Pour une ecclésiologie trinitaire dans La postmodernité et La mondialisation*. Tome I De R. Bellarmin à Y. Congar. Paris: L'Harmattan, 2008, 268p.
- \_\_\_\_\_. *Pour une ecclésiologie trinitaire dans La postmodernité et La mondialisation*. Tome II De La déconstruction à La réception de Vatican II. Paris: L'Harmattan, 2008, 301p.
- BIRMAN, Patrícia. *Culto de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens*. In: **Religião e sociedade; Pentecostes e nova era: fronteiras, passagens**. Rio de Janeiro: ISER. v. 17, n. 1-2
- \_\_\_\_\_. *Males e malefícios no discurso pentecostal*. In BIRMAN, P.; NOVAIS, R.; CRESPO, S. (org). *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ. p. 62-80.
- BITTECOURT FILHO, José Hortal Jesus. *Novos movimentos religiosos na Igreja e na Sociedade*, AM Edições, São Paulo: 1996.
- BITTENCOURT Estevão Tavares. OSB. *Igreja Universal do Reino de Deus In: Crenças, religiões, igrejas & seitas: quem são?* 5ª Edição, Coletânea dos artigos publicados na revista **O mensageiro de Santo Antônio** sob o título: Igreja & igrejas no período de 1989 a 1995.
- BLAKEBROUGH, Denise S. *La Renovación em El Espíritu Santo. Orígenes históricos, marco doctrinal, aspectos eclesiológicos*. 2.ed. Salamanca: Secretariado Trinitário, 2006,794.
- BORIS, Bobrinsky. *Le Mystère de La Trinité. Cours de théologie orthodoxe*. Paris: Éditions Du Cerf, 2003, 331p.
- BOSCH, David J. *Missão transformadora, mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo – RS: Ed. Sinodal, 2002, 682p.

BOFF, Leonardo; BUZZI, Arcângelo R. (coord). *O Espírito Santo: Pessoa, Presença, Atuação*. Petrópolis: Vozes, 1973, 157p.

\_\_\_\_\_. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. São Paulo: Vozes, 1986, 296p.

BORDEYNE, Philippe; VILLEMEN, Laurent (coord). *Vatican II et La théologie: Perspectives pour le XXI<sup>e</sup> siècle*. Paris: Éditions Du Cerf, 2006, 265p. (Cogitatio Fidei, 254).

CAMBÓN, Enrique. *Assim na terra como na Trindade*. São Paulo: Cidade Nova, 2000, 246p.

CAMPOS JR, Luiz de Castro. *Pentecostalismo*, São Paulo: Ática, 1995.

CARRANZA, Brenda. *Catolicismo Midiático*. São Paulo: Editora Idéias & Letras, 2011, 359.

\_\_\_\_\_. *Renovação carismática Católica: Origens, mudanças e tendências*. São Paulo: Ed Santuário, 2000, 230p.

\_\_\_\_\_; MARIS, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (org.). *Novas Comunidades Católicas: Em busca do espaço pós-moderno*. São Paulo: Editora Idéias & Letras, 2009, 288p.

CAZELLES, Henri. *Le Mystère de l'Esprit-Saint*. Paris: MAME, 1968, 191p.

CELAM, *Reflexões sobre Globalização e nova evangelização na América Latina e no Caribe 1999-2003*. São Paulo: Paulinas, 239p.

CÉSARÉE, Basile de. *Traité Du Saint-Esprit*. Paris: Éditions Du Cerf, 1945, 283p.

CHÉNO, Rémi. *L'Esprit-Saint et l'Église. Institutionnalité et pneumatologie. Vers un dépassement des antagonismes ecclésiologiques*. Paris: Éditions Du Cerf, 2010, 337p. (Cogitatio Fidei, 275).

CNBB. *Palavra de João Paulo II aos bispos do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003, 139p.

\_\_\_\_\_. *A Igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil (I)* (estudos da CNBB – 62), São Paulo: Paulinas, 1999, 118p.

COMBLIN, José. *Um novo amanhecer da Igreja?* 2<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 76p.

\_\_\_\_\_. *O Espírito Santo e a Libertação. Série II O Deus que liberta seu povo.* Petrópolis: Vozes, 1987, 231p.

\_\_\_\_\_. *O tempo da Ação. Ensaio sobre o Espírito e a História.* Petrópolis: Vozes, 1982, 389p.

CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito.* São Paulo: Paulinas, 2005, 228p. (Creio no Espírito Santo, 1).

\_\_\_\_\_. *“Ele é o Senhor e dá vida”.* São Paulo: Paulinas, 2005, 303p. (Creio no Espírito Santo, 2).

\_\_\_\_\_. *O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente.* São Paulo: Paulinas, 2005, 362p. (Creio no Espírito Santo, 3).

\_\_\_\_\_. *Chrétiens Desunis: Príncipes d’un “œcuménisme” catholique.* Paris: Éditions Du Cerf, 1937, 403p. (Unam Sanctam, 1).

\_\_\_\_\_. *Chrétiens em Dialogue: Contributions catholiques à l’œcuménisme.* Paris: Éditions Du Cerf, 1964, 576p. (Unam Sanctam, 50).

CORTEN, André. *Le Pentecôtisme ou Brésil. Emotion de pauvre et romantisme théologique.* Paris: Karthala, 1995 (Trad. Para o português: Os pobres e o Espírito Santo, o Pentecostalismo no Brasil, Petrópolis: Vozes, 1996).

COSTE, René. *L’Évangile de l’Esprit: Pour une théologie et une spiritualité intégrantes de l’Esprit Saint.* Paris: Éditions Du Cerf, 2006, 345p.

COUTO, Marcio A. e BATAGIN, Sônia (coord). *Novo milênio: perspectivas, debates, sugestões.* São Paulo: Paulinas, 1997, 155p.

DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação Social na Igreja: Documentos fundamentais.* São Paulo: Paulinas, 2003, 616p.

DENZINGER – HÜNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.* São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2007, 1467p.

DHAEM, Amauri Begasse de. *Théologie de la filiation et universalité du salut. L’anthropologie théologique de Joseph Wresinski.* Paris: Éditions Du Cerf, 2011, 628p. (Cogitatio Fidei, 277).

- DOZON, Jean-Pierre. *A Igreja Universal do Reino de Deus na Costa do Marfim. In: Igreja Universal do Reino de Deus, os novos conquistadores da fé.* São Paulo: Paulinas, 2003.
- DROBNER, Hubertus R. *Les Pères de L'Église. Sept siècles de littérature chrétienne.* Paris: Desclée, 1994, 637p.
- EDWARDS, Denis. *Sopro de Vida: Uma teologia do Espírito Criador.* São Paulo: Edições Loyola, 2007, 298p.
- FANTINO, Jacques. *La théologie d'Irénée. Lecture dès Écritures em réponse à l'exégèse gnostique. Une approche trinitaire.* Paris: Éditions Du Cerf, 1994, 450p. (Cogitatio Fidei, 180).
- F. CAYRÉ, A. A. *Précis de Patrologie et D'Histoire de La Théologie: Tome Premier: Livres I et II. 2<sup>a</sup> ed.* Paris: Desclée et Cie, Éditeurs Pontificaux, 1931, 740p.
- F. CAYRÉ, A. A. *Précis de Patrologie: Histoire et Doctrine des Peres et Docteurs de L'Église: Tome Deuxième: Livres III et IV.* Paris: Desclée et Cie, Éditeurs Pontificaux, 1930, 922p.
- FUELLENBACH, John. *Igreja comunidade para o Reino.* São Paulo: Paulinas, 2006, 353p.
- GARRIGUES, Jean-Miguel. *Le Saint-Esprit sceau de la Trinité. Le Filioque et l'originalité trinitaire de l'Esprit dans sa personne et dans as mission.* Paris: Éditions Du Cerf, 2011, 245p. (Cogitatio Fidei, 276).
- GRILLMEIER, Cardinal Aloys. *Le Christ dans La tradition chrétienne. De l'âge apostolique au concile de Chalcédoine (451).* Paris: Éditions Du Cerf, 2003, 1117p. (Cogitatio Fidei, 230).
- \_\_\_\_\_. *Le Christ dans La tradition chrétienne. L'Église d'Alexandrie, La Nubie et l'Éthiopie après 451.* Paris: Éditions Du Cerf, 1996, 603p. (Cogitatio Fidei, 192).
- GUTIÉRREZ, G.; CHENU, M. D.; RUGGIERI, G.; FREI BETTO. *Radiografia da Igreja hoje.* Petrópolis: Vozes, 1981, 130p.
- HAHN, Udo. *O Espírito Santo.* São Paulo: Edições Loyola, 2003, 62p.
- HARNACK, Adolf Von. *Mission et expansion du Christianisme: Dans les trios premiers siècles.* Paris: Éditions Du Cerf, 2004, 796p.

- HUMANN, François-Marie. *La relation de l'Esprit Saint au Christ. Une relecture d'Yves Congar*. Paris: Éditions Du Cerf, 2010, 397p. (Cogitatio Fidei, 274).
- ISAAC, Jean. *La Révélation Progressive des Personnes Divines*. Paris: Éditions Du Cerf, 1960, 209p.
- JEAN-PAUL II. *Je crois en l'Esprit Saint: La Pentecôte*. Paris: Éditions Du Cerf, 1992, 179p.
- KELLY, J. *Initiation à la Doctrine de Pères de L'Église*. Paris: Éditions Du Cerf, 1968, 531p.
- KÜNG, Hans; CONGAR, Yves; M<sup>e</sup>DOMINIQUE; RAHNER, Karl. *A Experiência do Espírito Santo*. Petrópolis: Vozes, 1979, 216p.
- L'AVEUGLE, Didyme. *Traité du Saint-Esprit*. Paris: Éditions Du Cerf, 1992, 445p.
- LAMBIASI, Francesco; VITALI, Dario. *Lo Spirito Santo: Mistero e Presenza: Per una sintesi di pneumatologia*. Bologna: EDB, 2005, 477p.
- LISON, Jacques. *L'Esprit répandu. La pneumatologie de Grégoire Palamas*. Paris: Éditions Du Cerf, 1994, 305p.
- LUBAC, Henri de. *Le Fondement Théologique des Missions*. Paris: Éditions du Seuil, 1946, 108p.
- LYS, Daniel. «Rûach» *Le Souffle dans l'Ancien Testament*. Paris: PUF, 1962, 384p.
- MACEDO, Edir . *O Discípulo do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Universal, 1997, 107p.
- \_\_\_\_\_. *O Avivamento do Espírito de Deus*. São Paulo: Universal, 2003, 44p.
- \_\_\_\_\_. *Vida com Abundância*. São Paulo: Universal, 2003, 62p.
- \_\_\_\_\_. *O Perfeito Sacrifício*. São Paulo: Universal, 2004, 69p.
- \_\_\_\_\_. *A Libertação da Teologia*. São Paulo: Universal, 2001, 132p.
- MESSINA, Jean-Paul. *Culture, christianisme et quête d'une identité africaine*. Paris L'Harmattan, 2007, 201p.

METZ, Jean-Baptiste. *Pour une Théologie du Monde*. Paris: Éditions Du Cerf, 1971, 180p. (Cogitatio Fidei, 57).

\_\_\_\_\_. *Memoria passionis. Um souvenir provocant dans une société pluraliste*. Paris: Éditions Du Cerf, 2009, 244p. (Cogitatio Fidei, 269).

\_\_\_\_\_. *La foi dans l'histoire ET dans La société. Essai de théologie fondamentale pratique*. Paris: Éditions Du Cerf, 1999, 264p. (Cogitatio Fidei, 99).

MOLTMANN, Jürgen. *L'Église dans la force de l'Esprit: Une contribution à l'ecclésiologie modern*. Paris: Éditions Du Cerf, 1980, 469p.

\_\_\_\_\_. *O Espírito da Vida. Uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998, 301p.

\_\_\_\_\_. *Trindade e Reino de Deus. Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000, 224p.

MÜHLEN, Heribert. *L'Esprit dans L'Église: Tome 1*. Paris: Éditions Du Cerf, 1969, 471p.

\_\_\_\_\_. *L'Esprit dans L'Église: Tome 2*. Paris: Éditions Du Cerf, 1969, 471p.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011, 277p.

POUDRIER, Roger. *Sopro de vida: O Espírito Santo na Bíblia*, 6<sup>a</sup> ed., São Paulo: Editora Santuário, 2001, 116p. (Renovação Carismática Católica, 14).

QUILLIET, Bernard. *L'acharnement Théologique: Histoire de la grâce en Occident III<sup>e</sup> – XXI<sup>e</sup> siècle*, Paris: Fayard, 2007, 700p.

RAGUIN, Yves, *Théologie Missionnaire de L'Ancien Testament*. Paris: Éditions Du Seuil, 1947, 124p.

RAHNER, Karl. *Traité fundamental de la foi*. Paris: Le Centurion, 1983, 517p.

REVEL, Jean-Philippe. *Traité des sacrements: I. Baptême et sacramentalité: 1. Origine et signification du baptême*. Paris: Éditions Du Cerf, 2004, 681p.

- \_\_\_\_\_. *Traité des sacrements: I. Baptême et sacramentalité: 1. Don et réception de la grâce baptismale*. Paris: Éditions Du Cerf, 2005, 811p.
- \_\_\_\_\_. *Traité des sacrements: II. La confirmation: Plénitude du don baptismal de l'Esprit*. Paris: Éditions Du Cerf, 2006, 799p.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Teologia em curso. Temas da fé cristã em foco*. São Paulo: Paulinas, 2010, 228p.
- RIVAS, Luis Heriberto. *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras*. São Paulo: Paulinas, 2001, 178p.
- RUBENS, Pedro. *Discerner La foi dans des contextes religieux ambigus. Enjeux d'une théologie du croire*. Paris: Éditions Du Cerf, 2004, 538p. (Cogitatio Fidei, 235).
- SÁNCHEZ ZARIÑANA, Humberto José. *L'être et La mission Du l'arc dans une église pluri-ministérielle. D'une théologie du laïc à une ecclésiologie de solidarité (1953-2003)*. Paris: L'Harmattan, 2009, 460p.
- SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática. Volume 1*. Petrópolis: Vozes, 2002, 558 p.
- SELLA, Adriano. *Por uma Igreja do reino. Novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial*. São Paulo: Paulus, 2010, 240p.
- SILOUANE, Ponga. *L'Écriture au-delà de La théologie, Le problème de la suffisance matérielle des Écritures*. Paris: Éditions Du Cerf, 2008.
- SILVA, Maria Freire da. *Trindade criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009, 287p.
- SMAIL, Tom. *A pessoa do Espírito Santo*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, 219p.
- TCHONANG, Gabriel. *L'essor du pentecôtisme dans le monde. Une conception utilitariste du salut en Jésus-Christ*. Paris: L'Harmattan, 2009, 446p.
- THEOBALD, Christoph. *La réception du concile Vatican II. I. Accéder à la source*. Paris: Éditions Du Cerf, 2009, 928p.
- VERMEYLEN, Jacques. *Le Marché Le Temple et l'Évangile: Itinéraires catholiques*. Paris: Éditions Du Cerf, 2010, 227p.

VOGÜÉ, Adalbert de. *Les Peres de l'Église au XX<sup>e</sup> siècle. Histoire, littérature, théologie. «L'aventure dès Sources chrétiennes»*. Paris: Éditions Du Cerf, 1997, 575p.

WEISS, Karl. *A Igreja que veio de Roma – Heresias e Contradições*. São Paulo: Universal, 1999, 164p.

### c) Dicionários

BERARDINO, Angelo di; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manlio (org.). *Dicionário de Literatura Patrística*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010, 1694p.

CENTRE: INFORMATIQUE ET BIBLE ABBAYE DE MAREDSOUS (Org.). *Dictionnaire Encyclopedique de la Bible*. Belgium: Maredsous, Brepols, 2002, 1373p.

DICIONÁRIO PATRÍSTICO E DE ANTIGUIDADES CRISTÃS. Petrópolis: Vozes, Paulus, 2002, 1483p.

EICHER, Peter. *Dictionnaire de Théologie*. Paris: Éditions Du Cerf, 1988, 838p.

KITTEL, Gerard (Org.). *Esprit. Dictionnaire Biblique*. Genève: Éditions Labor et Fides, 1971, 285p.

LACOSTE, Jean-Yves (Org.). *Dictionnaire critique de théologie*. Paris: PUF, 2007, 1587p.

LATOURELLE, René. *Dictionnaire de Théologie Fondamentale*. Paris: Éditions Du Cerf. 1992, 1535p.

### d) Jornais e Revistas

Estado de São Paulo

Folha de São Paulo

Folha Universal

Jornal da Tarde

Jornal do Brasil



Revista Veja